



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGL

**Se tu te ajudas, tu me ajudas: um estudo crítico da (inter)ação
no discurso de autoajuda**

Maria de Fatima Carvalho de Oliveira Felix

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviane C. Vieira Sebba Ramalho

Brasília

2013

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGL

Maria de Fatima Carvalho de Oliveira Felix

**Se tu te ajudas, tu me ajudas: um estudo crítico da (inter)ação
no discurso de autoajuda**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística, área de concentração *Linguagem e Sociedade*.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviane C. Vieira Sebba Ramalho

Brasília

2013

Maria de Fatima Carvalho de Oliveira Felix

Se tu te ajudas, tu me ajudas: um estudo crítico da (inter)ação no discurso de autoajuda

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre, área de concentração *Linguagem e Sociedade*, defendida em 06 de março de 2013 à Banca Examinadora constituída pelas professoras:

Dra. VIVIANE CRISTINA VIEIRA SEBBA RAMALHO

Universidade de Brasília (UnB) – Presidenta

Dra. MARIA CARMEN AIRES GOMES

Universidade Federal de Viçosa (UFV) – Membro Efetivo

Dra. VIVIANE DE MELO RESENDE

Universidade de Brasília (UnB) – Membro Efetivo

Dra. JULIANA DE FREITAS DIAS

Universidade de Brasília (UnB) – Membro Suplente

Com todo meu amor, à minha Tomázia.
Com todo meu amor, ao meu Getulino.
Com todo meu amor, ao meu João Carlos.

Agradecimentos

Esse texto é fruto do trabalho de muitas pessoas especiais que, direta ou indiretamente, me ajudaram a concluir minha caminhada neste percurso. Sou “extremamente” grata a todos/as, cada qual por seu porquê.

Agradeço ao meu esposo, João, por todo apoio, incentivo, conhecimento compartilhado, carinho, amor; toda uma estrutura que possibilitou que eu me dedicasse a este trabalho. Ma’ rapá, eu nem sei o que faria sem seu apoio.

Agradeço aos meus pais, Tomázia e Getulino, por todo amor, incentivo constante e por me ensinarem as maiores lições que eu aprendi na vida. Agradeço às melhores irmãs e irmão do mundo, Fernanda, Flávia, Fábria, Zulene e Rodolfo. Agradeço às minhas crianças: Beatriz, Sofia, Enzo e Ana Rafaela (Bia, as crianças nunca crescem pra nós). E Joãozinho e Eriquinha e Geovana e Juan e André. Agradeço às minhas vizinhas Maria Augusta (minha linda guerreira, para sempre em meu coração) e Maria Carvalho e às minhas tias/os Maria, Lúcia, Rose, Elpídio e Chico. Agradeço a D. Noêmia e Seu Daniel. Também agradeço às cunhadas e cunhados.

Agradeço aos meus/minhas irmãos/ãs de coração, da super patota ninja, Loide, Tatianne, Fáuston, Fabiana, Aduato e Elaine. Agradeço às minhas irmãs/amigas Elizanete, Arinete, Gesianne, amigades que ultrapassam anos e anos e continuam firmes, apesar das ausências. Também agradeço às/aos amigas/os Débora, Alessandra, Lucimar, Dárlinton, Jossean, Deane, Josi, Edneila (para sempre em meu coração), Patrícia, Rosely, Monique, Karlla, Andressa, Maysa, Márcia, Ebinho, Renata, Miri, Raquel, Helenita, Elizama, Swe, Zé Carlos, Paula, Pedro, Yessika e aos meus queridos irmãos e irmãs do grupo de quinta, pela amizade, companheirismo e intercessões.

Agradeço aos/às companheiros/as e amigos/as de trabalho, que me apoiaram na luta diária de colega que “trabalha-e-estuda”: Fabio, Daltiva, Juliana Montalvão, Luciana, Régis, Ricardo, Vânia, Seu Riba, Laura, Thiago, chefe Adalton: a vocês, meu muito obrigada!

Agradeço também à minha queridíssima Simone Obando, pela amizade e lições de violino e de vida!

Agradeço aos meus/minhas professores/as das escolas públicas da Ceilândia, que me ensinaram e me incentivaram durante meu percurso acadêmico.

Agradeço especialmente à minha orientadora Dra. Viviane Ramalho, pela acolhida como orientanda, por tudo que partilhou comigo e pelas preciosíssimas lições.

Agradeço às professoras e aos professores que me ensinaram e me inspiraram a insistir na aprendizagem: Dra. Viviane Resende, Dra. Maria Luisa Corôa, Dr. Dionei Gomes, Dra. Edna Muniz, Dra. Laura Pardo, Dra. Rozana Reigota. Agradeço especialmente à Dra. Viviane Resende, à Dra. Maria Carmen Gomes e à Dra. Juliana Dias, que aceitaram generosamente o convite para compor a Banca Examinadora e me presentearam com preciosas contribuições, tão preciosas e imprescindíveis para o aperfeiçoamento deste trabalho. Agradeço também à Renata, à Ângela e à Gabriela, profissionais competentíssimas que fazem parte da equipe PPGL, pela gentileza e profissionalismo constantes.

Agradeço à Risalva e ao Gersiney Pablo por essa trilha de estudos e amizade compartilhados e pelo apoio tão generoso em momentos de dificuldade. Agradeço também à Vângela e à Ailana, companheiras de luta e orientação. Agradeço também aos amigos e colegas que tive a sorte de conhecer e compartilhar muitas aprendizagens: Cíntia Pacheco, Sônia Margarida, Amanda Rutland, Andreia Santos, Anna Clara, Pilar Acosta, Gissele, Júnia, Manoel, Ramon, Nara, Carol Alvin e os demais, não menos especiais.

Agradeço a todos que minha memória, no momento, não alcançou, mas foram essenciais na realização deste processo.

Agradeço aos/às membros/as do grupo FlybabiesnoBrasil, pela colaboração em minha pesquisa.

Agradeço a Deus, pois, sem Ele, nada seria, e por Ele, eu sou.

Mediante palabras puede un hombre hacer dichoso a otro
o empujarlo a la desesperación;
mediante palabras el maestro transmite su saber a los discípulos [...].
Palabras despiertan sentimientos y son el medio universal con el
que los hombres se influyen unos a otros.

Sigmund Freud
(*Conferencias de introducción al*
psicoanálisis (parte i y ii) (1915-1916))

Resumo

Este estudo faz uma investigação sociodiscursiva acerca da literatura de autoajuda, mais especificamente de aspectos composicionais de dois livros de autoajuda mais vendidos no Brasil, no período de 2000 a 2010. O objetivo da pesquisa, qualitativa e documental, é analisar aspectos (inter)acionais, representacionais e identificacionais implicados na composição de textos que materializam o gênero situado “livro de autoajuda”, selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa, quais sejam, os livros *O monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança*, de James C. Hunter, e *Nunca desista de seus sonhos*, de Augusto Cury. O principal referencial teórico-metodológico da pesquisa é a Análise de Discurso Crítica de vertente britânica e latino-americana (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003a, 2003b, 2008; RAMALHO & RESENDE, 2011; RESENDE & RAMALHO, 2006), em interface com teoria social sobre ideologia (THOMPSON, 2002) e constituição de discursos da autoajuda e do aconselhamento (BOSCO, 2001; RÜDIGER, 1996; ILLOUZ, 2010; 2011; CHAGAS, 2002; CHENG, 2008; PAPALINI & RIZO, 2012). Apresento aspectos da conjuntura social situada de produção-divulgação-consumo de literatura de autoajuda, assim como uma análise dessa prática social particular. Na análise textual, foram utilizadas categorias linguístico-discursivas ligadas, em princípio, ao significado (inter)acional do discurso. A preocupação social primeira da pesquisa diz respeito à postura dialético-transformacional de que sentidos de textos têm efeitos na vida social e são capazes, então, de servir a intentos de grupos hegemônicos para mudar maneiras de (inter)agir/gêneros, mudar relações sociais e conformar identidades. Os resultados da pesquisa apontam que a composição genérica dos textos analisados tem potencial para servir como suporte de difusão e legitimação de discursos particulares que podem ser inculcados em identidades/estilos.

Palavras-chave: gênero discursivo; literatura de autoajuda; discurso de autoajuda.

Abstract

This study is an investigation socio-discursive about the self-help literature, specifically the compositional aspects of two best-selling self-help books in Brazil, from 2000 to 2010. The purpose of the research, qualitative and documentary, is to analyze aspects (inter) ational, representational and identificacional involved in the composition of texts that embody the genre situated "self-help book," selected to form the corpus of this research, namely, *O monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança*, by James C. Hunter, and *Nunca desista de seus sonhos*, by Augusto Cury. The main theoretical and methodological research is Critical Discourse Analysis strand of British and Latin American (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003a, 2008; RAMALHO & RESENDE, 2011; RESENDE & RAMALHO, 2006), interfacing with social theories about ideology (THOMPSON, 2002) and constitution of discourses of self-help and counseling (BOSCO, 2001; RÜDIGER, 1996; ILLOUZ, 2010, 2011; CHAGAS, 2002; CHENG, 2008; PAPALINI & RIZO, 2012). I present aspects of the situated social environment production-consumption-disclosure self-help literature, as well as an analysis of this particular social practice. In textual analysis, categorization was used discursive language-related, in principle, the meaning (inter) actional discourse. The first concern of social research concerns the dialectical stance—that sense of transformational texts have effects on social life and are able then to serve the hegemonic attempts to change ways of (inter) act / genres, changing social relations and conform identities. The research's results show that the generic composition of the analyzed texts has the potential to serve as a support diffusion and legitimation of particular discourses that can be inculcated in identity / styles.

Key-words: Critical analysis discourse; Self-help literature; Self-help discourse.

Lista de Ilustrações

Figura 1.1 – Capa do livro “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, de Dale Carnegie.....	8
Figura 2.1 – Momentos da prática social, segundo a ADC.....	46
Figuras 2.2 – Relações dialéticas entre os significados do discurso.....	49
Figura 4.1 - Discursos vinculados à literatura de autoajuda	77
Figura 4.2 – Capa do livro <i>The servant - A simple story about the true essence of leadership</i> . Versão original. Capa do livro “O monge e o executivo”. Versão brasileira.	81
Figura 4.3 – Percurso padrão da aventura mitológica do herói, segundo Campbell (2010: 38)	94
Figura 4.4 – Diagrama da Jornada do Herói, segundo Campbell (2010: 241)	96
Figura 4.5 – O velho e o novo paradigma. O monge e o executivo.....	105
Figura 4.6 – Capa do Livro 2 “Nunca desista dos seus sonhos”.....	113

Lista de Tabelas

Quadro 1.1 – Itinerário do mercado editorial brasileiro.....	27
Quadro 1.2 – Livros mais vendidos no Brasil e no mundo.....	30
Quadro 1.3 – Obras brasileiras do segmento “espiritualidade”.....	30
Quadro 2.1 – Estratificação da realidade, segundo Bhaskar (1998).....	43
Quadro 2.2 – Relação entre o social e o semiótico.....	45
Quadro 2.3 – Significados do discurso.....	47
Quadro 2.4 – Modos de Operação da Ideologia, segundo Thompson (2002).....	52
Quadro 3.1 - Procedimentos teórico-metodológicos da ADC	57
Tabela 3.2 – Resultado de consulta: quantidade de livros de autoajuda oferecidos pelas livrarias.....	64
Tabela 3.3 – Quantidade de listas de livros mais vendidos consultadas na revista <i>Veja</i>	65
Tabela 3.4 – Tabela com os quinze livros mais vendidos no período de 2000 a 2010 no Brasil.....	66
Tabela 3.5 – Classificação dos livros de acordo com os critérios das editoras.....	67
Tabela 3.6 – Livros de autoajuda, de acordo com <i>Veja</i> e com as editoras.....	68
Tabela 3.7 – <i>Corpus</i> documental principal	69
Quadro 4.1 – Pré-gêneros, gêneros desencaixados e gêneros situados	76
Quadro 4.2 – Composição genérica do <i>corpus</i> de pesquisa	76
Quadro 4.3 – Ficha técnica de “O monge e o Executivo”	80
Quadro 4.4 – Apresentação da editora Sextante no próprio – site oficial	83
Quadro 4.5 – Macro-organização semântica do livro <i>O monge e o executivo</i>	92
Quadro 4.6 – Macrorrelação semântica meta- procedimentos em <i>O monge e o executivo</i>	93

Quadro 4.7 – Quadro-resumo da <i>jornada do herói</i> (CAMPBELL, 2010; VOGLER, 2006) em <i>O monge e o executivo</i>	97
Quadro 4.8 – Interdiscursividade em <i>O monge e o executivo</i> : Prólogo	102
Quadro 4.9 – Interdiscursividade em <i>O monge e o executivo</i> : Cap. 1 – As definições.....	103
Quadro 4.10 – Interdiscursividade em <i>O monge e o executivo</i> : Capítulo 2 – O velho paradigma	104
Quadro 4.11 – Interdiscursividade em <i>O monge e o executivo</i> : Capítulo 3 – O modelo	106
Quadro 4.12 – Modelo de liderança proposto em <i>O monge e o Executivo</i>	107
Quadro 4.13 – Apresentação do livro <i>Nunca desista dos seus sonhos</i> no site da Sextante	112
Quadro 4.14 – Ficha técnica de “Nunca desista dos seus sonhos” (Livro 2).....	112
Quadro 4.15 – Macro-organização retórica/estrutura genérica do gênero situado <i>Nunca desista dos seus sonhos</i>	117
Quadro 4.16 – Macro-organização semântico do livro <i>Nunca desista dos seus sonhos</i>	118
Quadro 4.17 – Macrorrelação semântica meta-objetivo/procedimentos para alcançá-lo em <i>Nunca desista dos seus sonhos</i>	118
Quadro 4.18 – Macro-organização semântica interna do livro <i>Nunca desista dos seus sonhos</i> : exemplos	119
Quadro 4.19 – Macrorrelações semânticas no livro <i>Nunca desista dos seus sonhos</i>	123

Sumário

Apresentação	1
Capítulo 1 - Autoajuda: uma “receita de sucesso”	6
1.1 Literatura de autoajuda: um pouco de história	6
1.2 Literatura de autoajuda e práticas terapêuticas na modernidade tardia	13
1.3 O produto livro de autoajuda	23
1.3.1 O mercado editorial de autoajuda no Brasil	26
1.3.2 O discurso-chave do aconselhamento	31
Capítulo 2 – Análise de Discurso Crítica: perspectiva teórico-metodológica para o estudo do discurso de autoajuda	35
2.1 Análise de Discurso Crítica como abordagem teórico-metodológica	35
2.2 Concepção de linguagem/discurso na ADC e literatura de autoajuda como tema social de pesquisa	37
2.3 Práticas sociais, eventos sociais e textos	42
2.4 Efeitos sociais de textos: ideologia e poder como hegemonia	50
Capítulo 3 – Percurso Metodológico	56
3.1 Delineamento teórico-metodológico da pesquisa	56
3.2 Pesquisa qualitativa documental	60
3.2.1 Delimitação do <i>corpus</i> de pesquisa	63
Capítulo 4 – Tecnologias discursivas em um gênero de sucesso	72
4.1 Texto, significado e interpretação	71
4.2 Considerações sobre gênero	73
4.3 Analisando os textos que materializavam o gênero situado livro de autoajuda	78

4.3.1 O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança	80
.....
4.3.1.1 Estrutura genérica	84
4.3.1.2 Macrorrelações semânticas	91
4.3.1.3 Interdiscursividade	100
4.3.1.4 Algumas considerações	111
4.3.2 Nunca desista de seus sonhos	112
4.3.2.1 Estrutura genérica	113
4.3.2.2 Macrorrelações semânticas	118
4.3.2.3 Representação e identificação	124
4.3.2.4 Algumas considerações	133
Considerações Finais	136
Referências	143



Apresentação

Todos os dias, pessoas que têm acesso a tecnologias de informação são “expostas” a diversas manifestações do discurso de autoajuda: mensagens enviadas por emails – as famosas apresentações PPS –; textos motivadores em reuniões de trabalho; livros com fotografias; filmes; figuras com imagens de pessoas ou bichos em situações cotidianas. Esses textos são eventos discursivos relacionados à prática social da literatura de autoajuda, que tem registros de publicações desde o século XIX (BOSCO, 2001). Um dos precursores foi o livro de Samuel Smiles, *Self Help (Auto Ajuda)*, de 1859. Também, inúmeros textos “clássicos”, de várias épocas, são/foram utilizados com a finalidade de servir como textos motivacionais. É o caso, por exemplo, de livros como *O Pequeno Príncipe* (2006, [1972]), de Antoine de Saint-Exupéry – um texto “clássico” vastamente usado como motivação para reflexões.

Conforme Rüdiger (1995), a literatura de autoajuda propõe-se a preencher lacunas possivelmente provocadas pela modernidade na vida das pessoas: o vazio existencial; a solidão; os problemas que antes eram compartilhados em família, com laços de amizade ou com as figuras conselheiras de líderes espirituais; o esfriamento da religiosidade; as frustrações amorosas; etc. Além disso, segundo relata Illouz (2010:12), outros temas debatidos dentro das investigações a respeito da modernidade tardia também são recorrentes e motivadores para livros de autoajuda:

a burocratização, o narcisismo, a construção de um falso “eu”, o controle das vidas modernas por parte do Estado, o colapso das hierarquias culturais e morais, a intensa privatização da vida causada pela organização social capitalista, o vazio do “eu” moderno separado das relações comunitárias, a vigilância em grande escala, a expansão do poder e a legitimação estatais, e a “sociedade de risco” e o cultivo da vulnerabilidade do eu.¹

Alguns desses temas, como, por exemplo, a colonização da vida privada pela organização social capitalista, a vigilância em grande escala etc. também são parte da agenda dos estudos discursivos críticos desenvolvidos em *Análise de Discurso Crítica*, a base teórico-metodológica para esta investigação sobre o discurso de autoajuda.

Podemos considerar a literatura de autoajuda um dos maiores “fenômenos de sucesso” do mercado editorial do século passado e deste século. Ela significou, para alguns segmentos de mercado, uma alternativa viável e lucrativa no mercado editorial

¹ Os textos originais em língua estrangeira foram traduzidos pela autora.

que, no final da década de 1980 e início da década de 1990, passava por “readaptações” nas sociedades capitalistas. De acordo com Rüdiger (1995: 9), a literatura de autoajuda é “um conjunto de relatos, de manuais, de textos, às vezes multimídia, que ensina como conduzir a vida, sobrepujar a depressão, manejar com pessoas, exercitar a sexualidade, parar de fumar, prosperar financeiramente, etc.”. O autor também destaca que esse tipo de literatura moderna

conta-se entre os fenômenos de indústria cultural que construíram seu próprio universo espiritual e responderam com sucesso às demandas colocadas [também criadas] pelas condições que suscitaram seu florescimento, engendrando, com o passar do tempo, uma série de práticas, sobretudo de leitura, através das quais o indivíduo comum vem tentando descobrir, dentro de si, os recursos e a solução dos problemas pessoais criados pela vida moderna. (RÜDIGER, 1995: 9. Acréscimos meus).

O fenômeno autoajuda constitui, por conseguinte, uma série de práticas que oferecem apoio, estratégias, recursos para o “cultivo de si”, o manejo da interioridade, para, supostamente, as próprias pessoas buscarem resolver seus problemas, lidar com as dificuldades impostas pelas relações estabelecidas pela organização da sociedade na modernidade tardia, e, assim, supostamente conseguirem alcançar certas posições individuais ou sociais que, na realidade, são criadas e condicionadas por discursos hegemônicos engendrados pela lógica do capitalismo, a exemplo de grandes monopólios de comunicação, de mercado editorial, mas também de estilos de vida.

Esta pesquisa é parte das atividades desenvolvidas no projeto “Gêneros discursivos, representações e identidades nas mídias”, coordenado pela Profa. Dra. Viviane Ramalho (RAMALHO, 2010, 2011, 2012; SILVA & RAMALHO, 2012). Neste estudo específico, de minha autoria, realizo uma investigação sociodiscursiva acerca da literatura de autoajuda. Meu principal objetivo é investigar aspectos (inter)acionais, representacionais e identificacionais implicados na composição de textos que materializam o “gênero situado livro de autoajuda”, selecionados para compor o *corpus* da pesquisa.

Os objetivos específicos foram delineados da seguinte maneira:

1. Apresentar aspectos da conjuntura social, bem como da prática particular, de produção e composição de livros de autoajuda;
2. Investigar (inter)ações discursivas no *corpus* principal;
3. Investigar processos de articulação e hibridização de gêneros e discursos com potencial para legitimar representações particulares;
4. Investigar processos de identificação com potencial para constituir/conformar identidades à lógica de propósitos de grupos hegemônicos;

Para a realização desta investigação, foi constituído um *corpus* principal, de base documental, formado pelos livros *O monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança*, de James C. Hunter, e *Nunca desista de seus sonhos*, de Augusto Cury.

O principal referencial teórico-metodológico adotado para o desenvolvimento da pesquisa foi a Análise de Discurso Crítica de vertente britânica e latino-americana (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003a, 2003b, 2008; RAMALHO & RESENDE, 2011; RESENDE & RAMALHO, 2006) em interface com teoria social sobre ideologia (THOMPSON, 2002) e constituição de discursos de autoajuda e de aconselhamento (BOSCO, 2001; RÜDIGER, 1996; ILLOUZ, 2010; 2011; CHAGAS, 2002; CHENG, 2008; PAPALINI & RIZO, 2012).

Com esses objetivos específicos em vista, e com base na concepção dialética de linguagem e sociedade, desenvolvi a pesquisa com o olhar voltado ao aspecto discursivo associado ao aspecto social. Para a análise textual, que consiste em uma das etapas da investigação sociodiscursiva, consideramos, como propõe Fairclough (2003a: 10), a existência de três elementos analiticamente distinguíveis: 1) a produção do texto, na qual podem ser evidenciados os aspectos relacionados aos/às produtores/as, autores/as, escritores/as; 2) o texto em si – que é o foco desta pesquisa; 3) a *recepção* do texto, na qual ganham destaque a interpretação, os/as intérpretes, os/as leitores/as, os/as ouvintes. O segundo elemento, *os textos em si*, é o foco desta pesquisa e refere-se à análise realizada no Capítulo 4, no qual analiso os textos do *corpus* de pesquisa.

A investigação dos aspectos sociais da pesquisa foi delineada no Capítulo 1, no qual abordei a constituição do produto “livro de autoajuda” e a sua consolidação como produto de consumo de massa, em que também analiso também a prática particular do problema de pesquisa.

Nos demais capítulos, dediquei-me a apresentar a Análise de Discurso Crítica (ADC) como base teórico-metodológica da pesquisa e o percurso metodológico empreendido para a delimitação e organização do *corpus* principal. No Capítulo 2 – *Análise de Discurso Crítica: perspectiva teórico-metodológica para o estudo do discurso de autoajuda* – discuto aspectos teóricos da ADC, com vistas a apresentar conceitos centrais que fundamentam esta pesquisa e discutir por que essa teoria, dado seu caráter crítico-explanatório, é adequada para a investigação do problema social, com viés discursivo. Já no Capítulo 3 – *Percurso Metodológico* – descrevo o percurso

metodológico pelo qual foram delineados os procedimentos de coleta e análise de dados que formam o *corpus* desta pesquisa.

Ao final deste itinerário, apresento as Considerações finais e reflexões a respeito das análises, com a perspectiva de que esta investigação crítica possa servir de contribuição para pesquisas futuras acerca da literatura de autoajuda e dos estudos discursivos, além de poder compartilhar resultados com aqueles/as que colaboraram comigo nesse percurso.

Os resultados da pesquisa apontam que a composição genérica dos textos analisados tem potencial para servir como suporte de difusão e legitimação de discursos particulares que podem ser inculcados em identidades/estilos.



(Fonte: <http://alifanfarrao.blogspot.com.br/2012/02/vida-besta-auto-ajuda.html>).

Capítulo 1

Autoajuda: uma “receita de sucesso”

Neste capítulo, busco contextualizar a conjuntura social situada de produção-divulgação-consumo da literatura de autoajuda. Na Seção 1.1, delimito um panorama histórico dessa literatura, que teve sua ascensão no século XX e transformou-se em um “fenômeno de sucesso” de consumo nas sociedades ocidentais capitalistas. Na Seção 1.2, discuto os aspectos relacionados ao desenvolvimento de práticas terapêuticas, assim como algumas características de instituições e relações sociais na modernidade tardia, organizada em torno de princípios do novo capitalismo, com base em Giddens (1991, 2002), Chouliaraki e Fairclough (1999), Chagas (2002). Posteriormente, na Seção 1.3, inicio a discussão com uma apresentação a respeito da literatura de autoajuda, com base em Bosco (2001), Illouz (2010, 2011), Rüdiger (1995), na qual abordo a “autoajuda” como uma prática social: sua consolidação como um discurso-chave e um “produto de sucesso” em sociedades contemporâneas.

1.1 - Literatura de autoajuda: um pouco de sua história

A literatura de autoajuda não é um fenômeno recente: tem registros de publicações desde o século XIX. Um dos principais precursores foi o livro do autor britânico Samuel Smiles, intitulado *Auto Ajuda (Self-Help)*, de 1859. Foi esse livro também que consagrou a expressão “autoajuda”. Nessa obra, o autor descreveu o que ele acreditava serem as virtudes necessárias para a realização pessoal e incentivava seus/suas leitores/as a exercitarem essas virtudes, essenciais para a construção do que o padrão hegemônico da época dizia ser “um bom caráter”. De acordo com Bosco (2001), o livro de Smiles era um manual com recomendações de trabalho duro e abnegação, com o objetivo final de crescimento social. O autor ressalta que a literatura de autoajuda, pensada nos moldes dos livros de Smiles, primava por orientar as pessoas

para a autonomia. Smiles sugeria que “confiar em si mesmo é moral e economicamente correto.” (SMILES, s/d: 185).

A preocupação estava centrada na ideia de aperfeiçoamento do “eu”, que conseqüentemente traria melhorias para a comunidade. Era, na realidade, uma literatura que tentava amenizar o caráter negativo e “pecaminoso”, segundo a ética religiosa, da acumulação de dinheiro; funcionava, portanto, como legitimação do capitalismo em pleno desenvolvimento. Com base na ética protestante, os primeiros manuais de autoajuda disseminavam a “crença no desenvolvimento das potencialidades individuais” e atribuíam o sucesso “como resultado das qualidades naturais do indivíduo. As raízes da autoajuda americana [tiveram], então, sua origem em tradições religiosas” (BOSCO, 2001:7).

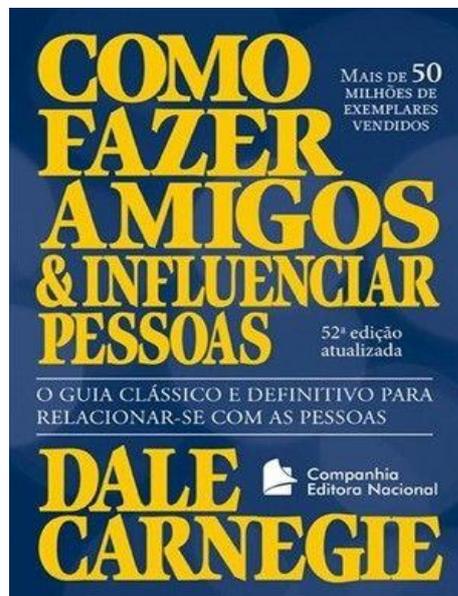
Já no final do século XIX e início do século XX, a literatura de autoajuda passou por um processo de mudanças, saindo do ensinamento do cultivo das virtudes para o desenvolvimento das qualidades da personalidade e do cultivo das habilidades pessoais. Desses movimentos que deram impulso ao desenvolvimento dessa nova abordagem na literatura de autoajuda, destacaram-se os manuais *how-to-do-books* (em tradução livre, *manuais de como fazer* – um exemplo seria “*manuais de como fazer um jardim em casa*”, ou “*faça você mesmo sua casa*” etc). Eles tiveram sua ascensão na década de 1930, nos Estados Unidos. Eram publicações que continham um “conjunto de prescrições técnicas para qualquer atividade cotidiana: dos passos para construção de um bote até as técnicas para uma oração eficaz.” (BOSCO, 2001:12-13). A literatura de autoajuda “herdou” desses manuais a “técnica de ensino”:

(...) [para] cada aspecto da vida comum há uma publicação especializada que aconselha tecnicamente o leitor. Para os manuais de autoajuda, parcela da literatura de *how-to-do*, a personalidade deve tornar-se agradável, pois há uma intenção final de vender serviços. Comercializa-se a cordialidade e há a necessidade de instrumentos legítimos – por exemplo, o especialista – que servirão de ajuda na criação das ciências de manipulação da personalidade.

Nessa perspectiva, Dale Carnegie ([1936], 1981), autor de *Como fazer amigos e influenciar pessoas* (Figura 1.1), segundo Bosco (2001:14), “vê a personalidade não mais como um fruto de um cultivo interior ou uma mentalização positiva”, como propagavam os primeiros manuais, mas “como uma orientação interior orientada pela técnica, neste caso, pelas novas ciências das relações humanas e da comunicação”.²

² O livro já está na 52ª edição brasileira. Já foram vendidos mais de 50 milhões de exemplares no mundo, segundo informação de capa da referida edição.

Figura 1.1 - Capa do livro “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, de Dale Carnegie



Fonte:

<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=15017922&sid=01694112215110499674149174>. Acesso em 10/1/2013.

É importante ressaltar que o desenvolvimento e a consolidação da literatura de autoajuda contemplam, ao mesmo tempo, várias áreas da vida em sociedade. Todavia, a ligação entre o mundo empresarial, as técnicas terapêuticas e o mercado editorial foi a responsável pelo “aprimoramento” do mercado de livros de autoajuda, conforme destaca Ehrenreich (1977):

A literatura de autoajuda, mesmo que não tenha por objetivo somente o sucesso financeiro e pessoal e procure atingir variados aspectos da vida, mantém elo com a esfera das atividades produtivas. A personalidade vendável, percebida por exemplo em Carnegie, é também o resultado da expansão das classes de administradores profissionais (*Professional-managerial classes*) no capitalismo monopolista e burocrático do século XX. Um corpo de profissionais que nasce com a ideia da “administração científica” torna-se um exército de conselheiros, psicólogos, técnicos, assistentes sociais, etc., que reproduz a cultura capitalista e suas relações de classe. (EHRENREICH, 1977).³

Contudo, atribui-se à psicanálise, sobretudo à sua popularização na sociedade estadunidense do século XX, a criação de pontes entre as práticas especializadas da psicologia, neurologia, psiquiatria e medicina, e a cultura popular. As teorias freudianas

³ Citado por Bosco (2001:14).

foram positivamente recebidas e difundidas nos meios acadêmicos por parcelas significativas de médicos/as e escritores/as, que disseminaram esse diálogo por muitas vias da cultura estadunidense, principalmente no cinema e na literatura de aconselhamento (ILLOUZ, 2011: 19). A psicanálise e a psicologia transformaram-se em fontes de lucro para a indústria do aconselhamento, porque usufruíam da credibilidade atribuída pelo meio acadêmico a essas práticas que, em parte, as legitimava como ciência.

Além de abordarem uma ampla variedade de temas, “todos” reconhecidos como objeto de estudo da ciência, essas linhas – ligadas à produção de algumas práticas terapêuticas – preconizavam que suas investigações sobre esses objetos eram objetivas e totalmente científicas. Assim, apossando-se do discurso da psicologia e da psicanálise, conforme Illouz (2011: 19), a literatura de autoajuda firmou-se no mercado consumidor, pois oferecia produtos que acolhiam, em parte, “a teoria e a história pessoal, o geral e o particular, a ausência de juízos de valor e a normatividade”, conceitos que, segundo a autora, eram comumente atribuídos à produção científica. Em relação à ideia de a autoajuda ser caracterizada por “ausência de juízos de valor”, é imprescindível ressaltar que essa “ausência” tem um valor “genérico”, isto é, ela é simulada, pois sabe-se que, apesar da aparência de “neutralidade”, passada pelos/as escritores/as em seus textos, conforme indicam dados da pesquisa, livros de autoajuda, por definição, recorrem a juízos de valor como recurso argumentativo.

É importante destacar que considero, aqui, por *práticas terapêuticas*, o conjunto de “objetos ecléticos” (ILLOUZ, 2010:12), tais como: o método da “cura pela fala”; livros de autoajuda comerciais com proposta de solução rápida; grupos de apoio [sem supervisão de profissionais ou sem a utilização de métodos com eficácia comprovada]; programas de treinamento de assertividade; trabalhos, mesclados ao mundo empresarial, desenvolvidos por profissionais da psicologia, com objetivos diferentes da atividade-fim da psicologia; e uma variedade de programas de televisão que fornecem aconselhamentos terapêuticos.⁴ Ainda conforme Illouz (2011: 20),

diferente de outras profissões, o trabalho dos psicólogos e dos psicanalistas passou a fazer parte de várias práticas sociais. Esses profissionais atuavam em áreas que iam das “Forças Armadas à criação de filhos, passando pelo marketing e pela sexualidade”; e muitos usavam “a literatura de aconselhamento para afirmar essa vocação” irrestrita. No século XX, esses

⁴ No Brasil, há alguns programas com esse formato. Por exemplo, temos o programa “Casos de Família”, veiculado pelo Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, que aborda temas variados, com a participação de pessoas que vivenciam o tema escolhido e oferecem seus depoimentos a respeito dele. Em seguida, geralmente, um psicólogo, um psicoterapeuta, oferece “conselhos técnicos” a respeito do caso.

profissionais entrelaçavam suas atividades de aconselhamento e orientação com “uma multiplicidade de problemas, nos campos da educação, comportamento criminal, (...) casamento, programas de reabilitação em presídios, sexualidade, comportamento econômico”, etc. Porém, o entrelaçamento mais significativo das práticas terapêuticas foi com o meio empresarial estadunidense, no qual os “psicólogos entrelaçaram os sentimentos com o campo da ação econômica, sob a forma de um modo radicalmente novo de conceber a produção”.

Ainda, segundo Illouz (2011:21), o período decorrido entre as décadas de 1880 e 1920 foi chamado de era dourada do capitalismo, durante a qual “o sistema fabril se estabeleceu, o capital centralizou-se, a produção foi padronizada, as organizações se burocratizaram e a mão de obra foi incorporada às grandes empresas”.

As relações entre trabalhadores/as e donos/as das empresas, com o trabalho dos/as psicólogos/as, mudaram drasticamente. Uma nova ideologia era repassada: em vez de capitalistas “gananciosos/as e egoístas”, surgiram sistemas de gestão com dirigentes “racionais, responsáveis e previsíveis”, que mantinham uma relação impessoal e “mecânica” com seus/suas subordinados/as, mas que precisavam de estratégias eficientes que pudessem aumentar a produtividade das empresas. Os/as psicólogos/as, então, mostraram-se como solução para esse impasse; passaram a servir como “facilitadores/as” do diálogo entre empregados/as e dirigentes. Sob a encomenda dos/as dirigentes empresariais, que necessitavam de soluções para problemas de disciplina e de produtividade, os/as psicólogos/as articularam o discurso do/a gestor/a com o discurso da psicologia, o qual preconizava que deveria ser dada atenção ao indivíduo, “à dimensão irracional das relações de trabalho e aos sentimentos dos trabalhadores.” Resultado: descobriram que “a produtividade aumentava quando as relações de trabalho continham atenção e cuidados para com os sentimentos dos trabalhadores.” (ILLOUZ, 2011:22). Resultado: aumento vertiginoso de lucros para os/as empresários/as e consolidação da prática terapêutica – intervenção direta ou via literária – como opção válida de solução para problemas de “inadequações econômico-sociais”. Illouz (2011:28) também evidencia que

[a] linguagem da psicologia teve enorme sucesso na moldagem do discurso da identidade empresarial, porque pôde dar sentido às transformações do local de trabalho capitalista e porque tornou naturais novas formas de competição e hierarquias, todas as quais eram extrínsecas ao credo psicológico em si, porém cada vez mais codificadas por eles.

Arelada às técnicas terapêuticas como via de interação, a linguagem desempenhou importante papel no desenvolvimento das práticas terapêuticas. Na tentativa de adequação às exigências impostas pelo mercado, o discurso da terapia

absorveu de maneira eficiente as tecnologias de informação, além de aprimorar a interação entre usuários/as das técnicas terapêuticas e seus/suas executores/as. A linguagem permitiu e ofereceu ao modo de fazer da terapia inúmeras adaptações e possibilidades de construção de significados, que foram usados como motes para projetos particulares de dominação.

As primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos, são marcadas pela transição da maneira de organização das empresas. Elas começaram a expandir-se e, para adequação ao novo tamanho, criaram novos escalões de administradores/as entre os empregados/as e a alta direção – substituindo, assim, a “figura” do/a empresário/a frio/a e intransigente, que se preocupava apenas com lucros, ou do “capataz”, que fazia o controle rígido das atividades. Além disso, cada vez mais a sociedade estadunidense organizava-se em torno de uma economia de serviços. Os/as psicólogos/as, então, ofereceram subsídios ao desenvolvimento de uma “linguagem empresarial” que facilitava a adequação das relações humanas entre empresários/as e empregados/as às exigências do mercado – produtividade, lucros.

Os psicólogos funcionaram como “especialistas do conhecimento”, desenvolvendo ideias e métodos para aprimorar as relações humanas (...). Além disso, para os administradores e os proprietários de empresas, a linguagem da psicologia se adequava particularmente a seus interesses: os psicólogos pareciam prometer nada menos do que aumentar os lucros, combater a agitação trabalhista, organizar as relações entre gestores e empregados de um modo que evitasse o confronto e neutralizar as lutas de classe, ao formulá-las na linguagem benigna dos sentimentos e da personalidade, pelo lado dos trabalhadores, a linguagem da psicologia era atraente porque parecia ser mais democrática, pois fazia a boa liderança depender da personalidade e da capacidade de compreensão do outro, e não do privilégio inato e da posição social. (ILLOUZ, 2011: 29).

Dessa forma, no período compreendido entre 1930 e 1970, as diversas teorias “administrativas”, desenvolvidas pelos/as psicólogos/as populares em guias de administração, tinham por principal preocupação e objetivo a “comunicação”, ou “competência comunicativa”, – “atributos afetivos, linguísticos e, em última instância, pessoais do bom administrador e membro competente da empresa” (ILLOUZ, 2011:31). Era uma “ferramenta” e um “repertório cultural usado como um modo de ajudar a coordenar os agentes entre e dentro deles mesmos”. Além desse significativo entrelaçamento entre práticas terapêuticas e psicologia, esta também deu grandes contribuições e/ou alterações nas perspectivas de outras instâncias sociais.

O uso da linguagem foi decisivo para o desenvolvimento da influência mútua entre as práticas terapêuticas e empresariais, uma vez que as relações sociais e as

interações comunicativas eram/são possibilitadas pelas tecnologias da linguagem, desenvolvidas especialmente para os propósitos empresariais. Além disso, os livros facilitaram a penetração das práticas terapêuticas, por causa de seu alcance. Enquanto um/a psicólogo/a atendia a um/aq paciente ou a um pequeno grupo de pacientes, ou outros profissionais prestavam consultoria para uma pessoa ou empresa, um livro podia ser vendido para muitas pessoas ao mesmo tempo, e lido e compartilhado de forma mais eficiente em vários lugares. A *quase-interação mediada*, característica dos produtos de massa (THOMPSON, 2002), foi determinante para o desenvolvimento e consolidação de práticas sociais lucrativas que usam tecnologias de linguagem como principais ferramentas estratégicas.

Os anos de 1960 a 1970 marcaram a consolidação da expansão dos produtos desenvolvidos para a sociedade de “massa”, dentre os quais estava a literatura de autoajuda. Em relação aos livros de autoajuda, que tinham espaço cativo entre os/as leitores/as estadunidenses, os que mais ganharam destaque foram os livros de cunho psicológico. Starker⁵ (1989) relata que a *pop psychology* anunciava que o sucesso pessoal não era apenas uma “subordinação incondicional aos ditames das organizações e às exigências sociais de ascensão individual”: o sucesso também abarcava aspectos relacionados à profissão, à economia ou a “papeis sociais institucionalizados (família)”, os quais deveriam receber atenção e valorização por parte do indivíduo.

Essa nova fase da literatura de massa marcou a valorização do eu interior, e do espaço privado, fomentando o movimento social de introspecção proposto pelo *ethos* terapêutico (BOSCO, 2001; CHENG, 2008; RÜDIGER, 1995). Nesse caminho, a sociedade ampliou sua interdependência em relação à produção e ao consumo de produtos em massa: a publicidade “deixa de relatar as características físicas dos produtos e passa a relacionar suas qualidades terapêuticas” (BOSCO, 2001:19); as técnicas encontradas nos manuais da autoajuda refletem o desenvolvimento e a atualização dos temas, de acordo com as necessidades do mercado – além da utilização de recursos textuais ou imagéticos para atrair a atenção de possíveis leitores/as.

É importante ressaltar que os Estados Unidos da América são os maiores produtores e consumidores desse tipo de literatura e, atualmente, exportam seus livros – os chamados *Best Sellers* – para o mundo. Inúmeros mercados editoriais em outros países, com muitas publicações no segmento de autoajuda, traduzem os textos

⁵ Citado por Bosco (2001:19).

estadunidenses e os adéquam aos contextos de recepção. Esses livros, com algumas “adaptações”, conseguem repetir ou superar o sucesso com o público estadunidense em outras partes do mundo e que, muitas vezes, não têm a menor semelhança com a realidade estadunidense.

No Brasil, na década de 1990, o mercado editorial nacional também “volve os olhos” para a literatura de autoajuda que, segundo Bosco (2001), configurou-se como uma estratégia editorial de investimento privilegiado em nichos de mercado. Ela também foi adotada por causa das dificuldades enfrentadas por esse mercado. Na Subseção 1.3.1, discutirei alguns aspectos do mercado editorial da autoajuda no Brasil.

O discurso da autoajuda na modernidade avançada é, portanto, um discurso-chave “tecnologizado”, isto é, consiste em um tipo de tecnologia discursiva pautada na racionalidade técnica do “*manager*”, do terapeuta, que coloniza o mundo da vida – o trabalho, as relações sociais, as subjetividades, a vida privada – (BOSCO, 2001; FAIRCLOUGH, 2008 [1992]). Como Cheng (2008: 2) resume:

[o]s valores tradicionais americanos de individualismo, autoaperfeiçoamento, e trabalho duro apoiou a publicação e a popularidade dos livros de autoajuda desde o início. (...) Ao longo dos anos a autoajuda tem se expandido para temas seculares e agora se aplica a quase todos os aspectos da vida: casamento, riqueza, saúde, carreira, educação infantil, dependência, felicidade, etc. Apesar de sua longa história, o gênero de autoajuda recebeu pouca atenção dos estudiosos até os últimos 25 anos, quando o número de publicações duplicou, e os editores e os empresários aproveitaram a oportunidade para expandir autoajuda para outras mídias: televisão, DVD, série de palestras, oficinas, sites, etc. Agora, uma indústria de autoajuda toda prospera.

Essa observação reforça, portanto, a necessidade do desenvolvimento de estudos que se preocupem em entender esse fenômeno que tem potencial para veicular sentidos ideológicos. Estudos críticos podem contribuir para desvelar essas possíveis manipulações simbólicas. Na seção seguinte, teço algumas considerações acerca da literatura de autoajuda e das práticas terapêuticas na conjuntura da modernidade tardia, em que se situa o problema de pesquisa.

1.2 – Literatura de autoajuda e práticas terapêuticas na modernidade tardia

As sociedades capitalistas, ao longo da história, passaram por inúmeras transformações em sua organização. As formas de organização social, em cada época, configuram-se, em parte, conforme posições e interesses de grupos hegemônicos,

incluindo revisões de padrões de comportamento, pensamento, de vida. A respeito dessas mudanças na modernidade Giddens (1991:10) comenta que os

modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intensionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. Existem, obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equívoco pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira. Mas as mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos — um diminuto período de tempo histórico — foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las.

Giddens (1991:92) destaca que, nas sociedades pré-modernas, eram mais predominantes as relações de parentesco como suporte para organização e estabilização de laços sociais através do tempo e espaço, “cosmologias religiosas como modos de crença e práticas rituais fornec[iam] uma interpretação providencial da vida humana e da natureza”. Além disso, “a tradição era considerada um meio de conectar presente e futuro; orientado para o passado em tempo reversível”. Nas sociedades modernas, segundo o autor, predominam um contexto geral de relações de confiança em sistemas abstratos desencaxados, nos quais as relações pessoais de amizade ou intimidade sexual tornaram-se meios de estabilizar laços sociais; os sistemas abstratos transformaram-se em meios de estabilização por intermédio de relações através de extensões indefinidas de tempo-espaço; e o pensamento contrafactual passa a ser orientado para o futuro como um modo de conectar passado e presente.

Essas alterações nas formas de vida modernas, ou na “modernidade tardia”, intensificaram-se mais ainda, criando verdadeiras rupturas em relação ao modo de vida da sociedade pré-moderna. Conforme Giddens (1991), as pessoas foram impelidas, de diversas formas e por diversas razões, a migrarem para os grandes centros urbanos em busca de condições econômicas viáveis à subsistência; e as novas projeções para formas de agir socialmente transformaram a constituição das famílias, das relações de parentesco, amizade e vizinhança, além das relações trabalhistas. O papel da Igreja também sofreu considerável redução de participação na intimidade das pessoas, deixando-as “espiritualmente” fragilizadas e abandonadas à própria razão, ou ao que se acreditava ser espiritualmente estável, conforme o autor. De modo geral, as pessoas

foram impelidas pela lógica do capitalismo a tornarem-se solitárias, competitivas e isoladoras – transformando o *individualismo* em uma posição marcante e impositiva do capitalismo tardio.

A respeito das mudanças relacionadas à linguagem no sistema de relações de exploração capitalista, Chouliaraki e Fairclough (1999:4) refletem:

[As] mudanças sociais criaram novas possibilidades e oportunidades para muitas pessoas. Elas também causaram consideráveis rupturas, sofrimento para sociedades, comunidades e indivíduos (...). Elas também afetaram profundamente nosso sentido de “eu” e de “lugar”, causando considerável confusão e o que tem sido referido amplamente como a perda de significado (...). Se benéficas ou prejudiciais, elas são amplamente percebidas como inevitáveis. Os processos econômicos e sociais contemporâneos em escala global e enorme complexidade aumentam a sensação de impotência e de incompreensão.

O capitalismo industrial, que perdurou até meados de 1970 no mundo, provocou, segundo Horkheimer (1976: 171), o surgimento de movimentos de massa, condicionadores do modo de viver cotidiano, que “fabricam” “um estilo de comportamento para os homens (*sic*) que, privados de sua espontaneidade pelo processo industrial, necessitam de que lhes digam como fazer amigos e influenciar pessoas”. Segundo o autor, esses movimentos penetram na maneira como as pessoas programam compromissos, “escolhem as palavras na conversação diária e esquematizam sua vida interior, numa tentativa de fazer de si mesmas um aparelho eficiente e ajustado aos modelos difundidos em escala de massa pela indústria da consciência”. O mercado, a par desses movimentos, busca alternativas, que também são oportunidades de gerar mais lucros, para produzir, ofertar e vender produtos idealizados para essas demandas. Muitas vezes esses produtos também criam outras demandas, como pode ser observado em alguns livros de autoajuda, que criam estereótipos de comportamentos e os oferecem nos livros como produtos para consumo. É possível perceber, nesse caso, um movimento de colonização da vida privada e profissional, do mundo da vida, nos termos de Habermas (1984;1987a), citado em Chouliaraki e Fairclough (1999), por sistemas e pela racionalidade instrumental, das práticas terapêuticas, no caso aqui problematizado. Isso implica que os discursos peritos da/s terapia/s podem ter efeitos nas maneiras de (inter)agir, nas relações sociais, nas representações de mundo, assim como nas maneiras de ser, ou seja, em identidades.

A modernidade tardia é, também para Bosco (2001: 22), o “lugar de rompimento com as estruturas sociais fundadas na responsabilidade comunal, na coletividade, na tradição”. Para ele, “a suspensão destes elos abre a possibilidade de um indivíduo livre

para se constituir, mas, ao mesmo tempo, essa individualidade é assolada pelos problemas gerados por esta própria constituição”. Ramalho (2008: 12) define, no campo dos estudos críticos do discurso, a atual conjuntura como um “estágio da modernidade, que é produto social e de lutas hegemônicas, marcado pela radicalização dos traços desencaixadores básicos da modernidade e por um paradigma econômico capitalista baseado na oferta de serviços e no manuseio de informações”.

Em relação às transformações enfrentadas e impostas à sociedade capitalista, Giddens (2002:19, destaques meus) nota que

(...)a modernidade traz mudanças importantes no ambiente social externo do indivíduo, afetando o casamento e a família assim como outras instituições; *mas as pessoas continuam a viver suas vidas como sempre fizeram, enfrentando da melhor maneira que podem as transformações sociais à sua volta.* (...) as circunstâncias sociais não são separadas da vida pessoal, nem são apenas pano de fundo para ela. Ao enfrentar problemas pessoais, os indivíduos ativamente ajudam a reconstruir o universo da atividade social à sua volta. O mundo da alta modernidade certamente se estende bem além dos domínios das atividades individuais e dos compromissos pessoais. E está repleto de riscos e perigos, para os quais o termo “crise” – não como mera interrupção, mas como um estado de coisas mais ou menos permanente – é particularmente adequado. No entanto, ele também penetra profundamente no centro da auto-identidade e dos sentimentos pessoais. O “novo sentido de identidade (...) é uma versão aguda de um processo de “encontrar-se” a si mesmo que as *condições sociais da modernidade impõem a todos nós*”. É um processo de intervenção e transformação ativas.

Há duas considerações importantes que devem ser feitas em relação às ideias defendidas por Giddens. A primeira está relacionada à forma como as pessoas enfrentam “as transformações sociais à sua volta”. Primeiro, as condições sociais são díspares nos espaços sociais divididos pelas pessoas. Há lugares em que, simplesmente, há precária condição humana de sobrevivência, como em países empobrecidos, em que milhares morrem a cada ano por falta de alimentos e cuidados básicos de saúde; ou em países “ricos e emergentes”, nos quais a riqueza, nas mãos de poucos/as, “divide” espaço com a miséria de muitos/as.

A segunda ponderação relaciona-se às “condições sociais [impostas] a todos nós”. A sociedade atual vive sob a hegemonia da lógica capitalista que ideologicamente – e de fato – procura impor suas condições “sufocantes” a todos, formando grupos de pessoas disponíveis para o consumo irrefreável e submissas ao sistema opressor. Essa imposição delinea diferentes maneiras pelas quais as pessoas “deveriam” viver suas vidas, nessa busca de “encontrar-se a si mesmo/a”, conforme argumenta Giddens (2002). Contudo, vale repensar essa “imposição”, uma vez que nem sempre é possível afirmar que todas as pessoas tenham acesso a todas as instâncias sociais da organização

capitalista, como, por exemplo, meios para “usufruir” os possíveis benefícios que o capital poderia propiciar. Vale ressaltar também que essa ideia de imposição de condições sociais “trazidas” pela modernidade não caracteriza suficientemente o modo de vida em sociedade. Sabe-se que essas condições são recursos e causas engendradas por grupos hegemônicos, proponentes e sustentadores das relações de exploração do capitalismo tardio.

Ainda, Giddens (1991: 77) descreve que a sociedade passa para um processo de organização e dependência – a meu ver, dependência e organização muitas vezes impostas por práticas hegemônicas e discursos hegemônicos que buscam impor essa situação como supostamente natural e única possível – em torno desses sistemas. Segundo o autor, o mundo moderno pode ser caracterizado, principalmente, pela “confiança das pessoas nos sistemas abstratos e técnicos”. Os conhecimentos especialista e profissional, gerenciadores e organizadores dos ambientes material e social, conforme o autor, substituíram as instituições tradicionais, passando a se configurarem como sistemas-base da confiança das pessoas para dirigirem suas vidas. Isto é,

A confiança em sistemas assume a forma de compromissos sem rosto, nos quais é mantida a fé no funcionamento do conhecimento em relação ao qual a pessoa leiga é amplamente ignorante. A confiança em pessoas envolve compromissos com rosto, nos quais são solicitados indicadores da integridade de outros (no interior de arenas de ação dadas). (GIDDENS, 1991:80).

Assim, conforme Giddens (1991), a demanda da modernidade é a de confiar estritamente nesses sistemas abstratos, potencialmente capazes de oferecer “segurança ontológica aos indivíduos” em geral. A constituição da subjetividade ocorre, portanto, dentro desse caráter reflexivo da modernidade, e o “eu” procura, então, sua identidade entre as “estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos” (GIDDENS, 1991: 124).

Entre os diversos sistemas peritos desenvolvidos na modernidade tardia, um de grande destaque é o sistema da terapia. Segundo Illouz (2010), muitos estudos e críticas têm sido desenvolvidos em torno do tema terapia, em suas mais diversas manifestações. Inclusive, a autora resalta que uma parte da crítica feita em relação à modernidade tardia – considerando suas diferentes ontologias e metodologias – sugere que a psicologia “expressa um individualismo atomizado que acredita – ou, ao menos, fomenta – as mesmas enfermidades que assegura curar.” (ILLOUZ, 2010: 13). Ainda nessa linha, a autora destaca que, enquanto a psicologia – aqui com uma significação

mais ampla –, supostamente, direciona e ajuda as pessoas a resolverem a crescente dificuldade em entrar ou permanecer em relações sociais, ela também incentiva as pessoas a colocarem suas necessidades e preferências acima dos compromissos que têm umas para com as outras. Dessa forma, sob a égide do discurso terapêutico, as relações sociais são dissolvidas por “um utilitarismo pernicioso que condena a falta de compromisso com as instituições sociais e legitima uma identidade narcisista e superficial”.

Para efeitos de estudo, a autora designou o termo “terapia”, ou práticas terapêuticas, para englobar vários “objetos ecléticos” (ILLOUZ, 2010:12), como, por exemplo, o método da “cura pela fala”, livros de autoajuda comerciais com proposta de solução rápida, grupos de apoio, programas de treinamento de assertividade, e programas de televisão que fornecem “um show” de aconselhamento terapêutico, como, por exemplo, o show de Oprah Winfrey, muito famoso nos EUA. Esses exemplos seriam, na verdade, uma espécie de “terapia expressa”, um produto vendável, que poderia ser encontrado fora dos tradicionais consultórios de psicanalistas, psicólogos e fábricas de *managers* (*gerentes, administradores/as*), em termos semelhantes aos propostos por Fairclough (2003a).

Vale ressaltar a preocupação de Illouz (2010) em relação ao papel exercido pelo discurso terapêutico na contemporaneidade. A autora descreve a existência de duas linhas de estudos do impacto da prática terapêutica na modernidade: a primeira atribui ao consumo e à prática terapêutica a rápida integração às instituições da modernidade do “eu moderno”. Estudiosos como Lionel Trilling, Philip Rieff, Christopher Lasch e Philip Cushman⁶ ocupam-se dessa linha sociológica de abordagem. Esse processo de integração do eu às instituições da modernidade, segundo esses autores, teve sérias implicações. Primeiro, fez com que a cultura perdesse seu poder de transcendência e de oposição à sociedade institucionalizada; segundo, por causa do potencial de sedução do consumo e da autoabsorção terapêutica, houve “declínio de qualquer oposição séria à sociedade e esgotamento cultural generalizado da civilização ocidental”. Ela também afirma:

Já sem capacidade para criar heróis e estabelecer valores e ideais culturais, o “eu” se retirou de dentro de sua própria concha vazia. Ao fazermos um chamamento para nos retirar de dentro de nós mesmos, a doutrina terapêutica nos fez abandonar os grandes mundos da cidadania e da política, e não pode nos proporcionar um modo inteligível de conectar o “eu” privado com a esfera pública, porque esvaziou o “eu” de seu conteúdo comunitário e

⁶ Citados por Illouz (2010:14).

político, substituindo-o por sua preocupação narcisista por si mesmo. (ILLOUZ, 2010: 13).

A segunda linha de estudos da prática terapêutica ocupa-se de tentar entender a maneira de atuação da terapia como ferramenta eficiente de propagação de sentidos ideológicos. Illouz (2010:14) destaca os estudos de Foucault (1995) a respeito do discurso terapêutico. Segundo a autora, Foucault preocupava-se em entrelaçar as relações de poder no tecido social, revelando, assim, que o projeto psicanalítico de liberação do “eu” era, na verdade, uma forma de disciplinamento e submissão ao poder institucional por “outros meios”. Ela relata:

O que leva a que os “discursos psi” sejam particularmente eficazes na era moderna é que fazem da prática do autoconhecimento um ato simultaneamente epistemológico e moral. Longe de mostrar o rosto duro do censor, o poder moderno adota o rosto benevolente de nosso psicanalista, que não resulta ser senão um nó de uma vasta rede de poder, uma rede onipresente, desbotada e total em seu anonimato e sua imanência. O discurso da psicanálise é assim uma “tecnologia política do eu”, um instrumento usado e desenvolvido no quadro geral da racionalidade política do Estado; seu mesmo objetivo de emancipar ao eu é o que faz que o indivíduo seja dócil e disciplinado. (ILLOUZ, 2010: 14).

A primeira linha de estudo, ao final, enfatiza o discurso terapêutico como um promotor da junção entre o “eu” e a sociedade. Essa junção, porém, tem potencial para transformar o “eu” em consumidores/as e alienados/as de sua condição de vida em comunidade. Já os estudos desenvolvidos por Foucault, numa perspectiva mais estruturalista, sugerem que, por intermédio da terapia, o “eu” é, imperceptivelmente, induzido a trabalhar para um sistema de poder, além de se adequar a ele.

Fairclough (2003a) também destaca a figura do terapeuta e do *manager* como personagens de destaque na configuração do capitalismo tardio, principalmente pelo fato de esses dois campos de atuação social usarem de forma significativa as tecnologias da informação, incluindo as tecnologias discursivas. Isto é, os novos usos da linguagem como recurso importante para elaboração, divulgação, disseminação e penetração dessas práticas na vida social na modernidade tardia. É nessa perspectiva que esta pesquisa se insere: busco investigar essa articulação significativa entre a linguagem e as práticas terapêuticas, mais especificamente, em livros de autoajuda, além de investigar o papel da linguagem na construção de significados por meio dessa prática, e na sustentação de relações desiguais de poder impostas pelos grupos sociais hegemônicos.

É importante frisar que a autora citada, bem como este trabalho, não partilham da ideia de que a prática terapêutica – em sentido amplo – esteja disponível ou acessível a todos/as, embora se saiba que sua disseminação caminha junto com a

circulação de informações e mercadorias pelo mundo e mostra-se presente em instâncias sociais de atuação de grupos hegemônicos, o que de forma indireta ou direta pode afetar a vida de milhões de pessoas. Illouz (2011) apresenta, em *O amor nos tempos do capitalismo*, uma importante discussão a respeito do papel dos afetos na história da sociedade moderna e a relação deles com o desenvolvimento dos métodos terapêuticos. Ela assim destaca:

Tradicionalmente, os sociólogos têm concebido a modernidade em termos do advento do capitalismo, da ascensão das instituições políticas democráticas ou da força moral da ideia de individualismo, porém dão pouca atenção ao fato de que, paralelamente aos conhecidos conceitos de mais-valia, exploração, racionalização, mal-estar ou divisão do trabalho, a maioria das narrativas sociológicas da modernidade conteve, em tom menor, uma outra história: as descrições ou os relatos do advento da modernidade em termos de afetos. (...) sem que tenham conhecimento disso, as descrições sociológicas canônicas da modernidade contêm se não uma teoria completa dos afetos, pelo menos numerosas referências a eles: angústia, amor, rivalidade, indiferença, culpa, há tudo isso na maioria dos relatos históricos e sociológicos das rupturas que levaram à era moderna.

Além das preocupações estritamente materiais, é imperativa a necessidade de se estudar eventos sociais relacionados à maneira como as pessoas lidam com a realidade, como constroem sua relação de intimidade com o mundo exterior e quais práticas sociais entrelaçam-se e interferem na constituição do “eu” pessoal e o “eu” social, principalmente, por meio da linguagem. A prática terapêutica propõe se estabelecer como um recurso viável para as pessoas conseguirem construir essas relações. Por fim, é possível depreender que “na relação público-privado, a intimidade torna-se, progressivamente, gerenciada por elementos advindos da esfera pública. Bellah⁷ (1985: 127) afirma: “o problema colocado pela terapia não é que a intimidade está tiranicamente assumindo o controle da vida pública. É que muito da estrutura puramente contratual do mundo econômico e burocrático está se tornando um modelo ideológico para a vida pessoal”. Isso nos leva à questão dos processos de (auto)identificação.

Para Giddens (2002: 9), e diversos outros/as autores/as (HALL, 2003; BAUMAN, 2001), há um processo de crise de identidades no contexto da modernidade tardia, uma vez que profundas mudanças vivenciadas no mundo atual alteraram drasticamente a configuração das relações entre as pessoas. Ele ressalta que a modernidade alterou radicalmente a natureza da vida social cotidiana, modificando, assim, todos os aspectos pessoais da existência do indivíduo. Giddens (2002: 75) destaca que a *reflexividade do eu* na modernidade tardia “é contínua, e tudo penetra. A

⁷ Citado por Bosco (2001: 20).

cada momento, ou pelo menos a intervalos regulares, o indivíduo é instado a autointerrogar-se em termos do que está acontecendo”. Essa reflexividade é resultado de um processo de constituição do “sujeito”, que o expõe a contínuas transições na vida, exigindo dele constantes reorganizações psíquicas, que acabam se tornando características da identidade.

Hall (2003: 13) caracteriza o “sujeito pós-moderno” como aquele que “não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente”, já que essa identidade é uma “celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Ele também sugere que os indivíduos da pós-modernidade são indivíduos com “identidades contraditórias”, com identificações constantemente “deslocadas”. A esse respeito, Hall (2003: 9) observa que

[u]m tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Castells (2008: 22) define identidade como o processo de construção de significado com base em “um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. Assim, segundo o autor, a construção de identidades envolve certos fatores, que favorecem a sua sedimentação: a história, geografia, biologia, instituições produtivas reprodutivas, a memória coletiva, fantasias pessoais, relações de poder e influências religiosas. Conforme o autor, “esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.” (CASTELLS, 2008: 23).

Silva (2009) esclarece que as identidades estão vinculadas a sistemas de representação socialmente atribuídos – “a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a representações de poder.” (SILVA, 2007: 91). Woodward (2007: 17) destaca que a representação “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são

produzidos, posicionando-nos como sujeito.”. A autora também esclarece que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos por intermédio dos significados produzidos pelas representações, que podem ser compreendidas como um processo cultural que estabelece identidades individuais e coletivas, além dos sistemas simbólicos nos quais elas se baseiam para dar sentidos aos questionamentos do mundo da vida. A autora também evidencia que esses sistemas simbólicos podem, inclusive, tornar possível o que somos e o que podemos nos tornar, em termos de identidade:

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (...). Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. (Woodward, 2007: 17-19).

Nessas discussões acerca da formação e da crise de identidades na modernidade tardia, é possível refletir a respeito do potencial da literatura de autoajuda, como um gênero discursivo situado para legitimar o discurso-chave da reflexividade institucional moderna (o aconselhamento) e ser inculcado em novas maneiras de ser/identidades. Os livros oferecem possibilidades de mudanças de comportamento, atitude, pensamentos, sentimentos, valores, crenças; em suma, conselhos que têm potencial para mudar maneiras de agir, de representar e de ser.

Por fim, as ideias expressas por esses/as autores/as em muito corroboram para a importância de se estudar o “fenômeno autoajuda”. Partindo dessa explicação introdutória a respeito de características da modernidade tardia, conjuntura em que se consolida o discurso de autoajuda, é possível conhecer um pouco mais a respeito da literatura de autoajuda que tão bem encontrou seu espaço de atuação na sociedade. Estudos acerca do discurso terapêutico, por si sós, poderiam proporcionar “um compêndio de variados temas que constituem a sociologia (e a crítica) da modernidade”, conforme Illouz (2010:12).

Conforme reforçam Chouliaraki e Fairclough (1999:4), as mudanças vividas/provocadas/impostas às pessoas decorrem de ações de pessoas e/ou grupos particulares que buscam conquistar e manter posições privilegiadas que, geralmente se originam na exploração, seja de mão de obra ou por meio do estímulo ao consumo. Problematizar essas posições hegemônicas é uma das preocupações das ciências sociais críticas, assim como da ADC, engajada com a busca de mudanças sociais positivas em relações de poder.

Na próxima seção, a discussão ensejada tratará a respeito do “produto livro de autoajuda”, do mercado editorial e do discurso-chave do aconselhamento.

1.3 – O “produto livro de autoajuda”

Chagas (2002: 30) explica que, no cenário da modernidade tardia, a mentalidade moderna “contribui, de uma forma ou de outra, para a legitimação, o reconhecimento e a ascensão das promessas de bem-estar e realização pessoal proclamadas pelo mercado da felicidade.” Para o autor, o mundo pós-moderno – o que estou designando na pesquisa como “modernidade tardia” – é “transitório, veloz e globalizado, um universo que se justifica, sobretudo, pelos ideais de progresso técnico e desenvolvimento econômico e pelas políticas do neoliberalismo.” Assim,

o indivíduo pós-moderno, então, agora livre e solitário, não encontrando mais um mundo social (externo) estável e seguro, volta-se para si, para seu mundo imaginário, assim, procura encontrar forças superiores para se autoajudar. Os pregadores de autoajuda, por sua vez, “possuindo o dom” de transformar os indivíduos, fazem a manutenção dessa condição, anunciando solenemente as receitas para se viver bem, realizado e feliz. (CHAGAS, 2002: 31).

Entre as várias manifestações que fazem parte das práticas terapêuticas, a literatura de autoajuda conseguiu destacar-se pelas características que reúne. Conforme Bosco (2001: 22), a convergência dos fatores “confiança na técnica terapêutica” e “constituição aberta de uma individualidade, não associada a valores morais ou comuns tradicionais” favoreceu o consumo de uma “literatura popular destinada a solucionar problemas pessoais”.

É no cenário da modernidade tardia que se estabelecem, com expressividade, os livros de autoajuda. Esse tipo de literatura – também um produto de consumo em massa – tem, por função precípua e explicitamente declarada, “ensinar” aos/às seus/suas consumidores/as métodos capazes de resolver problemas emocionais, sociais, econômicos, físicos, espirituais etc. Geralmente, os livros apresentam uma situação-problema enfrentada e superada pelos/as autores/as – profissionais de diversas áreas do conhecimento “especializado”, ou não –, por personagens criadas pelos/as autores/as, ou por pessoas famosas, ícones da política, religião etc. Depois, contextualizam essa situação relacionando-a – por meio de movimentos retóricos cuidadosamente trabalhados nos textos – com a vida do/a leitor/a; e, por último, apresentam um conjunto

de fórmulas e passos para serem seguidos pelo público, a fim de que também, a exemplo dos/as autores/as, ou de suas personagens, atinja alguma meta desejada. É, em suma, um produto que atende bem às necessidades do mercado e da proposta de “individualização”. Bosco (2001: 21) ainda destaca que

[a]s publicações de autoajuda direta ou indiretamente referem-se a um indivíduo desequilibrado pela modernidade. Enquanto ser presumivelmente patológico, este indivíduo é passível de correção, desde que uma tácita crença na técnica atuem em favor de sua redenção. (...) para cada desequilíbrio provocado pela modernidade, há uma correção gestada nesta própria modernidade, seja por meio de produtos de massa, seja por meio das terapias dos especialistas.

O produto “livro de autoajuda” é, no mundo contemporâneo, destinado, principalmente, conforme Bosco (2001: 24), a uma “classe média constituída, com suas preocupações com o corpo, com as realizações pessoais, com o sucesso pessoal, com a construção de um estilo de vida realizador”. É, portanto, um “instrumento de produção/difusão de bens simbólicos”. Ele assim esclarece:

O que se convencionou chamar de literatura de autoajuda não guarda semelhança com o fazer literário, seja ele destinado ao consumo popular ou ao consumo restrito, na medida em que falta a construção de uma arquitetura ficcional, com personagens e enredos, ainda que alguns autores possam utilizar-se desse artifício. Em seu conjunto, os livros de autoajuda têm o caráter de manuais de etiqueta ou comportamento que primam, pelo menos aqueles editados a partir do século XX, por oferecer regras e receitas fáceis para o indivíduo moderno e, como tal, sujeito aos desequilíbrios que a modernidade lhe imputa. São livros com caráter mais funcional e utilitário. (BOSCO, 2001: 25).

O caráter funcional e utilitário, conforme menciona Bosco (2001), é uma das características mais marcantes desse tipo de literatura: as pessoas que compram ou buscam de outras maneiras esse tipo de livros, geralmente, o buscam por algum motivo ou necessidade; os livros são escritos objetivamente para serem opção disponível para atender a essas necessidades ou motivos das pessoas, ou, mesmo, criarem essas necessidades e motivos para as pessoas comprarem/consumirem livros e estilos de vida. Algumas características são recorrentes e “consagradas” nesses livros, por exemplo, o uso de uma linguagem “facilitada” para o entendimento por parte do público leitor –, conforme elenca o autor:

Como uma produção de cultura popular de massa, a literatura de autoajuda está submetida à mesma lógica que orienta esta cultura. Assim, é possível observar nos textos o senso comum, as frases feitas, as soluções imediatas, a repetição constante e temas populares. (...) os textos de autoajuda mais recentes compõem-se de períodos curtos, de fácil comunicação e entendimento, com caráter de vinheta publicitária, além de número reduzido de página, o que sugere a intenção de uma ligação imediata com o público.

(...) A incessante produção de textos que prometem novos caminhos para o indivíduo enfrentar as incertezas geradas pela contemporaneidade (...) reafirma seu caráter de literatura para o consumo. (BOSCO, 2001: 25).

Essas características citadas por Bosco (2001) foram elencadas com base na observação da constituição e potencial de ação dos livros de autoajuda. É dentro dessa perspectiva que a abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC) pode oferecer subsídios de pesquisa, por oferecer categorias de análise textual para mapear como relações de sentidos são constituídas no texto e que sentidos potencialmente ideológicos podem ser construídos por meio delas. Essa discussão será realizada com base na análise crítico-explanatória do *corpus* de pesquisa, no Capítulo 4.

Ainda, a literatura de autoajuda tende a apresentar temas básicos, que são abordados nos textos de forma genérica, seguindo um padrão relativamente estável. Segundo Illouz (2011: 19),

a literatura de aconselhamento combina diversas exigências: por definição, deve ser de caráter geral, isto é, usar uma linguagem nomológica que lhe confira autoridade e lhe faculte fazer afirmações normativas; deve variar os problemas abordados, a fim de ser um produto consumido regularmente; além disso, se quiser dirigir-se a vários segmentos do público leitor, com diferentes valores e pontos de vista (...). Por fim, deve ter credibilidade, ou seja, ser proferida por uma fonte legítima.

Os livros de autoajuda disponíveis no mercado são muito diversificados. Segundo Bosco (2001: 29), por causa da “imensa variedade de títulos e assuntos, o gênero não permite uma definição completa”. Mullins e Kopelman (1984)⁸ propuseram uma distribuição de títulos, com base nos assuntos geralmente tratados:

personalidade, psicologia popular, bem-estar pessoal, felicidade, sucesso, parapsicologia, ocultismo, astrologia, fenômenos psíquicos, psicologia individual, personalidade, desenvolvimento pessoal, autorrealização, emoções e sentimentos, sexualidade, papéis sexuais, comportamento sexual, forma física, dieta, doenças, medicina popular, desordens pessoais.

À lista de Mullins e Kopelman, Bosco (2001: 30) acrescenta outros temas, como:

terapia, aconselhamento, espiritualidade, sexualidade, memória, crescimento pessoal, relaxamento, nutrição, Programação Neurolinguística, desordens da personalidade, hipnose, saúde, dieta, desenvolvimento da carreira, controle de *stress*, todos esses temas sob a denominação geral de autodesenvolvimento e crescimento a pessoal.

O mercado editorial de livro de autoajuda é extremamente diversificado. Por ser um produto de massa, ele apresenta uma gama de temas supostamente capazes de abarcar todo tipo de necessidade, particularidade, personalidade, oportunidade. É um

⁸ Citado por Bosco (2001: 30).

produto que segue à risca a lógica do novo capitalismo, pois faz parte de um segmento de produtos rentáveis. Não obstante muitos estudos tenham sido desenvolvidos na busca de entender o porquê da procura tão significativa por esses livros, ainda cabe investigar quais são os efeitos potenciais do discurso de autoajuda na sociedade contemporânea.

Na subseção seguinte, discutirei sucintamente aspectos relacionados ao mercado editorial, como, também, apresentarei algumas características da formação do mercado consumidor de livros de autoajuda no Brasil.

1.3.1 – O mercado editorial da autoajuda no Brasil

No final do século XIX, o mercado editorial brasileiro também divulgou alguns livros que tinham como tema assuntos relacionados ao universo da autoajuda. As obras de Samuel Smiles, por exemplo, foram publicadas no Brasil por intermédio do editor Baptiste Louis Garnier (BOSCO, 2001). O Quadro 1.1, a seguir, fornece um resumo sobre o itinerário das principais publicações de livros do segmento editorial brasileiro da autoajuda:

Quadro 1.1 – Itinerário do mercado editorial brasileiro

Período / ano	Alguns fatos	Publicações
1907	A editora <i>Pensamento</i> especializa-se em temas sobre esoterismo e espiritualidade.	<i>Magnetismo Pessoal</i> , de H. Durville; <i>Tratado Elementar de Magia</i>
1939	A editora <i>Cia Editora Nacional – CEN</i> publica um clássico americano da literatura de autoajuda. O original foi publicado nos EUA em 1936.	<i>Como fazer amigos e influenciar pessoas</i> , de Dale Carnagie.
Anos de 1950 a 1960.	O mercado editorial brasileiro, já bem maduro, também tem vários títulos de autoajuda. O mercado de livros é favorecido pelo desenvolvimentismo da era Kubitschek – o setor gráfico, por exemplo, cresce em torno de 143%. Porém, de acordo com Ortiz (1988: 38), até 1964, o Brasil não tinha um mercado solidificado de bens simbólicos; na realidade, o Brasil dispunha de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa.	Alguns exemplos: <i>A lei do triunfo</i> , de Napoleon Hill, 1956; <i>Vícios da Imaginação e como corrigi-los</i> , Gastão P. da Silva, 1956; <i>Como evitar preocupações e começar a viver</i> , de Dale Carnagie, 1956; <i>Ajuda-te pela psiquiatria</i> , F. Caprio, 1959; <i>O valor do pensamento positivo</i> , de Norman Vincent Peale, 1960; <i>Como falar em público e influenciar pessoas</i> , Dale Carnagie, 1962; <i>Mil e uma maneiras de enriquecer</i> , Joseph Murphy, 1966 etc.
Anos de 1970	O mercado brasileiro de bens simbólicos entra em processo de solidificação. A implantação de programas estaduais e a expansão do ensino universitário são fatores que influenciam o aumento da população leitora brasileira, fortalecendo, assim, a atividade editorial no País.	<i>A magia do Poder Extra Sensorial</i> , de Joseph Murphy, 1972; <i>Use o poder de sua mente</i> , David Schwartz, 1976; <i>O poder milagroso de alcançar riquezas</i> , Joseph Murphy, 1972; <i>O maior presente do mundo</i> , Og Mandino, 1978 etc.
Anos 1980	Surgem os executivos do livro. Nessa época tem mais destaque os Best Sellers, estratégia dos executivos de grandes grupos editoriais que produzem para um mercado de massa.	Livros de Paulo Coelho são lançados no mercado brasileiro, além dos livros de psicologia pessoal de Robert A. Johnson e dos livros da sexóloga Marta Suplicy – <i>Conversando sobre sexo</i> , por exemplo.

Adaptado do *Catálogo Brasileiro de Publicações* (1990-1996), citado por Bosco (2001: 39).

O mercado editorial pode ser dividido em dois tipos: o primeiro tipo é aquele organizado e destinado à produção de livros direcionados aos/às leitores/as que os escolhem “livremente”; o segundo, aquele direcionado a leitores/as que adquirem livros “compulsoriamente”, ou seja, por intermediação institucional, muitas vezes, “financiados” pelo governo, como, por exemplo, os livros didáticos solicitados por professores ou escolas públicas. Conforme Bosco (2001:42), os *Best Sellers*, como exemplo, a literatura de ficção, livros sobre comportamento, culinária, informação, reportagem e autoajuda, são característicos do primeiro tipo.

A década de 1980 é marcada pela remodelação e investimento do mercado editorial no segmento de livros produzidos para “leitores/as de livre escolha”. Por isso, muitas estratégias comerciais são adotadas com vistas à conquista de novos leitores/as desse grupo. É nesse contexto que surge a figura do *executivo do livro*, “agentes

culturais” que adaptaram o mercado editorial a uma “lógica mais capitalista”. Os livros, nessa época, passaram a fazer parte de um projeto, que abarca fases como a elaboração de aspectos gráficos, a promoção, a relação com os/as autores/as, além do gerenciamento interno da empresa. É uma fase de crescente profissionalização, de aumento da qualidade do produto livro – materiais utilizados –, informatização do setor e um gerenciamento mais impessoal e racional – tudo dentro dos padrões mercadológicos. Soma-se a isso a adaptação das livrarias, locais de contato e acesso de leitores/as aos livros – às novas exigências “empresariais”: as livrarias deveriam tornar-se locais mais atrativos e de fácil acesso aos/às consumidores/as. Conforme Bosco (2001: 44), “os editores procuram interferir na própria distribuição com o intuito de atrair consumidores dos produtos culturais e criar novos padrões de consumo”. Assim,

os executivos do livro vão privilegiar aspectos externos ao texto, otimizando sua comercialização. Busca-se o leitor que é sensível às determinações externas do produto “livro”. (...) o texto escrito tem como fatores estruturantes o elemento interno, que se compõe de técnica escrita e da narrativa em si, e os elementos externos, que incluem o marketing realizado em torno do texto, a origem a partir de uma personalidade pública e a divulgação pela mídia: as listas dos Best Sellers vieram para ficar. O leitor escolhe o que vai comprar com o olho na lista. Ele não dispõe de outro recurso tão rápido e acessível, por isso elas têm um potencial publicitário imenso. (BOSCO, 2001: 44).

Mas é a partir da década de 1990 que, no Brasil, o segmento editorial da autoajuda experimenta o “êxito comercial das publicações designadas pelo público, autores e editores pelo título” literatura de autoajuda. Entretanto, conforme ressalva Bosco (2001: 24), é a divulgação feita por parte de algumas mídias que dá aos livros e a seus/suas escritores/as, estrangeiros/as e brasileiros/as, visibilidade e impulsiona o mercado consumidor desse tipo de produto. O perfil dos/as leitores/as, conforme aponta Bosco (2001), é caracterizado por pessoas que buscam na leitura informações cotidianas, conhecimentos e soluções para problemas. Já

[p]ara o mercado editorial como um todo, o livro de autoajuda aparece como elemento para ampliação de vendas, correspondendo à necessidade de acesso a uma informação superficial, com caráter de aplicação imediata. As livrarias sofisticadas, as temáticas de ampla penetração popular, os investimentos promocionais, os sites e homepages e o mercado de classe média que consome livros revelam um novo patamar do mercado editorial. Editoras de crescimento acelerado, como é o caso da *Gente* e da *Objetiva*, buscam e premiam os extratos médios da população com temática cara a estes extratos: crescimento pessoal, conselhos psicológicos, o caminho para o sucesso financeiro, e autoestima, entre outros. São editoras que investem em autores, calculam o risco da edição, editam autores previamente testados no mercado ou de ampla penetração em meios empresariais e de classe média, organizam o esquema promocional, investem a curto prazo e vinculam-se ao mercado de livros mundial. (Bosco 2001:48).

Nessa época, as editoras que trabalham com o segmento editorial autoajuda entram nessa nova fase de editora-empresa e lançam muitos livros que, rapidamente, transformam-se em sucessos de vendas. É, portanto, nessa época, que os livros de autoajuda transformam-se em opção rentável de investimento por parte das editoras. Abaixo, apresento uma lista simplificada de títulos de livros de autoajuda, lançados no período:

- *Você pode curar sua vida*, Louise Hay, 1992;
- *O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro, 1993;
- *Amar pode dar certo*, de Roberto Shyniashiki, 1992;
- *A carícia essencial*, de Roberto Shyniashiki, 1992;
- *Por dentro de Você*, de Louise Hay, de 1992;
- *Comunicação global*, de Lair Ribeiro, 1992.

Alguns dos autores citados na lista são brasileiros que obtiveram sucesso com o lançamento de livros pertencentes ao ramo da autoajuda – como é o caso de Lair Ribeiro e de Roberto Shyniashiki; este ainda muito ativo à época de escrita deste trabalho. Esse fato significa que o mercado editorial brasileiro também investia em autores/as nacionais e não se limitava a importar títulos estadunidenses. Outra possibilidade que também justifica essa “abertura” para alguns/algumas autores/as nacionais está relacionada ao fato de que a presença deles/as em território nacional facilitava o desenvolvimento de outras atividades afins, como, por exemplo, entrevistas, palestras, *workshops*.

Os órgãos oficiais de editoras e alguns estudos acadêmicos a respeito do mercado editorial da autoajuda oferecem poucas informações a respeito dos livros ou dos/as autores/as. Destarte, há uma carência de material com “dados oficiais”. As próprias editoras, às vezes por estratégia comercial, não divulgam dados a respeito do número de livros vendidos, ou sobre a composição, a proposta ou aceitação deles no mercado. Por isso, nem sempre é possível mensurar a composição real desse segmento. No Brasil, fica a cargo de algumas mídias impressas e digitais, que divulgam, com certa regularidade, algumas listas de livros mais lidos e/ou mais vendidos, mas, mesmo assim, não é possível assumir essas listas divulgadas como um “retrato” real da produção dos livros desse segmento. Bosco (2001: 46) destaca que ainda “falta um levantamento preciso dos hábitos de leitura da população brasileira, sendo que os periódicos da imprensa fazem algum levantamento esparso e por amostragem”.

Como estratégia de investigação, foi preciso adicionar, às fontes acadêmicas consultadas, algumas informações localizadas em reportagens da revista *Veja*, além de

consultas a outras revistas, como, por exemplo, a revista *Carta Capital* e o jornal *Folha de São Paulo*. A motivação para isso é que essas mídias têm acesso privilegiado a dados das editoras e dos livros vendidos nas livrarias e catálogos de vendas, ou seja, dados que não estão disponíveis nas pesquisas acadêmicas. A revista *Veja*, por exemplo, divulga semanalmente pesquisas realizadas nas maiores livrarias do Brasil sobre os livros mais vendidos. Além disso, algumas dessas mídias permitem acesso gratuito aos acervos digitais.

Nos últimos anos, inúmeros títulos foram publicados, e milhões de livros foram vendidos no mundo todo. A revista *Veja* (2009: 140-149), em reportagem de capa intitulada “*O poder da autoajuda*”, apresentou, como exemplo, números de vendas e alguns títulos de livros considerados *Best Sellers do* gênero no mundo, conforme apresento no Quadro 1.2:

Quadro 1.2– Livros mais vendidos no Brasil e no mundo

Autor	Título mais conhecido	Vendas de exemplares no mundo	Vendas de exemplares no Brasil
Max Lucado – EUA	<i>Dias melhores virão</i>	60 milhões	1,5 milhão
William Paul Young – Canadá	<i>A Cabana</i>	11 milhões	1,4 milhão
Elizabeth Gilbert – EUA	<i>Comer, Rezar, Amar</i>	7 milhões	300 mil
James Hunter – EUA	O monge e o Executivo	3,5 milhões	2,5 milhões

Adaptado de *Veja*, “*O poder da autoajuda*”, de 2/12/2009.

A reportagem também apresenta números de obras brasileiras voltadas para as produções “espirituais”. São elas:

Quadro 1.3 Obras brasileiras do segmento “espiritualidade”.

Autor	Título	Vendas de exemplares
Professor Hermógenes	<i>Autoperfeição com Hatha Yoga</i>	580 700
Ana Beatriz Barbosa Silva	<i>Mentes Inquietas</i>	535 000
Padre Fábio de Melo	<i>Quem me roubou de mim?</i>	1,1 milhão

Adaptado de *Veja*, “*O poder da autoajuda*”, de 2/12/2009.

Em outro quadro, a reportagem apresenta mais algumas informações relevantes a respeito do mercado consumidor brasileiro de títulos de autoajuda:

- Na década de 1990, um livro de grande sucesso, no gênero, era responsável pela venda aproximada de oitenta mil exemplares;
- Com base nos dados coletados até 2009 – ano da reportagem – a maior editora do gênero no Brasil, a Sextante, lançava quarenta novos títulos por ano e vendia, em média, quatro milhões de cópias por ano;
- Em 2009, a rede francesa de livrarias Fnac tinha em seu catálogo cinquenta mil títulos de livros de autoajuda, em contraste com os quinze mil títulos oferecidos por ela quando chegou ao Brasil;
- E, por último, um livro de autoajuda custa em média vinte a vinte e cinco por cento mais barato que um título de outro tipo de literatura.

Há outros dados relevantes apresentados na reportagem. Certamente, alguns deles já não refletem mais os números atuais de vendas ou lançamentos de outros títulos, mas indicam a disseminação desse tipo de produção discursiva nas sociedades contemporâneas, incluindo a brasileira.

Na próxima subseção, destaco alguns aspectos importantes para o entendimento do discurso-chave do aconselhamento.

1.3.2 – O discurso-chave do aconselhamento

Fairclough (2003b) observa que diferentes discursos correspondem a diferentes perspectivas de mundo, ligadas a campos sociais específicos e a projetos particulares. Nessa perspectiva, merecem destaque as mídias atuantes na modernidade tardia, que usufruem de uma posição de destaque e são poderosos instrumentos usados por grupos hegemônicos para propagar seus discursos particulares como se fossem universais. Fairclough (2003b: 188) observa que

a linguagem e a semiose possuem uma considerável importância na reestruturação do capitalismo e em sua organização em nova escala. Por exemplo, a totalidade do conceito de ‘economia baseada no conhecimento’, uma economia em que o conhecimento e a informação adquirem um novo e decisivo significado, implica uma economia baseada no discurso: o conhecimento se produz, circula e é consumido como discursos.

Hardt e Negri (2004) afirmam que o capitalismo avançado consiste em um terceiro paradigma econômico capitalista, baseado na oferta de serviços e no manuseio de informações. Para esses autores, na sociedade de controle atual, o poder é exercido

por sistemas de comunicação e redes de informação que organizam internamente as práticas diárias e comuns. É nessa perspectiva que a linguagem/semiose assume o papel de instrumento que viabiliza a circulação de informações, pois tem considerável relevância na reestruturação do capitalismo e em sua organização em nova escala.

Nessa sociedade de informação, conforme esclarece Fairclough (1997), foram desenvolvidas novas formas de tecnologização do discurso de organizações e instituições sociais a fim de atender a propósitos estratégicos dessas organizações. O autor também esclarece que essas novas tecnologias discursivas implicaram o surgimento “de peritos em tecnologia do discurso”, também eles/as responsáveis pelo processo de produção de técnicas discursivas cada vez mais empregadas nas sociedades.

Nessa perspectiva, Gomes (2011:15-16), ao investigar a maneira como a mídia impressa de informação geral representava a ex-ministra Dilma Rousseff em época de eleições para a presidência do País e a transformação de sua imagem perante o público eleitor, destaca o papel dos “tecnólogos do discurso” nessas transformações, pois, segundo a autora, por causa do “acesso privilegiado às informações técnicas, científicas” suas intervenções passaram a vigorar como “regimes de verdades” nas eleições e seus trabalhos consistiam em utilizar técnicas, incluindo as discursivas, para dar aos/às candidatos/as visibilidade e posições estratégica no jogo político. Semelhantemente, acontece com outros discursos-chave da modernidade, como é caso do discurso da autoajuda, que também abarca profissionais do discurso, que desenvolvem técnicas cada vez mais apuradas para conquistar leitores/as. Isso também acontece em diversas práticas sociais.

Em relação aos discursos-chave da sociedade moderna, Fairclough (1989: 36) aponta, como exemplo, os discursos da publicidade, da entrevista e do aconselhamento/terapia, que possuem potencial para veicularem ideologias e servirem de instrumento de colonização de outros campos sociais, incluindo as ordens de discurso desses campos sociais, legitimando, assim, relações sociais instituídas pelo/para o novo capitalismo, baseado em informação.

Fairclough (1989) afirma que o discurso-chave do aconselhamento – nesta pesquisa, especificamente, o discurso da autoajuda materializado no gênero situado livro de autoajuda – tem potencial para provocar a adaptação das pessoas ao sistema capitalista de mercadoria, que sugere o aperfeiçoamento do indivíduo à lógica das regras do sistema, além de legitimar essa posição ideológica como a única possibilidade de realização pessoal e social. Para alcançar esse fim, a linguagem também é alterada,

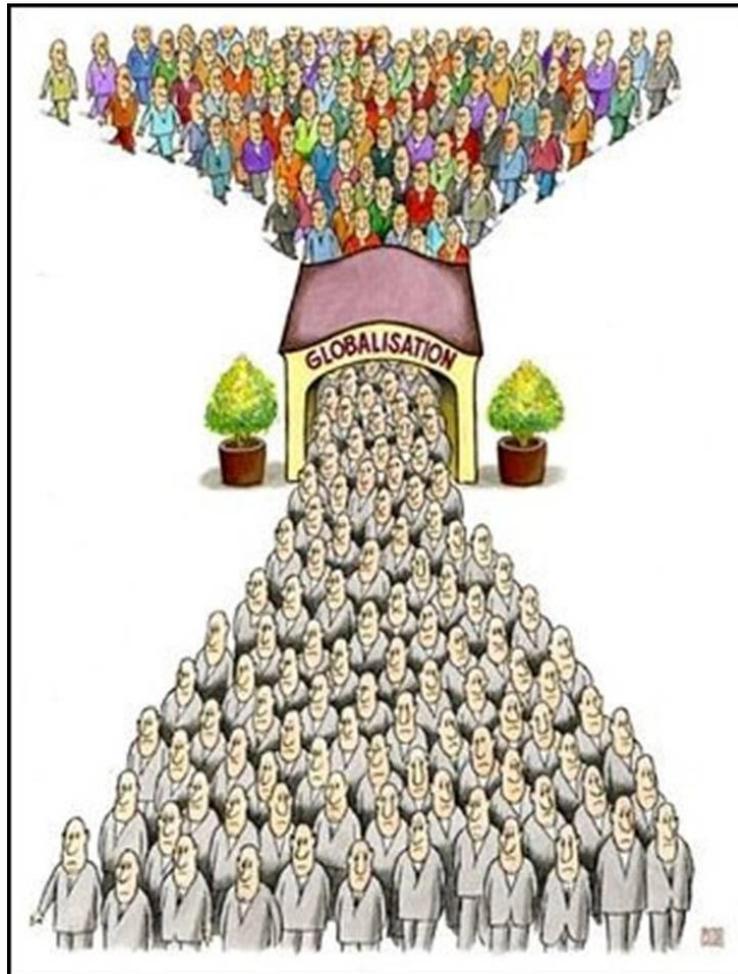
passando a funcionar de maneira mercadologizada, seguindo princípios socioeconômicos. De acordo com Fairclough (2008, [1992]), os discursos abriram-se aos processos de tecnologização – usos especializados da linguagem –, condicionados aos processos econômicos de organizações capitalistas, a fim de sustentar esse novo capitalismo, baseado no consumo de informações e serviços.

Disso decorre o entendimento do discurso de autoajuda/aconselhamento/terapia caracterizado por uma ambivalência em termos ideológicos e políticos, pois ele tem, como proposta precípua, “oferecer espaço às pessoas como indivíduos num mundo que os trata cada vez mais como cifras, o que parece tornar o aconselhamento uma prática contraditória e sua colonização de novas instituições uma mudança libertadora” (FAIRCLOUGH, 2008:129-130).

Embora o discurso de aconselhamento proponha tratar pessoas como indivíduos⁹, conforme destaca Fairclough (2008: 129), ele é um técnica hegemônica para trazer aspetos da vida particular para o domínio do poder. Com isso, ele acaba colonizando a vida privada com representações hegemônicas que estimulam a identificação com comportamentos moldados às necessidades capitalistas de obtenção de lucros. Assim, em contato com tecnologias discursivas capazes de contribuir para a criação de determinadas “necessidades”, o indivíduo mostra-se peça fundamental na reprodução/sustentação de relações assimétricas de poder.

Nesse sentido, é possível sustentar que o discurso de autoajuda/terapia/aconselhamento tem potencialidade para colonizar outros discursos e formar ou ampliar grupos consumidores de livros/discursos de autoajuda, o que abordo com base em princípios teórico-metodológicos da ADC de vertente britânica, também desenvolvida na América Latina por vários/as autores/as, como, por exemplo, Isabel Magalhães (2005), Denize Elena Garcia da Silva (2009), Viviane Resende (2009; 2011), Viviane Ramalho (2008; 2012), Maria Luíza Corôa, Josênia Antunes, Juliana Dias (2011), Maria Carmen Gomes (2011), Laura Pardo (2011), Neyla Pardo Abril (2008), entre outros/as.

⁹ Todavia, esse tratamento individualizado pauta-se na generalização dos problemas e anseios com base em perspectivas hegemônicas sobre dinheiro, sexualidade, comportamento, relacionamento etc.



(Fonte:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=421528351247794&set=a.212623645471600.50340.126283397438959&type=1&theater>)

Capítulo 2

Análise de Discurso Crítica: perspectiva teórico-metodológica para estudo do discurso de autoajuda

Compreender os contextos sociais de uso linguístico é, assim, um esforço para o entendimento do uso da linguagem no seio das estruturas sociais e ideológicas que organizam o que, em termos latos e abstractos, entendemos em sociedade. (PEDRO, 1997:21).

Neste capítulo, apresento aspectos da Análise de Discurso Crítica (ADC), a principal abordagem teórica para estudo do discurso da autoajuda. Neste trabalho, apresento aspectos teóricos da ADC, com vistas a discutir conceitos centrais que fundamentam esta pesquisa e explicar por que essa teoria, dado seu caráter crítico-explanatório, é adequada para a investigação do problema sociodiscursivo em foco. Na seção 2.1, delinheiro os principais conceitos e as propostas dessa linha de análise de discurso textualmente orientada. Na Seção 2.2, apresento a concepção de linguagem/discurso para a ADC, com o enfoque na relação entre esse conceito e a literatura de autoajuda como tema social de pesquisa. Posteriormente, dedico a Seção 2.3 a reflexões acerca de conceitos como os de práticas sociais, eventos sociais e textos. Por fim, a Seção 2.4 é reservada para reflexões acerca dos efeitos sociais potenciais de textos, e também é reservado espaço para reflexões a respeito de ideologia e poder como hegemonia.

2.1 – Análise de Discurso Crítica como abordagem teórico-metodológica

A Análise de Discurso Crítica é um campo heterogêneo de estudos da linguagem, dentro do qual se desenvolveu a vertente britânica da Análise de Discurso Crítica – ADC (RAMALHO & RESENDE, 2011). Esse campo de estudos é caracterizado pela diversidade de abordagens que compartilham algumas preocupações e aspectos teóricos. Segundo Wodak (2003: 21), a ADC surgiu como uma rede de estudiosos/as no início dos anos 1990, ocupados/as com diversos enfoques de estudos críticos de discurso, como Ruth Wodak, Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Teun van Leeuwen, entre outros. Já no Brasil, a ADC tornou-se conhecida por

meio do trabalho de pesquisa de Magalhães (2004; 2005), na Universidade de Brasília, na década de 1990, conforme Dias (2011: 218).

De acordo com Wodak (2003: 22), os/as estudiosos/as de ADC estão preocupados/as principalmente em investigar como “a desigualdade social pode ser expressa, assinalada, estabelecida e legitimada por meio do uso do discurso”.

A ADC de vertente britânica, também desenvolvida na América Latina, conforme mencionado no Capítulo 1, propõe uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar/transdisciplinar, que busca abarcar, em sua prática, abordagens que focalizam as relações entre atores sociais, recursos linguísticos utilizados por esses atores e aspectos das redes de práticas sociais nas quais as interações discursivas acontecem. Nesse sentido, Acosta (2012: 55) também esclarece

Por compreender que o discurso é parte irredutível da vida social, a ADC requer que se utilizem epistemologias de diferentes áreas – tais como ciências sociais críticas e ciências da comunicação, entre outras –, que permitam estudar o sistema semiótico – objeto de estudo da linguística –, ativado nas práticas sociais. A seara da ADC constitui, desse modo, um arcabouço teórico-metodológico consolidado interdisciplinarmente. Nesse sentido, os estudos discursivos operacionalizam conceitos de outras áreas, criando interconexões entre diferentes epistemologias, geradas em diferentes campos. Esse caráter interdisciplinar vem sendo incrementado por diferentes investigações, que buscam aproximar ainda mais o campo da linguística discursiva a outras áreas do conhecimento e que, assim, procuram efetivamente romper as barreiras positivistas que isolam as epistemologias em limites rígidos. O avanço dessas aproximações de mais a mais está fazendo da ADC uma transdisciplina, é dizer, um campo de epistemologias híbridas, geradas no contato de saberes de diferentes áreas que não são apenas justapostos, mas operacionalizados.

Dentre as diversas abordagens, Fairclough (1989, 2003a, 2003b, 2008) e Chouliaraki e Fairclough (1999) desenvolvem estudos que articulam Ciência Social Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional. Como explica Resende (2009: 12), a abordagem desenvolvida por Fairclough sugere que “pesquisas discursivas críticas estejam baseadas na identificação de problemas sociais parcialmente discursivos que possam ser investigados por meio de análise situada de textos”. Assim, conforme Dias (2011: 215), a Teoria Social do Discurso, proposta por Fairclough, “foi constituída com vistas a uma abordagem crítico-discursiva de questões sociais.”

Resende e Ramalho (2006: 21-22) resgatam que a abordagem de Fairclough para a análise de discurso crítica constituiu-se “como ciência crítica sobre a linguagem já em 1989, com o livro *Language and Power*”. Elas esclarecem que a obra desse autor, “desde o início, visava contribuir tanto para a conscientização sobre os efeitos sociais de textos como para mudanças sociais que superassem relações assimétricas de poder,

parcialmente sustentadas pelo discurso.” A análise de discurso crítica proposta por Fairclough (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003a) é uma “análise de discurso textualmente orientada”.

Na obra *Analysing Discourse: textual analysis for social research*, Fairclough (2003a) apresenta uma abordagem teórico-metodológica para análise textual em pesquisas sociais que utilizam textos como material empírico. O autor também reforça que essa abordagem pode ser de grande valia para pesquisas sociais que não possuam um método de análise de textos. Ele também destaca que não é possível entender os reais efeitos sociais do discurso, se não olharmos de perto como esses efeitos funcionam quando as pessoas falam ou escrevem. Para isso, o autor propõe o desenvolvimento da Análise de Discurso Crítica como um recurso para análises e pesquisas sociais. De acordo com Resende (2005: 13), “trata-se de uma proposta (...) que constitui um modelo teórico-metodológico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social.”

A abordagem teórico-metodológica desta pesquisa é, a Teoria Social do Discurso, vertente teórica desenvolvida por Fairclough, com base na filosofia do Realismo Crítico (FAIRCLOUGH, 2003a; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Nas seções seguintes, abordarei alguns pressupostos da ADC, como a concepção de linguagem, o foco na linguagem no novo capitalismo e alguns conceitos fundamentais desta abordagem de estudos críticos do discurso.

2.2 – Concepção de linguagem/discurso na ADC e literatura de autoajuda como tema social de pesquisa

Para a ADC, a linguagem – e também outras formas de semiose – constitui “parte irreduzível da vida social, o que pressupõe relação interna e dialética de linguagem-sociedade” (RAMALHO & RESENDE, 2011:13). Conforme a Teoria Social do Discurso, a linguagem consiste em

um dos estratos do mundo. O ‘estrato semiótico’, com seus mecanismos e poderes gerativos, mantém relações simultâneas e transformacionais com os demais estratos (social, físico, químico, biológico, etc.), de modo que internaliza traços de outros estratos, assim como tem efeitos sobre eles. (RAMALHO & RESENDE, 2011:40).

Conforme as autoras, tal compreensão de mundo permite conceber que a linguagem tem efeitos potenciais nas práticas e eventos sociais. Dessa forma, questões

sociais são, em parte, conforme Fairclough (2003a), questões sobre discurso. Com isso, a ADC recomenda um estudo do discurso como componente das práticas sociais. Fairclough propõe, para as análises, uma articulação entre a Linguística Sistêmico-Funcional e a Sociologia, em abordagem transdisciplinar. Os estudos sobre discursos envolvem, portanto, a articulação de pesquisas em Ciências Sociais com princípios da Linguística Sistêmico-Funcional – LSF; um referencial de teoria linguística coerente com a proposta da Teoria Social do Discurso.

Apesar de a LSF ser a referência para a análise linguística em ADC, Fairclough (2003a) adverte que há diferenças entre as duas abordagens que ainda limitam o total estreitamento entre elas. Conforme Chouliaraki e Fairclough (1999: 139):

A ADC com a qual trabalhamos tem muito a ganhar com o estreitamento de sua relação, ainda limitada, com a LSF (essa relação, até o momento, tem sido restrita ao uso da gramática sistêmica do inglês para análise de textos), não apenas em termos de uso da LSF como recurso para análise, mas também na direção de um diálogo teórico.

Fairclough (2003a) destaca que a LSF é importante como método de análise de textos, pois ela se ocupa da relação entre a língua e outros elementos e aspectos da vida social, isto é, a análise por essa abordagem é orientada para o caráter social dos textos. Fairclough (2003a: 6) observa a relevância do desenvolvimento de

abordagens para análises textuais por meio de um diálogo transdisciplinar com perspectivas em linguagem e discurso dentro da teoria e pesquisa sociais para desenvolvermos nossa capacidade de analisar textos como elementos do processo social. Uma abordagem transdisciplinar para teoria ou método analítico é uma questão de trabalhar com categorias e “lógica” e, por exemplo, com teorias sociológicas para desenvolver uma teoria do discurso e métodos de análise de textos.

A abordagem de Fairclough (2003a) baseia-se também no princípio de que a linguagem é parte irredutível da vida social e está dialeticamente conectada a outros elementos da prática social – relações sociais, atividade material, fenômeno mental. Isso significa que não é possível considerar a língua sem se considerar a vida social. Todavia, conforme ele mesmo observa, tal constatação não implica uma visão reducionista da língua à vida social, nem que tudo se resuma a discurso.

A ADC busca investigar especialmente as mudanças ocorridas no capitalismo contemporâneo, assim como o seu impacto em diversas áreas da vida social. O enfoque nessas transformações visa identificar problemas sociais, com viés discursivo, parcialmente sustentados por relações desiguais de poder. É nessa perspectiva que se insere a análise proposta neste trabalho: as práticas terapêuticas, em especial a literatura

de autoajuda, sugerem que a utilização da linguagem adquiriu um papel de destaque nas transformações idealizadas/projetadas/instauradas pelo novo capitalismo. O discurso de autoajuda pode ser encontrado em diversos formatos, como, por exemplo, filmes, livros, palestras, *posts* em sítios da *internet*, principalmente porque conseguiu desenvolver potenciais genéricos que permitem adequar-se às inúmeras demandas de uso da linguagem (cf. Capítulo 1). A esse respeito, Chouliaraki e Fairclough (1999:4) assim refletem:

Uma característica interessante das análises e teorizações científicas e sociais a respeito das transformações da modernidade tardia, a partir de várias perspectivas teóricas, é que elas enfatizam que essas transformações são, em grau significativo – embora não exclusivamente – , transformações em linguagem e discurso.

Fairclough (2003a) aponta que as mudanças sociais em discussão são denominadas, por diferentes teóricos, como “globalização”, “pós-modernidade”, “modernidade tardia”, “sociedade de informação” etc. Ele adota, para essa linha crítica de estudo do discurso, o termo “novo capitalismo” (FAIRCLOUGH, 2003a: 4), que consiste em “uma série de transformações e reestruturações radicais por meio das quais o capitalismo tem mantido sua continuidade”; termo que também designa as grandes e voláteis transformações pelas quais a sociedade contemporânea tem passado e as constantes adequações do capitalismo à realidade dessas transformações.

Chouliaraki e Fairclough (1999: 4) também destacam que essas teorias sociais criaram um espaço para a análise de discurso crítica como elemento essencial de análise e teorização críticas da modernidade tardia. A autora e o autor ressalvam, todavia, que essas análises também devam ser orientadas para a linguagem, para assim ocuparem apropriadamente esse espaço de interação entre ciências. Estudos sobre linguagem e sobre o papel de atuação da linguagem na modernidade tardia são, portanto, importantes contribuições para o entendimento das transformações na sociedade.

Fairclough (2003a) ressalta que as transformações do capitalismo devem ser interpretadas e minuciosamente estudadas, a fim de compreender como elas interferem em vários campos sociais, como educação, política, produção artística, tecnologia da comunicação, entre outros. Assim, entender o papel da linguagem nessas mudanças também deve ser uma preocupação relevante para pesquisas em ciências sociais.

Fairclough configurou uma abordagem teórico-metodológica que conjuga análise de texto detalhada e análise social qualitativa. Ele destaca que a análise de discurso crítica pode lançar mão de uma vasta gama de abordagens de análise de texto.

Na proposta sugerida na obra *Analysing Discourse*, de 2003a, Fairclough dá ênfase à análise de relações externas do texto e relações internas do texto. A primeira enfatiza aspectos da relação do texto com outros elementos dos eventos sociais e, “mais abstratamente”, com elementos das práticas sociais e a estrutura social (FAIRCLOUGH, 2003a: 36). Nessa análise deve-se incluir também a relação dos textos em termos de como ele figura em ações, representações e identificações. Já na análise dos elementos internos do texto, deve ser incluída a análise de relações semânticas, relações gramaticais, relações lexicais e relações fonológicas.

Os temas sociais e discursivos para pesquisa são vastos, e a abordagem teórico-metodológica, preocupada com as mudanças e desigualdades sentidas na contemporaneidade, focaliza, mais detidamente, os seguintes temas gerais:

- Governo e governança;
- Hibridismo e/ou o obscurecimento de limites sociais;
- Mudanças no “espaço-tempo”, associadas à globalização;
- Conflitos pela hegemonia de determinados discursos, caracterizados pela busca do *status* de universalização de discursos particulares;
- Ideologias;
- Mudanças sociais e mudanças em tecnologias de informação;
- Esforços para legitimações de ações e ordens sociais;
- Tipos de identidades predominantes na contemporaneidade.

Fairclough (2003a) propõe uma abordagem científica para investigar o papel da linguagem nessas questões sociais, como também refletir a respeito de como a teoria social pode informar a análise de texto, e como a análise de texto pode aprimorar a pesquisa social, tendo em vista uma abordagem crítica-explanatória. A investigação acerca do discurso da autoajuda insere-se, portanto, na tradição da análise crítica de discurso, pois envolve a mobilização de vários desses temas de pesquisas.

Por exemplo, em relação ao tema “Governo e Governança”, é possível destacar a natureza mercadológica atribuída às práticas terapêuticas, que buscam apresentar um padrão de indivíduo ajustado e submetido ao modelo produtivo hegemônico. Em relação ao tema “hibridismo e/ou obscurecimento de limites sociais”, é possível destacar, por meio das ferramentas analíticas da ADC, o esforço da prática social em criar e/ou impor identidades na modernidade tardia, incluindo, também, um rompimento uma dissolução de fronteiras que separam os campos sociais da ciência, da economia, da religião, do mundo da vida etc.

O tema “mudanças sociais e mudanças nas tecnologias de informação” abarca criação de novos gêneros, novas configurações que podem ser utilizadas para disseminar discursos e/ou legitimar identidades. Uma inovação característica, por exemplo, é que em vez da interação face a face do gênero terapia, o livro de autoajuda mostra-se um gênero alternativo: ele é mais “acessível” e “prático”, pois prescinde do encontro entre terapeuta e paciente, ou entre professor/a e aluno/a, ou entre consultor/a e cliente; todos com um local, hora marcada, dinheiro empregado. Compra-se uma relação à distância, menos onerosa e com temas especializados, tratados por especialistas ou pessoas com experiência na área. Por exemplo, um livro pode substituir sessões de terapias individualizadas, para vários pacientes ao mesmo tempo: em vez de atender um grupo pequeno de pacientes, o/a terapeuta/a – não precisa ser necessariamente um/a terapeuta/a –, uma pessoa com alguma experiência significativa, atende/oferece seus conselhos/serviços para milhares de pessoas ao mesmo tempo. Os livros reproduzem discursos desencaixados “genéricos”, que servem para qualquer pessoa, em qualquer situação. O resultado disso é o fomento de uma indústria que cresce vertiginosamente, e produzindo lucros incalculáveis para grupos hegemônicos, além de disseminar discursos particulares sobre trabalho, relações afetivas, sexualidade, família etc.

Nesse caminho, a literatura de autoajuda caracteriza-se pela utilização de inovadoras tecnologias de linguagem – aliada, é claro, e principalmente, ao forte apelo comercial e planejamento estratégico de vendas. Conforme poderemos observar nas análises desenvolvidas com base no *corpus* desta pesquisa, essa literatura desenvolveu tecnologias de linguagem particulares e utiliza várias estratégias textuais que ajudam a proporcionar aos livros e a seus/as autores/as grande aceitação entre leitores/as, além de influenciar direta ou indiretamente as relações sociais na atualidade, ao oferecer um vocabulário de descrição para o eu, para os seus sentimentos e para suas relações no mundo (ILLOUZ, 2011). Essas configurações dos gêneros permitem um potencial de ação que envolve a utilização da hibridização de discursos, de gêneros e de identidades.

Vale ressaltar que Fairclough (2003a; 2008 [1992]; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) discute as “práticas-chave”, e seu discurso-chave, da sociedade contemporânea, incluindo a administração e a terapia. São discursos que saem da sua fronteira de atuação comum e se misturam com/colonizam várias práticas sociais, alterando de maneira significativa os modos de existência e atuação no mundo dessas práticas. Isso pode ser observado no processo de hibridização do discurso da

publicidade, do discurso mercadológico e do discurso do aconselhamento, muitas vezes articulados em textos de autoajuda, que se propõem reconhecer o indivíduo como único e especial, mas, ao final, percebe-se que se trata de um discurso-chave, mais uma maneira de colonização da vida privada e/ou profissional em diferentes tempos e espaços, ou seja, trata-se de hibridização genérica e discursiva que tem potencial para colonizar o eu privado, controlá-lo e adequá-lo à lógica mercadológica.

Esta pesquisa busca contribuir com uma reflexão de como se dá esse processo de hibridização de gêneros e discursos, por meio das categorias analíticas da ADC e, desse modo, tentar problematizar as maneiras como sentidos podem ser acionados em favor de grupos hegemônicos, que buscam perpetuar sua posição privilegiada na sociedade.

2.3 – Práticas sociais, eventos sociais e textos

A Análise de Discurso Crítica está localizada na tradição da teoria e análise social crítica e científica. A base ontológica da ADC é estabelecida pelo diálogo transdisciplinar/interdisciplinar com o Realismo Crítico – RC. Na ontologia do RC, a vida – natural e social – é concebida como um sistema aberto, no qual qualquer evento é governado simultaneamente por “mecanismos operacionais” – ou “poderes gerativos” (BHASKAR, 1986). Isto é, as várias dimensões e níveis da vida social – químico, físico, biológico, econômico, social, psicológico, semiótico – “têm suas próprias e distintas estruturas, que têm distintos efeitos gerativos nos eventos, por meio de seus mecanismos particulares”, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999: 19). A autora e o autor esclarecem que a operação de um mecanismo está sempre mediada pela operação de outros, sem, contudo, determinar os efeitos nos eventos. Essa ação resulta eventos complexos e imprevisíveis.

Bhaskar (1989)¹⁰ propõe uma ontologia que sugere a existência de três estratos da realidade: o potencial, o realizado e o empírico.

¹⁰ Citado por Resende (2009: 20).

Quadro 2.1 Estratificação da realidade, segundo Bhaskar (1998)

	Domínio do Potencial	Domínio do Realizado	Domínio do Empírico
Mecanismos	√		
Eventos	√	√	
Experiências	√	√	√

Adaptado de Resende (2009: 22).

Em relação a esses três estratos, Resende (2009: 20) assim esclarece:

O domínio do potencial refere-se ao que quer que exista, “independente de ser um objeto empírico para nós e de termos uma compreensão adequada de sua natureza”. (...) O potencial refere-se também às estruturas internas e poderes causais dos elementos sociais, isto é, sua capacidade de se comportarem de maneiras particulares, suas tendências e suscetibilidades a certas maneiras particulares, suas tendências e suscetibilidades a certas mudanças. (...) o realizado refere-se ao que acontece quando esses poderes são ativados (...). O empírico, por fim, é definido como o domínio da experiência, da observação – é aquilo que nós efetivamente observamos dos efeitos das estruturas, das potencialidades, das realizações.

A autora também ressalta que os estratos do potencial e do realizado são as dimensões ontológicas da realidade, enquanto o estrato empírico é a dimensão epistemológica. Isto é, a dimensão do empírico nos permite acessar os demais estratos, por meio da observação, embora esse acesso tenha certas limitações, uma vez que, como ressalva Resende (2009: 21), esse acesso é “contingente”, ele não esgota todas as possibilidades, todavia, ele pode nos “ensinar sobre o que se realiza e sobre o que se pode realizar”. Destarte, a realidade é constituída de experiências, do curso dos eventos realizados, estruturas, poderes, mecanismos e tendências. Em termos da pesquisa, é possível depreender que, apesar de ser contingencial, a análise de textos que veiculam o discurso de autoajuda pode viabilizar uma visão crítica a respeito dos mecanismos acionados e/ou bloqueados no nível do realizado que são responsáveis pela sustentação de práticas na sociedade que podem ser prejudiciais a grupos em situação de fragilidade ou, por outro lado, benéficas a grupos que buscam manter posições hegemônicas desfavoráveis aos primeiros.

Essa estratificação da realidade em três estratos corresponde, respectivamente, ao

o potencial [que] é o domínio das estruturas, mecanismos e poderes causais dos objetos, ao passo que o realizado (...) refere-se a o que acontece se e quando estes poderes são ativados, ou seja, àquilo que esses poderes fazem e

ao que ocorre quando eles são ativados. (...) o empírico, por sua vez, (...) [é] parte do potencial e do realizado que é experienciada por atores sociais específicos. (RAMALHO & RESENDE, 2011: 34).

Na ADC, o trabalho desenvolvido por pesquisadores/as é realizado no nível dos eventos, ou seja, do empírico. A análise textual, uma parte do processo de análise do discurso, consiste em investigar significados e formas textuais que materializam aspectos das maneiras situadas de (inter)agir, representar e identificar em eventos, o que é possibilitado e constrangido pela estrutura e pelas práticas sociais (cf. Seção 2.2). Para um melhor entendimento do diálogo entre o Realismo Crítico e a ADC, Fairclough (2003a) recontextualiza a noção de poderes causais vistos nos domínios do potencial e do realizado para a discussão acerca da relação entre linguagem-sociedade. Na proposta do autor, os textos, por conseguinte, têm poderes e efeitos causais, capazes de promover mudanças ou legitimar, mesmo que temporariamente, relações desiguais; a análise discursiva desses efeitos de textos é, portanto, parte do trabalho da ADC. Isso será discutido ao fim desta seção.

Conforme destaca Fairclough (2003a: 8), textos são elementos de eventos sociais e possuem efeitos causais e podem promover mudanças. Os textos,

[em] um primeiro momento, (...) podem provocar mudanças em nossos conhecimentos – nós podemos aprender coisas novas com eles –, nossas crenças, nossas atitudes, nossos valores, etc. Eles também têm efeitos causais a longo prazo - Podemos dizer, por exemplo, que a experiência prolongada com propagandas e textos comerciais contribui para moldar as identidades das pessoas como “consumidoras”, ou suas identidades de gênero. Os textos também podem iniciar guerras, ou contribuir para mudanças em educação, ou para mudanças em relações industriais, etc. Seus efeitos podem incluir mudanças no mundo material, tais como mudanças no *design* urbano (...). Em suma, textos têm efeitos causais e contribuem para mudanças em pessoas (crenças, atitudes, etc.), em ações, em relações sociais e no mundo material.

Os textos, portanto, são parte dos eventos sociais. São recurso e resultado de estruturas, práticas sociais e ação social, conforme discuto a seguir.

Os agentes sociais, segundo Fairclough (2003a: 22), não são totalmente livres em suas ações: eles são socialmente constrangidos, todavia, suas ações não são totalmente determinadas socialmente. Isso significa que agentes sociais têm também seus próprios poderes causais, que não são redutíveis aos poderes causais das estruturas ou das práticas sociais. Agentes sociais produzem textos e criam relações entre elementos textuais. A produção textual sofre certas restrições, como, por exemplo, as das “regras” gramaticais, ou de formas ou convenções genéricas socialmente instituídas. Mesmo assim, agentes usufruem de liberdade relativa na composição de textos.

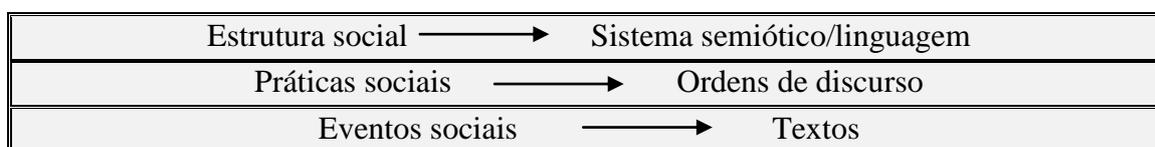
Quanto às estruturas sociais, Fairclough (2003a: 23) as descreve como “entidades abstratas”, que podem ser definidas em termos de potencial ou uma gama de possibilidades. Isso significa

Pode-se pensar em estrutura social – tal como estrutura econômica, uma classe social, um sistema de castas, ou uma língua – como algo potencial, como uma gama de possibilidades. Entretanto, a relação entre o que é estruturalmente possível e o que realmente acontece, entre estruturas e eventos, é bastante complexa. Os eventos não são, de qualquer forma, simples e diretamente os efeitos das estruturas sociais abstratas. Essa relação é mediada: há entidades organizacionais intermediárias entre estruturas e eventos – vamos chamá-las de práticas sociais. (FAIRCLOUGH, 2003a: 23).

As práticas sociais são, por sua vez, “meios de controlar a seleção de certas possibilidades estruturais e a exclusão de outras, e a retenção dessas seleções no decurso do tempo, em áreas particulares da vida social.” (FAIRCLOUGH, 2003a: 23). As práticas sociais estão, desse modo, interligadas em redes de forma particular e cambiante. Chouliaraki e Fairclough (1999: 21) conceituam práticas sociais como “maneiras habituais, vinculadas a determinadas épocas e lugares, em que as pessoas aplicam recursos – materiais ou simbólicos – para agir em conjunto no mundo”. O autor e a autora esclarecem que as práticas são constituídas ao longo da vida social, em muitos domínios, como por exemplo, o econômico ou religioso.

O esquema apresentado no Quadro 2.2 simplifica o entendimento acerca da organização da vida social nos três níveis. A linguagem – mais amplamente a semiose, que inclui, por exemplo, significação e comunicação por meio de imagens, gestos – é um elemento do social em todos os níveis:

Quadro 2.2 – Relação entre o social e o semiótico



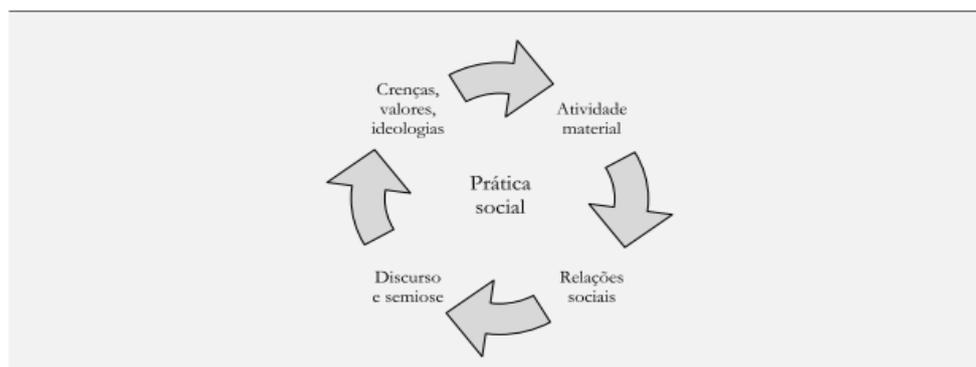
Adaptado de Fairclough (2003a:24).

Além disso, Fairclough (2003a: 24) destaca que a linguagem define certo potencial, certas possibilidades e exclui outras, isto é, certas maneiras de combinação de elementos linguísticos são possíveis, enquanto outras não são. Entretanto, textos, como elementos de eventos sociais, “não são simplesmente os efeitos de potenciais definidos pela linguagem”; é necessário “reconhecer as entidades organizacionais intermediárias de um tipo linguístico específico” das redes de práticas sociais: as ordens de discurso.

As ordens de discurso, segundo o autor, são redes de práticas sociais no aspecto linguístico, e os elementos que compõem as ordens de discurso são discursos, gêneros e estilos. Esses elementos selecionam certas possibilidades definidas pelas línguas e excluem outras. Portanto, conforme ressalta o autor, as ordens de discurso podem ser vistas como organização e controle social da variação linguística.

As práticas sociais, dentro da perspectiva da ADC, são entidades intermediárias que articulam discurso com outros elementos sociais não essencialmente discursivos, a saber: atividade material, relações sociais, discurso e semiose, crenças, valores e ideologias. De acordo com Ramalho (2008: 53), nas práticas particulares, “esses (...) elementos mantêm entre si constantes relações dialéticas de articulação e internalização, sem se reduzirem a um, tornando-se “momentos” da prática”. A Figura 2. 1, a seguir, ilustra a proposta de Chouliaraki e Fairclough (1999) em relação à prática social:

Figura - 2.1 – Momentos da prática social, segundo a ADC



Resende (2008: 55).

Em ADC, *discurso* adquire duas significações: a primeira, uma concepção mais abstrata, relacionada à linguagem e a outros tipos de semiose, “como momento irreduzível da vida social” (RAMALHO & RESENDE, 2011: 41); a segunda, como substantivo mais concreto, é uma concepção relacionada às maneiras particulares de representação de aspectos do mundo. Na primeira aceção – a mais abstrata – o discurso atua juntamente com os outros momentos nas práticas sociais. Como já destacado, esses elementos mantêm, entre si, uma relação dialética de internalização e articulação.

Em relação à segunda aceção, o discurso figura, nas práticas sociais, simultânea e dialeticamente, de três maneiras: para agir e interagir, para representar aspectos do mundo e para identificar a nós mesmos e a outrem. Essas maneiras correspondem aos três momentos de ordens do discurso – gêneros, discursos e estilos – que são momentos

internos do momento semiótico de práticas sociais. Ramalho e Resende (2011: 45) conceituam ordens do discurso como “um *sistema*, isto é, um potencial semiótico estruturado que possibilita e regula nossas ações discursivas, tal como práticas sociais regulam nossas ações sociais”. As ordens de discurso surgem da combinação de momentos como gêneros, discursos e estilos particulares de cada campo ou atividade social, constituindo, assim, o aspecto discursivo das redes de práticas sociais.

Nessa perspectiva, Chouliaraki e Fairclough (1999) entendem a linguagem como um sistema aberto, com capacidade potencialmente ilimitada para fazer construções de significado por meio de conexões gerativas e sintagmáticas. Todavia, eles ressaltam que a linguagem é mantida como um sistema aberto por causa do dinamismo das ordens de discursos, as quais propiciam a geração de novas articulações de discursos, gêneros e estilos (Chouliaraki & Fairclough, 1999). O autor e a autora também destacam que a abertura do sistema da linguagem é mantida por recursos internos – léxico-gramaticais e semânticos – e por recursos externos – mantidos pelo dinamismo das ordens dos discursos de cada campo social. A linguagem é, nessa concepção, estratificada em dois sistemas: o primeiro, o sistema semiótico, constituído pelos estratos semântico, léxico-gramatical, fonológico e fonético; o segundo, o sistema de redes de ordens de discurso, seria a faceta sociodiscursiva da linguagem.

Cada ordem de discurso, que compõe o sistema de redes de ordens de discursos, é formada por três momentos dialeticamente constituídos: gêneros, discursos e estilos. O primeiro refere-se às “maneiras relativamente estáveis de agir e interagir discursivamente na vida social”. O segundo momento refere-se às “maneiras relativamente estáveis de representar aspectos do mundo, de pontos de vista particulares”. Já o terceiro momento refere-se às “maneiras relativamente estáveis de identificar, discursivamente, a si e a outrem” (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 44). Essas formas de significação do discurso são ilustradas na figura a seguir:

Quadro 2.3 – Significados do discurso

Gênero (modos de (inter)agir)
Discursos (modos de representar)
Estilos (modos de ser e de identificar)

Fairclough (2003a: 27) observa que textos são multifuncionais – considerando a distinção entre gêneros, discursos e estilos com as três principais maneiras como o discurso figura como parte da prática social (modos de (inter)agir, de representar e de ser). Deve-se observar a relação do texto com o evento e com o que “há de mais amplo no mundo físico ou social e com as pessoas envolvidas no evento”. Segundo o autor, é possível observar a maneira como ação, representação e identificação “funcionam” simultaneamente em textos. A análise do funcionamento dialético dos três significados proporciona aos textos uma perspectiva social:

há (...) uma correspondência entre Ação e gêneros, Representação e discursos, Identificação e estilos. Gêneros, discursos e estilos são, na ordem, *meios* relativamente estáveis e duráveis de agir, representar e identificar. São identificados como elementos de ordens de discurso no nível da prática social. Quando analisamos textos específicos como parte de eventos específicos, estamos realizando duas tarefas interconexas: (a) olhando-as em termos dos três aspectos do significado: Ação, Representação e Identificação e como são realizados nos diferentes traços de textos (vocabulário, gramática, etc); (b) estabelecendo a ligação entre o evento social concreto e a prática social mais abstrata ao perguntar que gêneros, discursos e estilos estão ali delineados, e como os diferentes gêneros, discursos e estilos se articulam no texto? (FAIRCLOUGH, 2003a : 181).

Convém ressaltar que a relação entre gênero, discurso e estilo é dialética, embora os três significados possam ser caracterizados separadamente para propósitos analíticos. Assim, “representações particulares (discursos) podem desempenhar de modo particular ações e relações (gêneros) e apontar modos de identificação (estilos).” (FAIRCLOUGH, 2003b: 182). O autor ainda esclarece que:

Representação tem a ver com conhecimento e por meio dele 'controle sobre coisas'; a Ação está relacionada, de modo genérico, com a relação com os outros, mas também' com a ação sobre os outros' e com o poder. Identificação se liga com as relações com a própria pessoa, ética e 'assuntos morais'. (...), suas disposições personificadas de ver e agir de certos modos baseados na socialização e experiência, que é, em parte, disposição de falar e de escrever de certo modo.

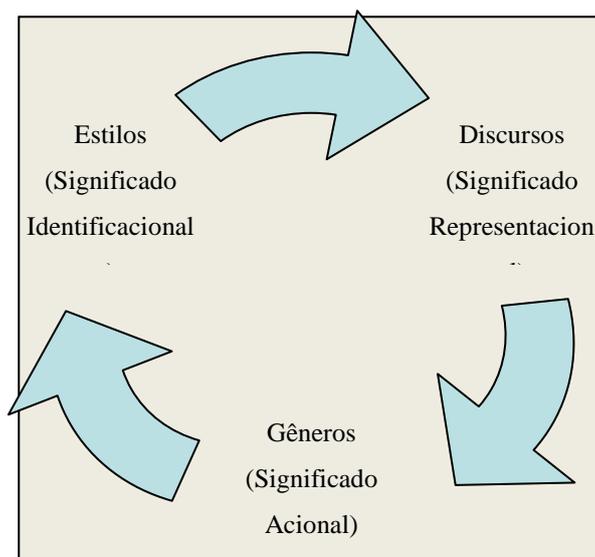
A análise das relações dialéticas entre o discurso e os outros elementos da prática social é um procedimento que permite entender como a linguagem figura nas mudanças radicais na vida social contemporânea. Entender o papel da linguagem nas relações com os outros elementos das práticas sociais é uma preocupação da ADC. Fairclough (2003b) destaca que a atuação da semiose em determinadas práticas sociais pode ser mais sobressalente, enquanto em outras ela não representa um papel preponderante. Todavia, conforme ressalta Fairclough (2003b), só é possível entender

satisfatoriamente qual o papel desempenhado pela linguagem nas práticas sociais mediante a análise.

Desse modo, conforme orienta Resende (2005: 28), a análise de discurso deve considerar, simultaneamente, “a análise de como os três tipos de significado são realizados em traços linguísticos dos textos”, além da “conexão entre o evento social e práticas sociais, verificando-se quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados em textos”. A autora também destaca que ação, representação e identificação são significados que estão sempre presentes, simultaneamente, nos textos. Ou seja, a relação entre eles é dialética, “embora cada um desses significados delinear categorias de análise linguística específicas” (RESENDE, 2009: 131).

A Figura 2.2, a seguir, ilustra a relação entre os três significados do discurso:

Figura 2.2 – Relações dialéticas entre os significados do discurso.



A investigação de como os três significados do discurso figuram nos textos é importante para a análise linguística, uma vez que eles mantêm relações dialéticas mútuas. Todavia, nesta pesquisa, me deterei principalmente na análise de categorias relacionadas ao significado acional do discurso – modos relativamente estáveis de (inter)agir discursivamente. Esse enfoque deve-se ao fato de que livros de autoajuda podem ser estudados, com base em Fairclough (2008), como um tipo de tecnologia discursiva na modernidade tardia. Por isso, compreender a dinâmica da formação do

gênero pode proporcionar um entendimento a respeito de estratégias discursivas hegemônicas, principalmente nas tecnologias de comunicação em massa.

2.4 – Efeitos sociais de textos: ideologia e poder como hegemonia

Um importante aspecto a ser considerado em pesquisas sociais críticas é o potencial de efeitos causais de (sentidos de) textos. Com Fairclough (2003a: 8), sustento que textos, como elementos de eventos sociais, têm e podem produzir efeitos causais, isto é, podem produzir mudanças. Ele relata:

Mais imediatamente, os textos podem provocar mudanças em nosso conhecimento (nós podemos aprender coisas a partir deles), em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores etc. Eles também têm efeito a longo prazo – alguém por exemplo poderia argumentar que uma experiência prolongada com anúncios publicitários e outros textos comerciais contribui para moldar as identidades das pessoas como consumidoras, ou suas identidades de gênero. Textos também podem começar guerras, ou contribuir para mudanças em educação, ou para mudanças em relações industriais, e aí por diante. Entre seus efeitos pode-se incluir mudanças no mundo material, como, por exemplo, mudanças no design urbano ou na arquitetura e design de tipos particulares de construções.

Fairclough discute que textos têm efeitos causais potenciais e podem contribuir para mudanças em pessoas – suas crenças, atitudes etc. – em ações, em relações sociais e no mundo material. Assim, justifica-se, segundo ele, a atenção dada à linguagem em sua relação com práticas sociais no novo capitalismo. Segundo o autor, não é possível afirmar que certos textos podem provocar, de modo automático, mudanças no conhecimento ou no comportamento das pessoas, na política ou na sociedade. Isso também é dito em relação à regularidade, para a qual “pode ou não haver um padrão de causa e efeito, mas isso não significa que não haja efeitos causais” (FAIRCLOUGH, 2003a: 8).

Por fim, ele argumenta que textos “podem ter efeitos causais, sem ser necessariamente efeitos regulares, porque muitos outros fatores no contexto podem determinar se textos particulares realmente têm uma variedade de efeitos, por exemplo, em diferentes intérpretes” (FAIRCLOUGH, 2003a: 8). Essa afirmação mostra-se de grande pertinência para a constatação da importância que os textos assumiram nas práticas no novo capitalismo, já que eles funcionam como veículos de propagação de maneiras de (inter)agir, de representações/discursos e de identidades/estilos particulares de grupos hegemônicos. Por isso, destaca-se o papel das novas tecnologias de

comunicação, cada vez mais eficientes, em termos de superação de metas, e cada vez mais utilizadas com a função de promover propósitos particulares de manutenção ou conquista e sustentação de posições hegemônicas.

Essa discussão apresentada por Fairclough a respeito de efeitos causais de textos é muito pertinente para a investigação a respeito do *modus operandi* da literatura de autoajuda. Os textos produzidos nessa prática particular buscam levar às pessoas reflexões particulares sobre si e sobre o agir no mundo. Esses textos têm o efeito potencial de alterar/reforçar crenças, valores, atitudes, maneiras de (inter)agir das pessoas. Assim, o discurso de autoajuda produz efeitos, nem sempre mensuráveis, que podem (re)produzir, instaurar e sustentar discursos hegemônicos e desigualdades sociais. Essa discussão será retomada no Capítulo 4.

A ideologia – ou efeitos ideológicos – é um dos efeitos causais de sentidos de textos. Ela é uma das preocupações centrais da Análise de Discurso Crítica, pois sua atuação, por meio dos textos, pode provocar mudanças ou manutenções na ordem social, ao inculcar e sustentar ideologias. Para a ADC, ideologia é um conceito de caráter inerentemente negativo. Trata-se de um mecanismo semiótico utilizado para assegurar a hegemonia pela “representação particular de mundo como se fosse a única possível e legítima.” (RAMALHO & RESENDE, 2011:25). A ideologia é usada, portanto, para estabelecer e sustentar relações de poder. Os textos podem, portanto, veicular sentidos ideológicos, que servem para a sustentação ou estabelecimento de relações de dominação, ou seja, relações assimétricas de poder, seja de distribuição de recursos materiais ou mesmo simbólicos. O conceito de ideologia operacionalizado pela ADC é oriundo dos estudos de Thompson (2002: 76).

É importante frisar que, segundo Thompson (2002), os sentidos são ideológicos apenas quando são acionados, explicitamente ou não, com esse potencial de sustentar e/ou manter relações hegemônicas. Nessa perspectiva crítica, sentidos de textos são mobilizados para constituir a realidade social e, ao mesmo tempo, serem ferramentas tanto para criar como para manter ou subverter as relações sociais estabelecidas entre as pessoas e/ou grupos de pessoas.

Thompson (2002) destaca que há inúmeros modos como sentidos podem servir, em condições sócio-históricas específicas, para instaurar e manter relações de dominação. Ele propõe cinco modos principais e gerais por meio dos quais a ideologia pode atuar, assim como estratégias para a construção simbólica ideológica na vida social, conforme ilustro no Quadro 2.4, a seguir.

Quadro 2.4 – Modos de Operação da Ideologia, segundo Thompson (2002)

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
LEGITIMAÇÃO Relações de dominação são representadas como legítimas	RACIONALIZAÇÃO (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações) UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses gerais) NARRATIVIZAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)
DISSIMULAÇÃO Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas	DESLOCAMENTO (deslocamento contextual de termos e expressões); EUFEMIZAÇÃO (valoração positiva de instituições, ações ou relações); TROPO (sinédoque, metonímia, metáfora)
UNIFICAÇÃO Construção simbólica de identidade coletiva	PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado); SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva)
FRAGMENTAÇÃO Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante	DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo); EXPURGO DO OUTRO (construção simbólica de um inimigo)
REIFICAÇÃO Retratação de uma situação transitória como permanente e natural	NATURALIZAÇÃO (criação social e histórica tratada como acontecimento natural) ETERNALIZAÇÃO (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes) NOMINALIZAÇÃO/PASSIVIZAÇÃO (concentração da atenção em certos temas em detrimento de outros, com apagamento de atores e ações).

Resende e Ramalho (2006: 52).

Fairclough (2003a: 9) nota que, ao considerarmos ideologia como representações que podem ser usadas para contribuir para a manutenção de relações de poder e de dominação, as análises textuais devem considerar os textos em termos de seus efeitos nas relações de poder. Também enfatiza que, como ideologias constituem representações, elas podem ser legitimadas em formas de (inter)ação social, como também podem ser “inculcadas” nas identidades dos agentes sociais. Ideologias podem, portanto, estar associadas a discursos (como representação), com gêneros (em ações e interações) e em estilos (nas identificações). Ainda que, como adverte o autor,

só podemos chegar a um julgamento sobre um propósito ideológico de determinado texto, quando olhamos para os efeitos causais manifestos nele, em áreas particulares da vida social e perguntar se suas ações ou inculcações contribuem para a manutenção ou modificação das relações de poder. (FAIRCLOUGH, 2003:9).

Em relação ao discurso de autoajuda, é possível estabelecer um diálogo produtivo entre as categorias de análise propostas pela ADC e os modos de operação da ideologia propostos por Thompson, pois os significados expressos linguisticamente podem acionar sentidos potenciais específicos, provavelmente naturalizados pelas/os leitoras/es que buscam, neles, soluções ou suportes para a resolução de seus problemas.

A legitimação, um dos modos de operação da ideologia, servirá de grande apoio para as análises desta pesquisa. Esse modo de operação ideológico ganha um redimensionamento extra no discurso de autoajuda: além de servir para a apresentação de relações hegemônicas como únicas e legítimas, esse recurso de construção de significado é usado para dar legitimidade às ideias apresentadas pelo/a autor/a e à cadeia argumentativa, além de ser usado como recurso testemunhal, o que confere às ideias de um texto o contato com o/a leitor/a e com a realidade que o/a cerca. Outros modos, como, por exemplo, a unificação, a dissimulação e a reificação, articulados com as categorias analíticas providas pela ADC, também darão o suporte à análise (cf. Capítulo 4).

Quanto ao poder como *hegemonia*, a ADC concebe essa noção como algo temporário, com equilíbrio instável, isto é, as relações assimétricas de poder são mantidas por meio da difusão, por parte de grupos particulares, de visões de mundo particulares, que sustentam, mesmo que temporariamente, suas posições hegemônicas. Todavia, conforme destacam Ramalho e Resende (2011: 24), essas relações são passíveis de mudança e superação. As autoras ainda destacam que “a luta hegemônica travada no/pelo discurso é uma das maneiras de instaurar e manter a hegemonia” e que ele é conquistado mais pelo consenso do que “pelo uso da força”, ou seja, “parte das lutas hegemônicas é a luta pela instauração, sustentação, universalização de discursos particulares” (RAMALHO & RESENDE, 2011: 25). Essa ideia reforça a necessidade de estudos que identifiquem e questionem práticas sociais, nas quais estão estabelecidas relações assimétricas de poder, muitas vezes, veladamente.

Essa perspectiva teórica permite problematizar representações ideológicas e, assim, assumir um posicionamento crítico na análise de eventos discursivos. Ressalta-se

também, nesse modelo, a contribuição para o estudo das maneiras como o discurso pode instaurar e sustentar relações de poder, dominação, construção de identidade, proliferação ou resistência a ideologias presentes na contemporaneidade. Assim, com base no arcabouço teórico da ADC, busco desenvolver um trabalho de análise textualmente orientada para problematizar efeitos potencialmente ideológicos, que podem ser disseminados e legitimados nos textos de autoajuda e tendo, por fim, potencial impacto em modos de ser/identidades.

Textos têm efeitos na vida social e têm potencial para mudar gêneros, mudar relações sociais e conformar identidades. Parto, então, da seguinte perspectiva dialética: gêneros – com determinada organização, que acionam determinadas maneiras de agir – que legitimam/veiculam discursos que podem ser inculcados em identidades sociais. Isto é, maneiras de (inter)agir/gêneros que legitimam maneiras particulares de representar/discursos e que podem ser inculcadas em identidades/estilos.

O diálogo estabelecido entre a ADC e o Realismo Crítico proporciona uma profundidade ontológica que possibilita um trabalho de crítica dos discursos que circulam em textos que materializando o gênero situado livro de autoajuda, além de poder tecer explanações sobre possíveis efeitos sociais de textos em identidades, maneiras de (inter)agir e em conhecimentos, como é o caso da literatura de autoajuda, por meio da qual autores/as oferecem “releituras” de conhecimentos científicos para o cotidiano das pessoas. Todavia, essas releituras podem ser apenas manifestações de discursos hegemônicos com potencial para mudarem/reforçarem as maneiras como as pessoas vivem suas vidas. O desenho de pesquisa feito para investigar esse problema sociodiscursivo é apresentado no Capítulo 3, a seguir.

Ana Maria Camargo Vieira, 65, atriz
4 casamentos, 7 plásticas, siliconada,
botocada, implantes dentais totais,
lipoaspirada, bronzamento artificial,
personal trainer, personal diet,
personal stylist e análise 2 x por
semana, dá sua receita
de sucesso e felicidade:



- Seja você
mesma!

andrade

etrísteviverdehumor.blogspot.com

(Fonte: <http://psicologiadopsicologos.blogspot.com.br/2009/10/e-triste-viver-de-humor.html>)

Capítulo 3

Percurso Metodológico

Neste capítulo, descrevo o percurso teórico-metodológico pelo qual foram delineados os procedimentos de coleta, geração e análise de dados do *corpus* da pesquisa qualitativa, predominantemente documental e sincrônica.

Na primeira seção, discuto acerca dos procedimentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica: a abordagem teórico-metodológica da pesquisa. Já na Seção 3.2, discorro a respeito da pesquisa documental e posteriormente descrevo o percurso trilhado para a constituição desta pesquisa, como também a delimitação do *corpus* principal e ampliado. Nessa parte, também descrevo os objetivos e as questões de pesquisa sobre aspectos (inter)acionais, representacionais e identificacionais em livros de autoajuda, material empírico de análise, e relato como o *corpus* da pesquisa foi delimitado.

3.1 – Delineamento teórico-metodológico da pesquisa

A atividade principal desenvolvida por quem produz livros de autoajuda é a produção maciça de textos que buscam dialogar com um/a leitor/a “consumidor” (cf. discussão desenvolvida no Capítulo 4). Muitos desses livros – apesar de recorrerem a convenções discursivas largamente utilizadas por muitos/as escritores/as – são bem extensos e, na medida do possível, inovadores em relação aos seus antecessores; contudo, são projetados com extremo rigor, pois livros de autoajuda não são apenas um conjunto de “dicas” ou um “manual de comportamento”, mas livros oferecidos como produtos/remédios/soluções para problemas e/ou demandas. Todavia, a ‘habilidade de manejar bem as palavras’ também impulsiona o sucesso de um livro. Por exemplo, a “pseudo” simplicidade dos textos – uma tecnologia discursiva, nos termos de Fairclough (2003a) – pode ser considerada uma estratégia para facilitar a leitura e garantir a adesão dos/as leitores/as às representações construídas por autores/as.

Pesquisas de cunho crítico-explanatório, como essa que ora proponho, precisam de uma abordagem metodológica coerente com os objetivos delineados para a investigação, além de propiciar o alcance a respostas satisfatórias para o problema sociodiscursivo em estudo. Resende e Ramalho (2006: 38) resumem os procedimentos teórico-metodológicos básicos da ADC, propostos em Chouliaraki e Fairclough (1999), com base na crítica explanatória de Bhaskar (1986; 1989)¹¹:

Quadro 3.1 Procedimentos teórico-metodológicos da ADC

Percepção de um problema social com aspectos semióticos
Identificação de obstáculos para que o problema seja superado <i>análise da conjuntura</i> <i>análise da prática particular</i> <i>análise do discurso</i>
Investigação da função do problema na prática
Investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos
Reflexão sobre a análise

Baseado em Chouliaraki & Fairclough (1999: 60); Fairclough (2003a: 209-210).

Adaptado de Ramalho (2008: 137).

Cada procedimento da proposta de abordagem teórico-metodológica crítica-explanatória exige do/a pesquisador/a um trabalho minucioso de análise e reflexões. Chouliaraki e Fairclough (1999: 60-66) propõem que as análises em ADC sejam motivadas por um *problema discursivo relacionado a* alguma parte da vida social. Geralmente esse problema tem existência atribuída a relações assimétricas de poder, como também pode ser *sustentado* pela *naturalização*, por meio de discursos *particulares* representados, muitas vezes, como “universais”. Em relação ao discurso de autoajuda, é possível perceber que os “conselhos” ofertados nesses livros têm potencial para legitimar representações particulares que podem ser inculcadas em identidades e, assim, servir, por exemplo, como padrão de comportamento para pessoas de acordo com padrões hegemônicos do que venha a ser uma “pessoa de sucesso”. Além de

¹¹ Citado em Chouliaraki e Fairclough (1999) e Resende (2009).

possivelmente veicularem estereótipos, esses livros podem servir para fomentar mais um ramo do mercado editorial moderno, uma atividade lucrativa na modernidade, conforme discussão esboçada no Capítulo 1.

O segundo procedimento da abordagem é a *identificação de obstáculos para que o problema seja superado*. Nessa fase, é importante, segundo Resende e Ramalho (2006), identificar quais elementos na prática social servem como suportes para a permanência do problema anteriormente identificado, constituindo obstáculos para sua superação. Esse trabalho de identificação de obstáculos que sustentam o problema, geralmente, é subdividido em três partes, a saber: *análise da conjuntura*; *análise da prática particular* e *análise do discurso*. A primeira refere-se à análise da “configuração de práticas das quais o discurso em análise é parte, das práticas sociais associadas ao problema” (RESENDE & RAMALHO, 2006: 36) e das quais ele decorre. A segunda parte refere-se ao estudo dos momentos das práticas – (inter)ação; relações sociais; pessoas (com suas crenças, valores, histórias); mundo material, com foco nas relações entre tais momentos e o momento discursivo (FAIRCLOUGH, 2003a). Nessa etapa, investiga-se a prática particular, com ênfase nas práticas de produção, distribuição e consumo, por exemplo. A terceira parte é a análise de discurso que, nesta pesquisa, relaciona-se ao mapeamento delineado na análise dos livros que compõem o *corpus* de pesquisa. Nessa análise, busco investigar como se constroem processos de representação e identificação em livros de autoajuda, por meio de textos que articulam o gênero situado livro de autoajuda; nessa análise, investigo se os textos que materializam pré-gêneros e gêneros desencaixados possibilitam a articulação de representações de aspectos particulares como universais, e se, em caso positivo, essas representações podem ter efeitos em processos de identificação.

Ainda em relação ao terceiro procedimento destaco que ele é subdividido em duas partes, a saber : *análise estrutural e interacional*. A análise estrutural consiste na investigação da ordem do discurso de autoajuda em relação com outras ordens do discurso, tais como da ciência, da terapia, da literatura, do mundo da vida, da economia, da religião/esoterismo, conforme inicialmente discutido no Capítulo 1 e retomado na análise empreendida no Capítulo 4. Na análise interacional, por sua vez, busco investigar, dialeticamente, como formas e significados (inter)acionais, representacionais e identificacionais materializam-se nos livros/textos que compõem o *corpus*

documental. Essas formas e significados são investigados no *corpus* por meio de categorias analíticas da ADC para análise textual.

Para análise de aspectos mais (inter)acionais, analiso a *estrutura genérica* dos textos, assim como as atividades sociais que são desenvolvidas, as relações sociais implicadas e as tecnologias de comunicação empregadas. Além disso, sobre a composição do gênero ainda investigo os movimentos retóricos (SWALES, 1991; RAMALHO, 2008; RAMALHO & RESENDE, 2011) articulados na macro-organização textual, que materializam propósitos particulares dos livros. Para isso, também recorro a outra categoria estratégica para a pesquisa que permite a análise de macro e microrrelações semânticas do texto. A macrorrelação semântica do tipo “problema-solução” (FAIRCLOUGH, 2003a), por exemplo, é muito comum em livros de autoajuda. Nesse caminho, também analiso o uso de narrativas como recurso de construção e legitimação de significados. Nesse caso, o enfoque é dado aos possíveis sentidos acionados quando autores/as fazem uso da narrativa como recurso retórico para construir ou endossar a argumentação, ou com valor testemunhal, uma estratégia de construção discursiva da legitimação, conforme Thompson (2002), Fairclough (2003a) e van Leeuwen (2008). Busco também investigar no *corpus* as maneiras por meio das quais autores/as procuram criar uma “atmosfera” de diálogo com leitores/as. Isto é, investigo como são criados, nos textos, processos de interação entre autores/as e leitores/as, o que, em termos da ADC, também podem ser considerados processos de conversacionalização (FAIRCLOUGH, 2008).

Em suma, busco analisar como os textos articulam discursos particulares para produzir/disseminar/legitimar sentidos particulares como se fossem conhecimentos socialmente partilhados, “naturalizados”, acerca da organização social, ou seja, de maneiras de (inter)agir, de se relacionar na vida social, de ser, de identificar, incluindo valores, crenças, atitudes. Discursos esses que podem legitimar representações particulares como universais e ser inculcados em identidades pessoais e sociais. Também investigo como a organização genérica dos textos dá suporte para que essas representações particulares apareçam, de forma a poderem ser inculcadas em identidades e estilos de vida.

Para a análise dos livros de autoajuda, a identificação dos obstáculos a serem superados é muito importante, pois esse tipo de literatura *pretende-se* solução para suas/seus leitoras/es, mas a pesquisa indica que, muitas vezes, os livros do *corpus* fazem

ecos ao consumismo e à permanência de comportamentos submissos à lógica do capitalismo. Assim, entender a dinâmica empregada na composição do gênero pode facilitar a percepção de caminhos viáveis à superação do problema.

Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem, para a terceira fase da análise, a verificação da *função do problema na prática*. Nessa fase, verificamos se a instância discursiva exerce alguma função específica na prática social estudada, e de que forma ela desempenha tal função. Depois dessa análise, a autora e o autor sugerem, como etapa seguinte, a busca de *possíveis modos de ultrapassar os obstáculos* para a superação do problema discursivo elencado. Nessa fase, o procedimento mais importante é encontrar “contradições da conjuntura”, para as quais, nesta pesquisa, são feitas reflexões que visam contribuir para o entendimento do problema discursivo ora apresentado, com o objetivo de questionar o processo de “naturalização” da circulação e “consumo” desses textos – e discursos articulados – na sociedade contemporânea, que lhes atribuem “legitimidade”, vide número de livros vendidos em todo mundo. Dado o caráter crítico de pesquisas em ADC, estamos sempre realizando *reflexões sobre a análise*, do início ao fim do estudo crítico-explanatório.

Para realizar a pesquisa, conforme já foi anteriormente esclarecido, recorri à abordagem teórico-metodológica proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999). No Capítulo 1, analiso a conjuntura na qual o problema se desenvolve, além de refletir a respeito de aspectos relacionados à prática particular. No Capítulo 2, apresento o arcabouço teórico principal para tecer reflexões epistemológicas sobre o problema sociodiscursivo estudado. Já no Capítulo 4, realizo a análise crítica textualmente orientada, fundamentada nas categorias de análise discutidas também no Capítulo 4.

3.2 – Pesquisa qualitativa documental

A pesquisa qualitativa, conforme Denzin e Lincoln (2006), configura-se como um campo de investigação eficiente que estabelece uma ligação entre várias disciplinas, vários campos e vários temas, isto é, consiste em “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (DENZIN & LINCOLN, 2006:17). A esse respeito, Ramalho e Resende (2011: 74) mencionam que a pesquisa qualitativa corresponde a um conjunto de práticas que abarca várias formas de práticas

interpretativas que “permitem transformar aspectos do mundo em representações por meio das quais podemos entendê-los, descrevê-los e interpretá-los”.

Pardo (2011:26) observa que a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela negação do estudo objetivo da realidade. Para essa autora, as pesquisas qualitativas implicam considerar o/a investigador/a – com seu sistema de crenças e cultura particular, inserido/a em uma tradição acadêmica com suas permissões e seus constrangimentos – que pode modificar, interpretar e construir a realidade investigada. Essa realidade não pode ser objetivamente capturada, senão conhecida por meio de suas representações. Ela também destaca que, na pesquisa qualitativa, o/a pesquisador/a pode

conhecer [a realidade empírica] a partir de um procedimento preponderantemente indutivo. Para tanto, não se assenta nem em hipóteses ou conhecimentos a priori nem em modelos; não postula leis gerais que se aplicam a casos particulares, senão que o conhecimento obtido em uma investigação qualitativa é válido somente para esse caso em particular e não pretende ser generalizado. Por esse motivo, costuma-se chamar essas investigações de estudo de caso. (PARDO, 2011:26).

Vale ressaltar que, como também observam Denzin e Lincoln (2006), o processo de desenvolvimento de pesquisas qualitativas, de maneira geral, abrange três conjuntos de reflexões, a saber: ontológicas, epistemológicas e metodológicas. O autor e a autora observam que

Por trás desses termos, está a biografia pessoal do pesquisador, o qual fala a partir de uma determinada perspectiva de classe, de gênero, de raça, de cultura e de comunidade étnica. Esse pesquisador marcado pelo gênero, situado em múltiplas culturas, aborda o mundo com um conjunto de ideias, um esquema (teoria, ontologia) que especifica uma série de questões (epistemologia) que ele então examina em aspectos específicos (metodologia, análise). (DENZIN & LINCOLN, 2006:32).

A pesquisa qualitativa é essencial para o desenvolvimento deste trabalho, pois permite que, como pesquisadora, possa partir de um contexto biográfico – desde os meus primeiros contatos com o “universo da autoajuda”, percebi que esse tipo de livro recorria a certas estratégias textuais que argumentavam a favor de certos pontos de vista que, a meu ver, naquela época, podiam ser equivocados. Além disso, pelo tom persuasivo que esse tipo de livro adotava em sua argumentação, a meu ver, poderia induzir pessoas a entendimentos equivocados a respeito de como agir em resposta a determinados problemas. Isso me despertou o interesse em “encarar” esses livros como um possível problema social, com viés discursivo, que poderia ser investigado. Ao ingressar no Mestrado, na Universidade de Brasília, em 2011, conheci a ADC, com a

qual são/foram desenvolvidas importantes pesquisas sociais críticas. É essa também a perspectiva teórica crítica adotada para o desenvolvimento desta pesquisa.

O esquema teórico e metodológico desenvolvido pela ADC propiciou o delineamento da pesquisa documental como crítica-explanatória, como também influenciou na escolha dos métodos para coleta de dados qualitativos. Desse modo, com base na perspectiva metodológica da ADC, analiso os dados, a fim de atingir os objetivos e responder às questões de pesquisa apresentadas a seguir.

Objetivo geral

Investigar aspectos (inter)acionais, representacionais e identificacionais implicados na composição de textos que materializam o gênero situado “livro de autoajuda”, selecionados para compor o *corpus* de pesquisa.

Objetivos específicos

1. Apresentar aspectos da conjuntura social, bem como da prática particular, de produção e composição de livros de autoajuda;
2. Investigar (inter)ações discursivas no *corpus* principal;
3. Investigar processos de articulação e hibridização de gêneros e discursos com potencial para legitimar representações particulares;
4. Investigar processos de identificação com potencial para constituir/conformar identidades à lógica de propósitos de grupos hegemônicos;

Questões de pesquisa

1. Quais são as características da conjuntura social, bem como da prática particular, de produção e composição de livros de autoajuda do *corpus* principal?
2. Que pré-gêneros e gêneros desencaixados são articulados em textos que atualizam o gênero situado “livro de autoajuda” e como contribuem para a macro-organização semântica desses textos? Como se apropriam de tecnologias discursivas?
3. Como são construídas as relações de (inter)ação nos livros de autoajuda do *corpus*?

4. Que discursos são articulados e hibridizados no *corpus* principal? Como eles são articulados nos textos por meio da ação discursiva? Esses discursos têm potencial para legitimar representações particulares que podem ser inculcadas em identidades?

5. Há nos textos processos de identificação com potencial para constituir/conformar/legitimar identidades à lógica de propósitos de grupos particulares e hegemônicos?

O foco da análise textual do *corpus* documental são aspectos (inter)acionais, representacionais e identificacionais articulados na composição dos textos selecionados, que materializam o gênero situado “livro de autoajuda”. Assim, com base na análise textual dos livros¹² *O monge e o executivo – uma história sobre a essência da liderança*, de James C. Hunter, e *Nunca desista dos seus sonhos*, de Augusto Cury, investigo aspectos composicionais dos textos selecionados, quais os recursos discursivos e textuais utilizados na composição desses textos de sucesso da literatura de massa.

3.2.1 – Delimitação do *corpus* de pesquisa

Esta é uma pesquisa de base documental, ou seja, o principal material empírico utilizado no estudo é de natureza *formal*, cuja elaboração geralmente demanda conhecimento especializado. Bauer, Gaskel e Allum (2002) explicam que comunicações formais, em geral, seguem regras estabelecidas pelo comércio e pelas práticas particulares a que se vinculam. Por isso, pessoas que escrevem textos jornalísticos, textos publicitários e livros/textos voltados para consumo elegem um estilo comercial, com textos mais atrativos adaptados a realidades das tecnologias de comunicação. Os livros de autoajuda também partilham dessas características. O estilo utilizado em livros de autoajuda mostra-se aproximado ao estilo jornalístico, com linguagem mais acessível para, assim, abarcar um público variado de leitores/as, além de apropriar-se do vocabulário típico do discurso terapêutico (ILLOUZ, 2011) e do discurso religioso, o que, na pesquisa, podemos entender como um processo de interdiscursividade.

Há alguns livros que são considerados *best sellers* no mercado editorial da autoajuda. O *corpus* de pesquisa é composto por esses livros, que foram selecionados

¹² Os critérios de seleção desses títulos são apontados na seção 3.2.1.

de acordo com as listas de livros de autoajuda mais vendidos no Brasil, no período de 2000 a 2010, elaboradas e publicadas semanalmente na revista *Veja*.

Esta pesquisa também investiga a instauração da autoajuda como prática social expressiva e solidificada na contemporaneidade. Como estratégia de pesquisa, inicialmente, tentei selecionar os livros do *corpus* com base em consulta em sites de três grandes livrarias – com grande acervo disponível –, com filiais em várias capitais do País. A Tabela 3.2 é uma amostra de pesquisa realizada nos sistemas de busca dos sítios das livrarias. O “filtro” utilizado foi: “assunto: autoajuda”.

Tabela 3.2 – Resultado de consulta: quantidade de livros de autoajuda oferecidos pelas livrarias

Livraria	Endereço eletrônico	Lojas no Brasil	Filial/ais em Brasília	Títulos de autoajuda oferecidos ¹³
Livraria Cultura	www.livrariacultura.com.br	14	2	20067
Livraria Fnac	www.fnac.com.br	11	1	6583
Livraria Saraiva	www.livrariasaraiva.com.br	100	7	+ 3000

Listas com títulos de livros geralmente são apresentadas por revistas jornalísticas ou nos *sites* das grandes livrarias brasileiras. Em uma rápida pesquisa, podemos encontrar listas com mais de quinhentas opções de livros de autoajuda disponíveis. Os livros com a proposta e enfoque de autoajuda, conforme mencionado no Capítulo 1, espalham-se em diversas categorias, tais como: *ficção, não ficção, psicologia, administração financeira, autoajuda, autoajuda e relacionamentos, autoajuda e espiritualidade, autoajuda e vida prática, comportamento, sexologia, autoconhecimento, esoterismo, crescimento interior, amor, autoconhecimento, etc.* As propostas desses livros são inúmeras, mas, geralmente, oferecem “receitas” de como ter sucesso no amor, nos negócios e/ou na vida social, o que verifiquei com base na análise das macrorrelações semânticas “problema-solução” e “meta-procedimentos” (FAIRCLOUGH, 2003a), presentes no *corpus*, conforme apresentarei no Capítulo 4.

A opção de buscar os livros nos *sites* de grandes livrarias mostrou-se prontamente infrutífera, pois são oferecidos milhares de títulos, sem critérios lógicos de organização – autores/as, *best-sellers*, etc. Por isso, optei por investigar em revistas e

¹³ Demonstração de pesquisa realizada nos sistemas de busca dos sítios das livrarias. Filtro utilizado: “assunto: autoajuda”. Acesso em 22/11/2012.

jornais que divulgam listas semanais de livros publicados e vendidos, além de “publicitar” *rankings* de livros mais vendidos. Um dos fatores que contribui para a transformação de um livro em *best seller* é a divulgação nas principais mídias (PAPALINI & RIZO, 2012; BOSCO, 2001). No Brasil, a revista *Veja*, o jornal *Folha de São Paulo*, o jornal *O Globo* são alguns exemplos de produtos midiáticos que mantêm listas de livros mais vendidos no Brasil e criam reportagens a respeito de lançamentos e “sucessos do mercado editorial”.

Para delimitar o *corpus* de pesquisa, utilizei, então, as listas da revista *Veja*, pois o acervo total dessa revista está disponível e acessível na *internet*, o que também possibilitou estipular um período – do ano 2000 ao ano 2010 – e assim obter dados mais organizados e atualizados em relação aos principais e “mais cultuados” livros de autoajuda do mercado editorial brasileiro. Dessa forma, estabeleci para a pesquisa a consulta às listas de livros mais vendidos, no Brasil, de *Veja*, relacionadas nas edições de nº 1630 até a edição nº 2197, num total de 567 revistas. Esses dados estão compilados na Tabela 3.3, a seguir.

Tabela 3.3 – Quantidade de listas de livros mais vendidos consultadas na revista *Veja*

Listagem de livros mais vendidos	
Período considerado:	2000 a 2010
Número de edições:	567
Número de listas pesquisadas:	530
Ano	Quantidade de listas
2000	38
2001	49
2002	48
2003	49
2004	50
2005	51
2006	49
2007	50
2008	50
2009	48
2010	48

Em 1996, a revista *Veja* passou a publicar as listas de mais vendidos do segmento autoajuda. Outro dado que deve ser mencionado é o fato de a revista ser uma das mais lidas no Brasil, o que indiretamente permite a consideração de que ela também exerce grande influência na escolha dos livros que são mais comprados/vendidos no País, contribuindo para a criação de *best sellers*.

Na Tabela 3.4, a seguir, apresento alguns dados coletados nas listas pesquisadas. Os títulos dos livros foram organizados de acordo com a quantidade de ocorrências nas listas – esse é o critério estipulado para determinar a posição do título na tabela –, com o período no qual o livro passou a ser mencionado nas listas, com os/as autores e com as editoras. Não encontrei informações oficiais a respeito da quantidade de livros vendidos no Brasil e/ou em outros países, pois não há dados disponibilizados pelas editoras, nem pelas revistas. Essa informação não é disponibilizada por estratégia comercial, conforme mencionado em contato, via *email* e telefone, com algumas editoras que possuem títulos nas listas dos mais vendidos.

Tabela 3.4 - Tabela com os quinze livros mais vendidos no período de 2000 a 2010 no Brasil

Posição	Título	Autor/a	Editora	Período no Ranking	Ocorrências
1	<i>O monge e o executivo</i>	James C. Hunter	Sextante	11/4/2004 a 15/12/2010	301
2	<i>Nunca desista dos seus sonhos</i>	Augusto Cury	Sextante	24/11/2004 a 24/11/2010	223
3	<i>Quem mexeu no meu queijo?</i>	Spencer Johnson, M.D.	Record	27/9/2000 a 23/3/2005	208
4	<i>Casais inteligentes enriquecem juntos</i>	Gustavo Cerbasi	Gente	8/2/2006 a 7/4/2010	175
5	<i>Por que homens fazem sexo e mulheres fazem amor?</i>	Allan e Barbara Pease	Sextante	18/10/2000 a 4/6/2008	165
6	<i>A semente da Vitória</i>	Nuno Cobra	Senac São Paulo	6/6/2001 a 20/4/2005	151
7	<i>A arte da Felicidade</i>	Dalai Lama	Martins	22/3/2000 a 4/6/2003	142
8	<i>Pais brilhantes, professores fascinantes</i>	Augusto Cury	Sextante	19/11/2003 a 30/8/2006	129
9	<i>Não leve a vida tão a sério</i>	Hughes Prather	Sextante	9/4/2003 a 5/10/2005	107
10	<i>Jesus, o maior psicólogo que já existiu</i>	Mark W. Baker	Sextante	6/4/2005 a 3/8/2007	105
11	<i>Um dia daqueles</i>	Bradley Trevor Greive	Sextante	11/4/2001 a 19/1/2005	103
12	<i>O segredo</i>	Rhonda Byrne	Ediouro	9/5/2007 a 29/4/2009	100
13	<i>O que toda mulher inteligente deve saber</i>	Steven Carter e Julia Sokol	Sextante	9/8/2006 a 6/8/2008	90
14	<i>Quem ama, educa!</i>	Içami Tiba	Gente	4/12/2002 a 2/3/2005	86
15	<i>Por que os homens amam as mulheres poderosas?</i>	Sherry Argov	Sextante	5/8/2009 a 15/12/2010	69

A classificação dos livros mencionados na tabela “Top 15” (com os quinze livros mais vendidos no período de 2000 a 2010) como pertencentes à Categoria “Autoajuda” é atribuída pela revista *Veja*.¹⁴ Contudo, quando consultamos o site das editoras de cada livro, percebe-se que essa classificação conferida pela *Veja* nem sempre é a mesma atribuída pelas editoras e/ou escritores/as. Na próxima tabela, estão elencados os livros que constituem as listas de *Veja*, mas com a classificação atribuída pelas editoras que lançaram os livros.

Tabela 3.5 - Classificação dos livros de acordo com os critérios das editoras

Posição	Título	Autor/a	Editora	Classificação
1	<i>O monge e o executivo</i>	James C. Hunter	Sextante	Administração e Negócios/autoajuda
2	<i>Nunca desista dos seus sonhos</i>	Augusto Cury	Sextante	Autoajuda
3	<i>Quem mexeu no meu queijo?</i>	Spencer Johnson, M.D.	Record	Desenvolvimento Pessoal ¹⁵
4	<i>Casais inteligentes enriquecem juntos</i>	Gustavo Cerbasi	Gente	Finanças Pessoais
5	<i>Po r que homens fazem sexo e mulheres fazem amor?</i>	Allan e Barbara Pease	Sextante	Autoajuda/comportamento/ relacionamentos
6	<i>A semente da Vitória</i>	Nuno Cobra	Senac São Paulo	Não informado
7	<i>A arte da Felicidade</i>	Dalai Lama	Martins	Religião
8	<i>Pais brilhantes, professores fascinantes</i>	Augusto Cury	Sextante	Autoajuda
9	<i>Não leve a vida tão a sério</i>	Hugher Prather	Sextante	Autoajuda
10	<i>Jesus, o maior psicólogo que já existiu</i>	Mark W. Baker	Sextante	Autoajuda/espiritualidade
11	<i>Um dia daqueles</i>	Bradley Trevor Greive	Sextante	Autoajuda/Inspiração
12	<i>O segredo</i>	Rhonda Byrne	Ediouro	Desenvolvimento pessoal
13	<i>O que toda mulher inteligente deve saber</i>	Steven Carter e Julia Sokol	Sextante	Autoajuda/comportamento/ relacionamentos
14	<i>Quem ama, educa!</i>	Içami Tiba	Gente	Não informado pela editora
15	<i>Por que os homens amam as mulheres poderosas?</i>	Sherry Argov	Sextante	Autoajuda/comportamento/ relacionamentos

Com base na Tabela 3.5, elaborei outra com os livros reconhecidos pelas editoras como sendo exemplares de autoajuda e também classificados pela revista *Veja*

¹⁴ A revista *Veja* classifica os livros mais vendidos em três categorias, a saber: *Ficção*, *Não-Ficção* e *Autoajuda*.

¹⁵ O Grupo Editorial Record não tem livros classificados como autoajuda. O gênero correspondente seria “Desenvolvimento Pessoal”.

como pertencentes a esse segmento. Essa seleção foi uma tentativa de manter a coerência entre a lista de *Veja* e a classificação atribuída aos livros pelas próprias editoras e, possivelmente, pelos/as próprios/as escritores/as:

Tabela 3.6 – Livros de autoajuda, de acordo com *Veja* e com as editoras

Posição	Título	Autor/a	Editora	Classificação
1	<i>O monge e o executivo</i>	James C. Hunter	Sextante	Administração e Negócios/autoajuda
2	<i>Nunca desista dos seus sonhos</i>	Augusto Cury	Sextante	Autoajuda
3	<i>Quem mexeu no meu queijo?</i>	Spencer Johnson, M.D.	Record	Desenvolvimento Pessoal
4	<i>Por que homens fazem sexo e mulheres fazem amor?</i>	Allan e Barbara Pease	Sextante	Autoajuda/comportamento/relacionamentos
5	<i>Pais brilhantes, professores fascinantes</i>	Augusto Cury	Sextante	Autoajuda
6	<i>Não leve a vida tão a sério</i>	Hughes Prather	Sextante	Autoajuda
7	<i>Jesus, o maior psicólogo que já existiu</i>	Mark W. Baker	Sextante	Autoajuda/espiritualidade
8	<i>Um dia daqueles</i>	Bradley Trevor Greive	Sextante	Autoajuda/Inspiração
9	<i>O segredo</i>	Rhonda Byrne	Ediouro	Desenvolvimento pessoal
10	<i>O que toda mulher inteligente deve saber</i>	Steven Carter e Julia Sokol	Sextante	Autoajuda/comportamento/relacionamentos
11	<i>Por que os homens amam as mulheres poderosas?</i>	Sherry Argov	Sextante	Autoajuda/comportamento/relacionamentos

Com base nessa lista, selecionei os dois primeiros livros. Eles apareceram em todas as listas como “ocupantes” do primeiro e segundo lugar. Coincidência ou não, os livros são da Editora Sextante. Mas, por exemplo, se considerarmos o número de vendas ou aparições em listas de livros mais vendidos ou mais mencionados pela mídia, ainda assim teremos um representante “de peso”, como é o caso do livro *O monge e o executivo*, que ainda aparece¹⁶ nas listas de *Veja*. Também podemos levar em consideração o fato que os dois primeiros livros abordam temáticas diferentes, têm autores diferentes – um estadunidense e outro brasileiro –, conforme descrições contidas nas análises desenvolvidas no Capítulo 4. Assim, na análise discursiva, abordarei a

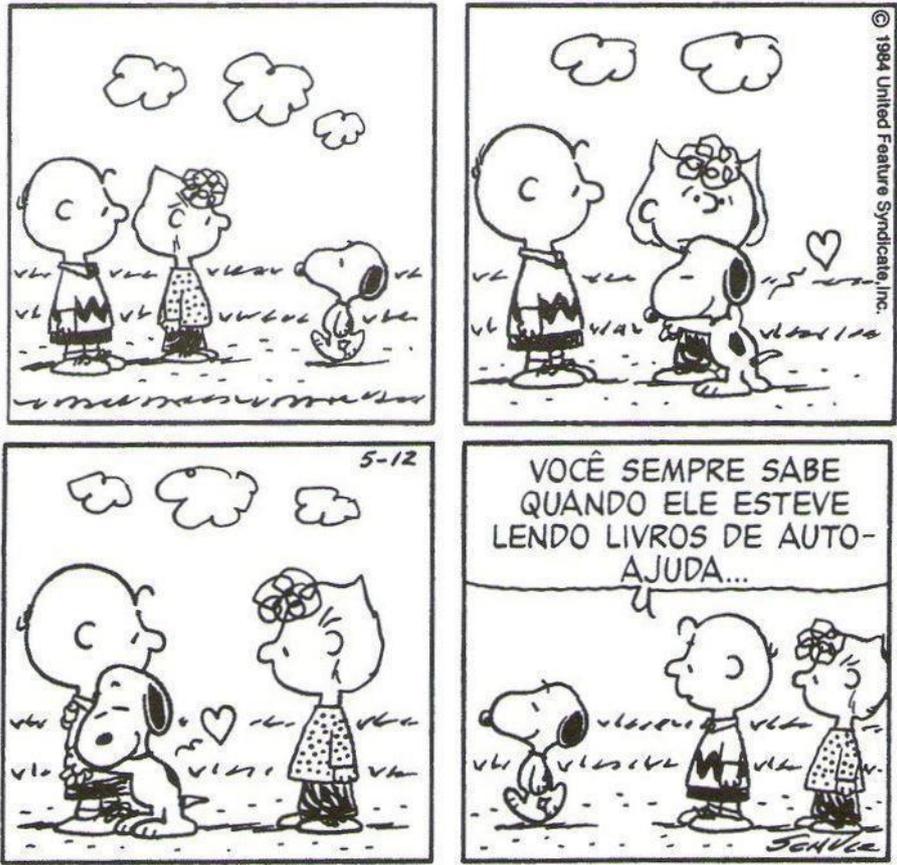
¹⁶ Na edição nº 2299, ano 45, nº 50, de 12 de dezembro de 2012, o livro de James C. Hunter contabilizava trezentas e noventa e sete aparições na lista! Até 2010, foram mais de 2,4 milhões (no Brasil) de exemplares vendidos.

prática social da autoajuda com base em dois textos que materializam o gênero situado “livro de autoajuda”. Analisarei um *corpus* documental composto por 2 livros de autoajuda, amostras desse gênero materializado, conforme Tabela 3.7, a seguir:

Tabela 3.7 – *Corpus* documental principal

Posição	Livro	Autor/a
1	<i>O monge e o Executivo</i>	James C. Hunter
2	<i>Nunca desista de seus sonhos</i>	Augusto Cury

No Capítulo 4, desenvolvo a análise do *corpus* selecionado, com base no delineamento metodológico descrito neste Capítulo.



(Fonte:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=579597705399057&set=a.389745621050934.107725.389742681051228&type=1&theater>)

Capítulo 4

Tecnologias discursivas em um gênero de sucesso

Neste capítulo, realizo a análise dos livros de autoajuda do *corpus* de pesquisa. Essa parte consiste na análise textual, parte da análise de discurso, conforme a proposta teórico-metodológica de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003a) para análise discursiva crítica. Na primeira seção, apresento uma breve discussão a respeito do processo de análise de textos, que engloba três etapas: a análise do processo de produção do texto, a análise do texto propriamente dito e análise do processo de recepção do texto. Na segunda seção, teço algumas considerações a respeito de gêneros, na acepção da ADC. Essas considerações são pontos de partida para o desenvolvimento da análise dos livros *O monge e o executivo* e *Nunca desista dos seus sonhos*, que estão na Seção 4.3.

4.1 – Texto, significado e interpretação

A literatura de autoajuda caracteriza-se pela utilização de várias tecnologias de linguagem, ou tecnologias discursivas. Desse modo, conforme veremos nas análises desenvolvidas do *corpus* desta pesquisa, essa literatura desenvolveu tecnologias de linguagem muito peculiares: ela utiliza vários movimentos textuais que proporcionam aos textos uma leitura mais fluida e, conseqüentemente, também contribuem para uma grande aceitação entre leitores/as, além de influenciarem direta ou indiretamente relações sociais na atualidade, ao oferecer um vocabulário de descrição para o eu e para os seus sentimentos (ILLOUZ, 2011). Essa configuração do gênero permite um potencial de ação que envolve a utilização da hibridização de discursos, de gêneros e de estilos, o que implica uma construção particular de representações, (inter)ações e identificações.

Nesse caminho, é observável nos textos a presença da interdiscursividade e da intergenericidade: é possível, por exemplo, identificar o discurso da ciência articulado/hibridizado com o modo de fazer da literatura ou com o discurso religioso.

As pessoas também podem encontrar ofertas de livros que não são apenas histórias de ficção: junto, há a oferta de ajuda de uma “terapia”. Articulados com esse discurso da terapia, também se hibridizam o discurso e os modos de agir e interagir da publicidade. Há, portanto, um rompimento de barreiras entre os campos sociais da literatura de massa, da economia, da publicidade, da religião e do mundo empresarial, dissolvidas nos livros, que se propõem solução para todos os campos da vida social.

Além da análise de texto, característica da abordagem teórico-metodológica, a ADC preocupa-se com o processo interacional de produção de significados. Nos textos, conforme Fairclough (2003a: 10), há três elementos analiticamente distinguíveis:

- A produção do texto – foco: os/as produtores/as, os/as autores/as, os/as escritores/as;
- O texto em si; (foco da pesquisa)
- A recepção do texto – foco: a interpretação, os intérpretes, os leitores, os ouvintes.

O primeiro elemento, produção do texto, foi discutido no Capítulo 1, no qual abordei a constituição do produto livro de autoajuda e a sua fórmula genérica de produto de consumo em massa, em que também analiso, em parte, a prática particular de meu problema de pesquisa. O segundo elemento, os textos em si, também é abordado neste capítulo, no qual analiso os textos do *corpus* documental de pesquisa. Analiso como se constituem os textos, destacando suas particularidades e similaridades como exemplares/textos empíricos da literatura de autoajuda. Nesta pesquisa crítica a respeito de livros de autoajuda, organizei a análise em torno, principalmente, do segundo elemento destacado por Fairclough (2003a: 10), a fim de que os objetivos da pesquisa sejam satisfatoriamente atendidos, isto é, investigar a composição de textos que materializam o gênero situado “livro de autoajuda” e quais recursos discursivos e textuais são usados e articulados na composição desses textos.

Isso significa que o foco da pesquisa é a composição dos textos do *corpus*, que materializam o gênero situado “livro de autoajuda”. Ou seja, o aspecto da construção de significados relacionados aos textos em si e seus sentidos potenciais é meu objeto central.

4.2 – Considerações sobre gêneros

Assim como outros gêneros disponíveis na contemporaneidade, a literatura de autoajuda caracteriza-se por abordar inúmeros temas e empregar certos recursos padronizados no gênero situado, isto é, o que chamamos, aqui, de convenções genéricas (RAMALHO, 2008). Entretanto, para cada temática explorada, há diversos/as autores/as e diversos títulos disponíveis. Por isso, os/as autores/as precisam escrever livros cada vez mais inovadores e “atraentes” para, assim, “vencerem os/as concorrentes nas disputas” por leitores/as. Nesse percurso, também estão as editoras, que “apostam” em autores/as já consagrados/as no mercado, mas continuam em busca de novas oportunidades que possam garantir muitos lucros. Papalini e Rizo (2012: 121) destacam características que definem o funcionamento do mercado editorial:

O funcionamento do livro em um mercado editorial exige compreender as estratégias de produção literária, um aspecto crucial para fazer compreensíveis os processos culturais contemporâneos. (...) Há prazos de entrega que estão relacionados com o tempo de rotação do livro no mercado. O ciclo de produção, difusão, circulação e comercialização é movido pelo interesse de obter lucro, o que implica ajustes constantes a novas tendências do mercado.

As autoras também explicam a respeito dos “ciclos de leitura”, que são impulsionados e mantidos pela participação de alguns atores participantes, a saber: primeiro, os/as autores/as, que trabalham por “inspiração, desejo, solicitação, obrigações contratuais ou necessidade”; segundo, a indústria editorial, que abarca as comunidades de aficionados/as, revistas culturais, instituições vinculadas aos livros etc.; por último, o público leitor. As autoras também destacam que

Os livros mais vendidos podem ser considerados como títulos únicos (o *Best seller*), por gênero (os livros de autoajuda, como um gênero de grandes vendas) ou como série de um autor ou uma autora-marca que garante o êxito comercial (Stephen King, por exemplo). Como em toda indústria cultural, o almodamento a pautas fixas facilita a reprodução em série. (PAPALINI & RIZO, 2012: 121).

Conforme já destacado no Capítulo 1, na discussão a respeito do mercado editorial, é importante evidenciar que livros de autoajuda são produzidos dentro da lógica mercadológica de produtos de massa, ou seja, fazem parte de ampla prática social na qual são tratados como mercadorias. Isso esclarece o fato de esses livros serem divulgados amplamente pela indústria editorial, por meio de grande apelo comercial, gerando grande número de vendas, como outros produtos de massa.

Além do apelo comercial que promove inúmeras vendas, esses livros destacam-se também pelo apelo linguístico. O próprio discurso de autoajuda é um exemplo do quanto certos discursos no novo capitalismo são rearticulados e remodelados, a fim de que continuem ativos e hegemônicos. O discurso de autoajuda parece ser a articulação de traços e técnicas dos discursos da terapia, do aconselhamento, da publicidade etc., de forma que não é possível distinguir com clareza como eles são utilizados de forma isolada, transformando-se apenas em recursos para a composição textual (ILLOUZ, 2011). O discurso de autoajuda é formado com base nas influências desses discursos e transformou-se em uma prática social “solidificada”, que recorre a diversas técnicas textuais, a fim de se tornar um produto rotineiro, com espaço “cativo” entre tantos outros tipos de livros. Por isso, nas pesquisas que abordam o tema autoajuda, é comum que os/as autores/as usem os termos “aconselhamento”, “linguagem terapêutica”, “autoajuda”, como sinônimos.

Nesta pesquisa, para efeitos de investigação, filio-me à conceituação de gênero desenvolvida na vertente “faircloughiana”. Por isso, levantarei alguns aspectos, a seguir, da abordagem dessa linha de análise de discurso em relação ao conceito de *gêneros discursivos*.

Silva e Ramalho (2008: 4) esclarecem que a sociedade dispõe culturalmente de inúmeros gêneros, dentre os quais são selecionados os mais apropriados para cada tipo de situação de interação social e de propósitos sociais. Essas escolhas reforçam o papel da linguagem na vida social e nas atividades sociais específicas, pois a seleção de um gênero particular está relacionada ao tipo de atividade social específica e a seus temas correlacionados, e, por fim, às relações sociais, incluindo relações de poder, envolvidas nas atividades.

Os gêneros, para a ADC, assumem uma significação diversa de algumas teorias linguísticas, que lhes concebem apenas como tipos textuais de configuração específica fixa. A proposta da ADC para o conceito de gênero ultrapassa essa concepção de tipo textual, e concebe gêneros discursivos como um momento dialético – ao lado de estilos e discursos – de ordens de discurso, constituinte de (redes de) práticas sociais. Esse conceito de gênero discursivo refere-se, nessa perspectiva, às “maneiras de agir e relacionar-se em práticas sociais, ou (inter-) agir” (SILVA & RAMALHO, 2008: 4), ou seja, gêneros correlacionam-se diretamente ao *significado acional/relacional* do discurso. Ao relacionar os gêneros ao significado acional, é importante destacar que eles, além de estruturar e organizar as mensagens, também servem como

intermediadores na representação e na negociação de relações sociais entre os/as participantes das interações. Dessa maneira, como reforçam Silva e Ramalho (2008), os gêneros discursivos “pressupõem relações com os outros, assim como ação sobre os outros, o que, em circunstâncias específicas, pode estar relacionado à distribuição assimétrica de poder” (SILVA & RAMALHO, 2008: 6).

Para Chouliaraki e Fairclough (1999), gêneros discursivos funcionam como possibilitadores, como recursos, mas também como um “mecanismo articulatório que controla o que pode ser usado e em que ordem, incluindo a configuração e ordenação de discursos”. Também destacam que esse momento discursivo deve ser compreendido como a “faceta regulatória do discurso, e não simplesmente como a estruturação apresentada por tipos fixos de textos”. Marcuschi (2005), na perspectiva da Linguística Textual, conceitua gêneros como atividades discursivas com estabilidade social, que também servem para promover controle social e exercício do poder. A perspectiva desse autor reforça, assim, a ideia de que gêneros discursivos são usados na sustentação de hegemonias. Os gêneros, portanto, podem ser instrumentos legitimadores de discursos ideológicos, que sustentam visões de mundo particulares, por meio de supressões de contradições, antagonismos etc., em prol de projetos particulares de dominação.

De acordo com a proposta teórica da Análise de Discurso Crítica, os textos podem realizar um gênero particular ou articular vários gêneros, em diferentes graus de abstração-concretude. Fairclough (2003a) sugere, para o entendimento da dinâmica dos eventos discursivos, a hierarquização desses gêneros, em distintos níveis decrescentes de abstração, a saber: *pré-gêneros*, *gêneros desencaixados* e *gêneros situados*.

Os *pré-gêneros*, de acordo com Fairclough (2003a), são os tipos mais abstratos e utilizados de maneira corriqueira nas interações, em diversas situações de comunicação. Destacam-se, nesse tipo, seis sequências linguísticas: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição*, *injunção*, *diálogo*. Esses pré-gêneros atuam na formação de outros gêneros secundários, menos abstratos. Os *gêneros desencaixados*, segundo Ramalho e Resende (2011: 63), “correspondem a potenciais para realizações linguísticas concretas que transcendem redes particulares de práticas”. Segundo as autoras, gêneros desencaixados correspondem a potenciais utilizados em diversas práticas, como é o caso da entrevista e do depoimento. Já os *gêneros situados* estão inseridos em práticas particulares. Esses gêneros correspondem ao que Marcuschi (2005) conceitua como *gêneros textuais*, isto é, “realizações linguísticas definidas por

propriedades sociocomunicativas”, formadas por conteúdos, propriedades funcionais, estilos e composições características.

Ramalho e Resende (2011:62) ilustram como são organizados os gêneros discursivos:

Quadro 4.1 – Pré-gêneros, gêneros desencaixados e gêneros situados

	Mais abstrato	
Pré-gênero	+++	Narração
Gênero desencaixado	++	Entrevista
Gênero situado	+	Entrevista jornalística
	Menos abstrato	

Com base em Ramalho e Resende (2011: 62).

Os gêneros discursivos, associados a redes particulares de práticas sociais, são, portanto, um potencial de (inter)ação. Com o intuito de explicitar melhor a natureza do livro de autoajuda, montamos um esquema com a composição genérica dos exemplares que compõe o *corpus* de pesquisa, para investigar a composição de textos que materializam esse gênero situado:

Quadro 4.2 – Composição genérica do *corpus* de pesquisa

	<i>O monge e o executivo; Nunca desista de seus sonhos;</i>
Pré-gêneros	Narração, argumentação, descrição, exposição etc.
Gêneros desencaixados	Aconselhamento, terapia, receita, manual, etc.
Gênero situado	Livro de autoajuda

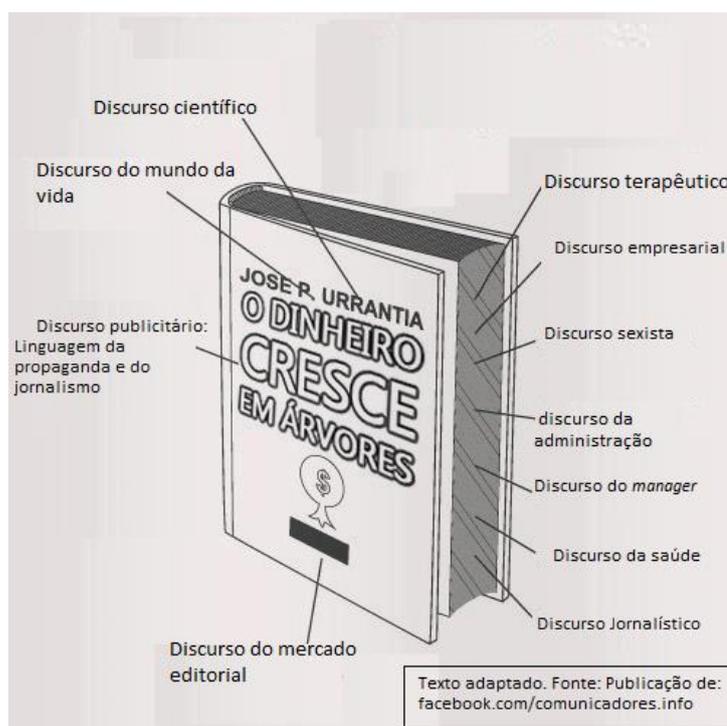
Nas seções seguintes, serão apresentadas as análises dos livros, com base em categorias analíticas propostas em Fairclough (2003a).

Os procedimentos de análise de gêneros podem ser utilizados de acordo com a seguinte sequência proposta por Fairclough (2003a: 86): a análise da cadeia de gêneros, a análise da mistura dos gêneros e a análise das propriedades dos gêneros individuais. Em relação à análise da cadeia de gêneros, Fairclough (2003a: 31) a descreve como uma ligação regular entre diferentes gêneros, que promovem transformações sistemáticas em cada gênero interligado. Essas cadeias podem contribuir para possibilitar ações que transcendem diferenças entre espaço e tempo, provocando a união entre eventos sociais e práticas sociais diferentes, além de países, tempos etc. A formação de cadeias de gêneros possibilita a ação a distancia que, conforme Fairclough (2003a), é uma

característica importante na globalização neoliberal contemporânea, além de propiciar mais regularmente o exercício do poder.

Os livros de autoajuda têm uma “base genérica” bem estabelecida nas sociedades ocidentais. Ele é promovido por diversas frentes de ação: mercado editorial, que lança e distribui os livros; os autores, que escrevem e apresentam palestras, cedem entrevistas, criam blogs etc.; as livrarias e alguns tipos de comércios especializados – como revistas e sites de compras – que disponibilizam os livros para os/as leitores/as. Conforme apresentado no Capítulo 1, resumo, a seguir, os principais discursos vinculados à prática social de produção de literatura de autoajuda que circulam na cadeia de textos sobre a qual se apoia o discurso da autoajuda. Na Figura 4.1, abaixo, adaptada de um quadrinho que circula na internet, listo os principais discursos vinculados à prática social de produção de literatura de autoajuda, que formam a cadeia de gêneros sobre a qual se apoia o discurso da autoajuda:

Figura 4.1 - Discursos vinculados à literatura de autoajuda



Os mecanismos de divulgação e venda podem variar em cada país. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde o “mercado” da autoajuda ‘amadureceu’ (BOSCO, 2001; ILLOUZ, 2011; RÜDIGER, 1995), um livro pode ser propagado por diversos veículos como cinema, palestras, entrevistas com autores/as, reportagens em jornais e revistas de

renome. O livro *Comer, rezar e amar*, de Elizabeth Gilbert, por exemplo, foi lançado nos Estados Unidos, propagado por jornais como o *New York Times*, além de ter ganhado uma versão cinematográfica – com a atriz estadunidense Julia Roberts. Essa exposição propiciou a venda de mais de oito milhões de exemplares do livro, no mundo. Outros/as autores/as, como é o caso do brasileiro Roberto Shinyashiky, autor de livros de sucesso no ramo da autoajuda, tem sua própria editora e divulga seus trabalhos por meio de palestras e vídeos veiculados na internet. Os livros, por conseguinte, são promovidos no mercado editorial com a “ajuda” de vários gêneros.

Cheng (2008) destaca que muitas pesquisas foram desenvolvidas a respeito do tema autoajuda. Algumas delas foram desenvolvidas com base em seleção de grandes *corpora* formados por muitos títulos, outras com *corpora* um pouco menores. Todavia, conforme ela pondera, os resultados alcançados por essas pesquisas sempre eram muito diversos, pois a simples escolha de títulos diferentes em muito contribui para essas disparidades de resultados. Há muitos temas abordados em milhares de livros, por isso, a sondagem de todo esse material despenderia o trabalho de muitas pessoas e muito tempo. Entretanto, apesar dessas divergências de conclusões, algumas considerações são similares para muitos pesquisadores, como, por exemplo, o uso de linguagem popular, as promessas de solução, autores especialistas ou com experiência nos temas abordados, o desuso de fontes acadêmicas para a sustentação da argumentação etc; isto é, são convenções recorrentes verificadas em pesquisas (RÜGIDER, 1996; BOSCO, 2001; MERENCIANO, 2009; BRUNELLI, 2004; SOBRAL, 2006).

Na Seção seguinte, passo à análise dos livros do *corpus* com base nas categorias linguístico-discursivas interacionais escolhidas.

4.3 – Análise de textos que materializam o gênero situado livro de autoajuda

Com base na discussão desenvolvida no Capítulo 1 a respeito da conjuntura na qual se insere o problema de pesquisa, além da caracterização do fenômeno de autoajuda por parte dos/as teóricos/as citados/as nesta pesquisa, apresento a análise dos livros que compõem o *corpus*.

É importante ressaltar que muitos estudos desenvolvidos no Brasil e no exterior (BOSCO, 2001; MERENCIANO, 2009; BRUNELLI, 2004; SOBRAL, 2006; ILLOUZ, 2010; 2011; PAPALINI & RIZO, 2012; ALONSO, 2010) também demonstram a preocupação em entender o porquê da popularidade desse tipo de literatura, além de

tentar compreender os possíveis efeitos desses livros na vida em sociedade. Cheng (2008) destaca que boa parte dos/as estudiosos/as têm empregado abordagens desenvolvidas em macronível, isto é, optam por investigações em grandes *corpora* de textos, que lhes permitem a identificação, nos livros, de características comuns e padrões desenvolvidos ao longo do tempo em relação aos contextos sociais e históricos. A autora cita como exemplo o trabalho desenvolvido por Sandra K. Dolby (2005), que analisou 300 livros de autoajuda. Com isso, a pesquisadora desenvolveu uma definição abrangente de livro de autoajuda que abarca uma grande variedade de textos: “livros de não-ficção populares, escritos com o objetivo de esclarecer aos leitores sobre alguns efeitos negativos da nossa cultura e visão de mundo, sugerindo-lhes novas atitudes e práticas que possam levá-los a vida mais satisfatória e eficaz” (DOLBY, 2005: 38).

A autora também esclarece que boa parte dos/as estudiosos/as usam definições de autoajuda igualmente amplas, na formação de seus *corpora* para análise. Todavia,

suas avaliações do fenômeno de autoajuda são diferentes: alguns veem os livros como uma força negativa, incentivando ou reforçando certas ideologias; enquanto outros veem efeitos positivos. Apesar dessas perspectivas conflitantes sobre livros de autoajuda, existem alguns consensos em torno de algumas características. Primeiro, eles respondem aos problemas sociais de um determinado período de tempo e fazem-no por reafirmar valores tradicionais americanos.

A segunda ideia comum em pesquisas sobre autoajuda sustenta que a recente onda de livros de autoajuda está mais focada naqueles produzidos com a temática da cultura de si, do eu. Terceiro, existem várias características retóricas comuns entre os livros de auto-ajuda. O gênero, como não-acadêmico e não científico, evita o uso de dados ou estudos para apoiar sua mensagem. Em vez disso, seguindo a tradição de não-ficção popular, ele depende de artifícios retóricos, como narrativas pessoais, metáforas, parábolas, analogias, e “metacommentary”. Além disso, esses livros podem usar uma estrutura de *problema-solução*, no entanto, a natureza do problema e as soluções apropriadas variam. (CHENG, 2008: 2-3).

Essas características citadas por Cheng (2008) também corroboram a discussão engendrada no Capítulo 1 a respeito da prática particular da autoajuda. Considerando que boa parte das investigações dessa prática social segue a estratégia de análise de *corpora* amplos, busco com esta pesquisa adicionar outra dimensão de análise, como contribuição para a compreensão do funcionamento da autoajuda, materializada em textos. Este trabalho oferece, portanto, uma análise que prioriza o aspecto interacional do discurso: investigo como se configuram as ações discursivas no *corpus* analisado, que permitem a materialização de representações particulares que podem ser inculcadas ou conformar identidades de acordo com discursos hegemônicos.

A análise é empreendida com base na investigação de aspectos relacionados às ações discursivas no *corpus* formado por dois livros de autoajuda: *O monge e o executivo*, de James C. Hunter, e *Nunca desista de seus sonhos*, de Augusto Cury, textos escolhidos com base nos critérios descritos no Capítulo 3. Esses textos são *best sellers* e são reconhecidos como exemplos de livro de autoajuda por parte da mídia, das editoras e do público. Finalmente, esses textos destacam dois tipos de temas comuns em livros desse segmento: o primeiro trata de liderança, um tema relacionado ao campo social da administração de empresas e dos/as administradores/as; o segundo é um texto motivacional e trata de um tema relacionado a crescimento pessoal e aperfeiçoamento do “eu”, além de seu autor ser reconhecido como um dos/as escritores/as brasileiros que mais vendem livros de autoajuda no Brasil.

Desse modo, com base nas categorias *estrutura genérica*, *macrorrelações semânticas*, *metáfora* e *interdiscursividade*, investigo como os autores agem discursivamente e como os livros são constituídos como suportes veiculadores de processos de ações, representações e identificações.

4.3.1 – *O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança*

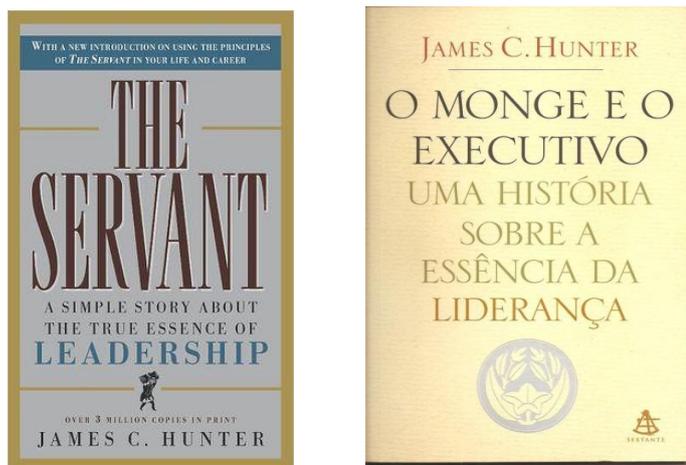
O livro *O monge e o executivo* (HUNTER, 2004) foi/é certamente um dos livros de autoajuda mais vendidos no Brasil nos anos de 2000 a 2010. Lançado nos Estados Unidos em 1998, teve um desempenho modesto em sua casa; entretanto, no Brasil, em 2010, já atingira a marca de mais de 2,4 milhões de exemplares vendidos. Trata-se de um livro voltado para o campo social da Administração e Negócios; para pessoas que estão envolvidas em atividades sociais que exijam delas, em algum momento, “posições ou comportamentos de líder”. É um livro sobre liderança.

Quadro 4.2– Ficha técnica de *O monge e o Executivo*

Título – versão brasileira	<i>O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança</i>
Título Original – inglês	<i>The servant - A simple story about the true essence of leadership</i>
Autor	James C. Hunter
Editora	Sextante
Segmento editorial	Autoajuda; Administração e Negócios
Publicação no exterior	1998
Publicação no Brasil	2004 – Rio de Janeiro
Traduzido por	Maria da Conceição Fornos de Magalhães

O título original em inglês, “*The Servant: a simple story about the true essence of leadership*” – *O Servidor: uma história simples sobre a verdadeira essência da liderança* –, difere do título escolhido para a versão brasileira. No texto original, os termos *servant* e *leadership* são colocados em destaque, construindo, assim, uma relação entre os dois termos, que será basilar no livro. Essa díade impulsiona um movimento retórico baseado nesses dois significados muito importantes na construção argumentativa textual: primeiro, anuncia o enquadramento desejado da temática abordada que, no caso, é a liderança; segundo, partindo do que, teoricamente, é um conceito socialmente compartilhado – a noção de liderança – o autor oferece aos/às leitores/as uma nova forma de pensar esse conceito: uma história simples, como um servidor, supostamente, também o é, que tem a ensinar sobre a “verdadeira” essência de liderança. Esses aspectos serão explicados e esclarecidos mais a diante, na análise da versão brasileira do livro.

Figura 4.2 – Capa do livro *The servant - A simple story about the true essence of leadership*. Versão original. Capa do livro “O monge e o executivo”. Versão brasileira.



Já na versão brasileira para o livro, “*O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança*”, foi feita a alteração do nome-tema. Aparentemente, essa troca produz apenas uma adaptação simplória de uma versão para o público brasileiro. Entretanto, essa alteração produz outro significado. Além de fazer uma referência automática às principais personagens da história – um monge e um executivo –, a expressão constrói uma relação entre dois tipos de atores sociais/identidades que, *supostamente*, exercem funções sociais distintas. Isto é, a expressão carrega um sentido antagônico. Todavia, a relação inicialmente conflitante é explicitada – o que potencialmente propicia um “reconforto” ao/à leitor/a – com a inserção da “explicação”:

trata-se de “uma história sobre a essência da liderança”. A relação semântica “problema-solução”, muito comum no discurso publicitário (FAIRCLOUGH, 2003a; RAMALHO, 2008), é utilizada como recurso textual inicial para atrair e conquistar a atenção de leitores/as. Mais que isso, o título é a expressão de oferta de um produto/serviço. Isto é, uma relação entre um monge e um executivo tem algo a nos ensinar a respeito da *essência* da liderança. Aqui começa, portanto, a construção/desconstrução de um argumento pertencente ao discurso da vida: as pessoas, ao lerem o livro, podem “descobrir qual é a verdadeira essência da liderança”, até então supostamente desconhecida.

Em comparação com outras capas de livros de autoajuda, que, costumeiramente, carregam *designs* mais elaborados para chamar a atenção de possíveis leitores/as, o livro analisado apresenta uma capa mais simples. Utiliza uma cor neutra e letras simples – há um destaque para palavras-chave do livro: *monge*, *executivo* e *liderança*. Essa configuração, no entanto, parece estratégica. O livro é muito utilizado em vários meios sociais, como, por exemplo, faculdades de administração, economia, direito, contabilidade, cursos de gestão etc.; em livrarias, ele também será encontrado nas seções de Administração. Nessas áreas, ele é propagado como um livro sobre liderança, ou melhor, “um livro de autoajuda para líderes”.

Já a contracapa do livro segue os padrões característicos do suporte livro de autoajuda, como também de outros livros, exemplares da literatura ficcional em geral: um pequeno resumo do livro e algumas declarações/depoimentos de pessoas famosas que leram o livro, ou de profissionais “ícones” da área temática abordada e/ou de críticos que escrevem para jornais, revistas, blogs etc. Essas declarações/depoimentos buscam legitimar o livro como opção para leitura e convencimento do produto como opção eficiente e confiável para o/a leitor/a resolver seus problemas. No caso do livro analisado, há, inicialmente, a presença de uma declaração/depoimento feita pelo presidente da Nestlé estadunidense, Joe Weller: “Um livro fascinante que você não vai conseguir largar. *O monge e o executivo* contém tesouros que irão transformar sua vida.” No depoimento do executivo da Nestlé, há a presença de avaliação – livro fascinante –, além de linguagem metafórica – *O monge e o executivo* contém tesouros – e presunção existencial – tesouros que irão transformar sua vida. Após o depoimento do executivo, há uma “chamada” para a leitura:

Você está convidado a juntar-se a um grupo que durante uma semana vai estudar com um dos maiores especialistas em liderança dos Estados Unidos.

Leonard Hoffman, um famoso empresário que abandonou sua brilhante carreira para se tornar monge em um mosteiro beneditino, é o personagem central desta envolvente história criada por James C. Hunter para ensinar de forma clara e agradável os princípios fundamentais dos verdadeiros líderes. Se você tem dificuldade em fazer com que sua equipe dê o melhor de si no trabalho e gostaria de se relacionar melhor com sua família e seus amigos, vai encontrar neste livro personagens, ideias e discussões que vão abrir um novo horizonte em sua forma de lidar com os outros. É impossível ler este livro sem sair transformado. *O monge e o executivo* é, sobretudo, uma lição sobre como se tornar uma pessoa melhor.

O trecho acima também é uma amostra da *macro-organização semântica* do livro. Primeiro, trata-se de história ficcional, na qual é narrada a trajetória de “um grupo que durante uma semana vai estudar com um dos maiores especialistas em liderança dos Estados Unidos”. Segundo, essa narrativa organiza-se, em nível textual, sob a relação semântica *problema-solução*. Já a argumentação desenvolvida no livro é construída sob a relação semântica *meta-objetivo e procedimentos para alcançá-lo*, conforme discuto na análise das macrorrelações semânticas, na Seção 4.3.1.2.

A editora responsável pela publicação da obra ora analisada é a *Sextante*, definida a seguir conforme apresentação do site da editora:

Quadro 4.4 – Apresentação da editora Sextante – site oficial

Quem Somos

Numa época em que o homem só dispunha do céu e das estrelas para se orientar, o Sextante era uma ferramenta fundamental para se atingir o destino desejado. Observando através do Sextante, o navegador se norteava, medindo a distância entre os astros e o horizonte.

Foi por essa razão que escolhemos o nome **Sextante** para nossa editora. Vivemos, nesse início do terceiro milênio, um momento de inquietação e ansiedade, em que a aparente perda de valores essenciais convive com uma intensa busca da felicidade. Conscientes dessa realidade, investimos para que cada produto da **Sextante** seja um instrumento precioso para alcançar a paz interior, a espiritualidade e o crescimento pessoal, tratando sempre de temas importantes para a plena realização humana.

Tendo por denominador comum a busca da felicidade e da realização pessoal, nossos livros abrangem temas que vão do desenvolvimento espiritual à descoberta da vocação profissional, passando pela conquista da própria identidade e do amor que se deseja.

Fundada em 1998, a Sextante tem entre os seus autores Brian Weiss, James Van Praagh, James Hunter, Augusto Cury, Allan e Barbara Pease, Mark W. Baker e Hugh Prather.

Fundada em 1998, uma editora relativamente nova em relação ao sua participação no mercado de livros, a Sextante identifica-se como uma editora preocupada em oferecer em “cada produto (...) um instrumento precioso para alcançar a paz interior, a espiritualidade e o crescimento pessoal, tratando sempre de temas importantes para a plena realização humana.” Em suma, publicar livros de autoajuda.

Reportagem de capa da revista *Veja* (2009: 140-149; edição 2141), intitulada “*O poder da autoajuda*”, relata que esta editora segue como a maior editora do segmento autoajuda no Brasil, e lança, em média, por ano, 40 novos títulos na área, vendendo algo em torno de 4 milhões de cópias, o que corresponde a 75% do seu faturamento. Além das livrarias, internet, e do próprio site, a Sextante oferece seus livros nos catálogos de produtos vendidos por revendedores/as que vão às casas de clientes, em várias partes do Brasil.

4.3.1.1 – Estrutura genérica

O livro *o Monge e o Executivo* narra a vida de John Dayle, um homem de negócios “bem sucedido que percebe, de repente, que está fracassado como chefe, pai e marido” (HUNTER, 2004: orelha/capa). Nessa história narrada em primeira pessoa, o narrador é a personagem-protagonista da história que,

[n]uma tentativa desesperada de retomar o controle da situação, ele decide participar de um retiro sobre liderança num mosteiro beneditino, comandado pelo frade Leonard Hoffman, um influente empresário americano que abandonou tudo em busca de um novo sentido para a sua vida.

A princípio, Daily e os outros cinco alunos que participavam do seminário reagem com um certo ceticismo aos conceitos apresentados pelo frade, mas depois eles se rendem à sua experiência. Afinal, Hoffman ganhou fama no mundo dos negócios por sua capacidade de recuperar empresas em crise, transformando-as em exemplos de sucesso.

O monge defende que a base da liderança não é o poder e sim a autoridade, conquistada com amor, dedicação e sacrifício. E diz ainda que respeito, responsabilidade e cuidado com as pessoas são virtudes indispensáveis a um grande líder. Ou seja, para liderar é preciso estar disposto a servir. (HUNTER, 2004: orelha/capa).

Considerando que os gêneros organizam os aspectos discursivos relacionados às maneiras de (inter)ação nos eventos sociais (FAIRCLOUGH, 2003a:65), o objetivo inicial dessa análise é investigar como o gênero possibilita e constrange os processos de (inter)ação discursiva materializados nos textos – nos eventos sociais concretos. Igualmente, busco entender como se dá a configuração das ações discursivas neste texto.

Os gêneros, como formas de interação, possibilitam e constroem uma gama de relações entre interactantes. As relações sociais podem ser estabelecidas entre atores sociais de dois tipos: organizacionais ou individuais. A análise da prática particular deve considerar a relação entre as redes de práticas, indivíduos e instituições, além das

distâncias entre as instâncias da hierarquia social, a fim de entender o que essas relações podem sugerir a respeito das hierarquias sociais e das distâncias construídas entre suas instâncias, possivelmente construídas e/ou fomentadas nos gêneros (FAIRCLOUGH, 2003a: 75).

Quando se imagina um livro de autoajuda, um produto de massa, percebe-se que o potencial genérico dos textos geralmente é modulado de acordo com a posição ou contexto no qual a *atividade social* é desenvolvida. Inicialmente, um livro é pensado/idealizado por pessoas ou por grupos de pessoas que o projetam com o intuito de comercializá-lo para um público em potencial, idealizado como possíveis compradores/as e/ou propagadores/as do livro. Thompson (2002: 392) observa uma das características principais da comunicação de massa

[é] que ela institui uma ruptura fundamental entre a produção e a recepção das formas simbólicas. As instituições de comunicação de massa produzem formas simbólicas para ouvintes que geralmente não estão fisicamente presentes no local de produção e transmissão ou difusão. Além disso, a mediação das formas simbólicas através de meios técnicos de diferentes tipos implica geralmente um fluxo de mensagens de mão única, do produtor ao receptor, de tal modo que a capacidade do receptor para intervir no processo comunicativo é, muitas vezes, limitado [sic]. A ruptura entre produção e recepção é uma ruptura estruturada, em que os produtores de formas simbólicas, embora dependentes, até certo ponto, de receptores para a valorização econômica das formas simbólicas, são institucionalmente instruídos e obrigados a produzir formas simbólicas na ausência de respostas diretas dos receptores.

Nesse primeiro momento, portanto, o mercado editorial, também um dos produtores de formas simbólicas, representado por editores/as, tradutores/as, designs, gráficas, revisores/as, livreiros/as, livrarias, empresários/as do livro, “marketeiros” (os/as profissionais que, *grosso modo*, cuidam das técnicas de “conquistar e manter clientes”) etc., juntamente com escritores/as – profissionais desta área ou de outras áreas – e “um público em potencial” formam o grupo de atores sociais envolvidos, cada um a seu modo, em uma relação social baseada na produção e no consumo desejado de um produto. Isto é, são *atividades sociais* relacionadas à dinâmica social do novo capitalismo, na qual grupos hegemônicos, em posição de poder, desenvolvem uma atividade comercial extremamente lucrativa, que envolve de modo arbitrário grupos potencialmente dominados. Essa atividade consiste basicamente em submeter, de maneira exaustiva, pessoas, consumidores/as em potencial, à insistência publicitária que as empurra ao consumo de livros.

Em um segundo momento, as relações desenvolvidas entre atores sociais envolvem outras dinâmicas: há, de um lado, livros – agora prontos –, livrarias, publicitários/as, responsáveis pela criação de mecanismos de divulgação, livrarias-revista¹⁷, mídias divulgadoras, autores/as; de outro, pessoas, os/as leitores/as ou não, ocupadas em viverem suas vidas. Elas são tratadas pelo primeiro grupo como “clientes-leitores/as”, os/as consumidores/as em potencial ou efetivo/as, ou seja, identidades constituídas sob a tutela da lógica do novo capitalismo, na modernidade tardia. Eles/as são apresentados/as aos livros, ou conforme são projetados, “fisgados/as” por eles e suas propostas de solução para problemas, reais ou imaginados.

Já em um terceiro momento, de posse de seus livros, as pessoas se inserem em outra dinâmica interacional: a relação leitor/a – autor/a. Essa comunicação é realizada em *uma via*, de forma *mediada*, por meio da *tecnologia de comunicação* no suporte livro, que pode combinar diferentes modalidades semióticas – imagens, fotografias, desenhos, gráficos, textos etc. Em relação à maneira como a comunicação é efetivada, Fairclough (2003a: 77) classifica a leitura como comunicação em uma via, mediada. É uma comunicação em uma via porque ao/à leitor/a não é dada a possibilidade de interação/resposta com/do/a o autor/a de forma imediata.

No caso do livro de autoajuda, é possível perceber, conforme destaca Fairclough (2003a: 72), que se trata de uma interação estratégica, isto é, uma simulação de interação comunicativa com fins estratégicos.

Convém mencionar também a relação escritor/a – criação/obra.¹⁸ É importante ressaltar que o processo de escrita possivelmente passa pelo desenvolvimento de um texto por parte do/a autor/a, no qual ele/a visa um público. Por exemplo, o livro ora analisado é mais direcionado a pessoas ligadas a práticas sociais relacionadas ao mundo de gestão empresarial e áreas afins. Logo, é possível observar, em certa medida, que o autor, James C. Hunter, projetou um texto direcionado a um público que possivelmente estaria envolvido em práticas sociais relacionadas à temática do livro. Outro indício

¹⁷ Cito como exemplo o molde de venda adotado pela revista *Avon*, que comercializa livros em seus catálogos de produtos. Essa revista, segundo informações relatadas em reportagem da revista *Veja*, de 2009, tornou-se uma grande vendedora de livros no Brasil, uma vez que, em praticamente todo território brasileiro, há consultores/as de venda oferecendo catálogos com diversos produtos, entre eles, livros. É importante ressaltar que não há livrarias – ou similares – em todos os municípios brasileiros: somente em cidades maiores, com um número mais considerável de moradores/as. Em contrapartida, o catálogo da *Avon* é disponibilizado em quase todo o território nacional.

¹⁸ Essa relação foge ao escopo desta pesquisa de mestrado. Este aspecto poderia ser mais bem dimensionado por meio de trabalho etnográfico, no qual autores/as pudessem compartilhar com pesquisadores/as suas representações acerca do processo de escrita.

deste fato é a utilização de recursos discursivos que denotam uma tentativa de diálogo entre autor e leitor/a ou, no mínimo, uma aproximação “empática”, além das tecnologias discursivas que remodelam a utilização do gênero desencaixado, como, por exemplo, a narrativa ficcional.

Nos termos de Fairclough (2003a: 71), o papel da linguagem no texto configura-se como ação estratégica, isto é, comunicação para alcançar objetivos/resultados. De um lado, podemos observar James C. Hunter, que, por meio de uma história ficcional, escrita nos moldes de uma parábola – uma história *exemplar*, com um final que oferece a quem a escuta ou a lê uma “moral da história” –, oferece “lições” sobre liderança; de outro, os/as leitores/as, que podem encontrar nessa história um novo ponto de vista a respeito do tema abordado no livro e, conseqüentemente, estão expostos/as a uma representação particular de um modelo de liderança. Nessa perspectiva, podemos endossar a leitura de Fairclough (2003a: 71), que ressalta que a modernização da vida social promoveu a emergência de complexos sistemas sociais mais racionalizados, nos quais as interações são predominantemente estratégicas, orientadas para produzir resultados; os gêneros articulados nesse tipo de literatura, portanto, caracterizados pela comunicação estratégica, são partes significativas desses sistemas sociais.

Ramalho e Resende (2011: 127) destacam que algumas estruturas genéricas de textos podem ser mais homogêneas, com alguns elementos e/ou estágios textuais mais fixos ou previsíveis; em outras, mais livres e instáveis. Há, entretanto, textos com estruturas que apresentam muitas particularidades. Por isso, as autoras sugerem que sejam identificadas, nesses casos, uma “macro-organização ou organização retórica do gênero, mas não uma ‘estrutura’, que pressupõe elementos/estágios obrigatórios em ordens mais fixas”. Para esses casos, as autoras sugerem que o texto seja analisado com base na noção de *movimentos retóricos* – “movimentos discursivos, com um propósito particular pontual, que servem aos propósitos globais do gênero e que se distribuem de maneira não sequencial e não obrigatória”. As autoras destacam:

Movimentos retóricos ou esforços retóricos são esforços discursivos, com um propósito particular pontual, que servem aos propósitos globais do gênero. Distribuem-se, em textos, de maneira não sequencial e não obrigatória, de acordo com as diferentes funções retóricas a serem desempenhadas. Cada movimento retórico possui funções específicas e recursos microestruturais para desempenhá-las. (RAMALHO & RESENDE, 2011: 128).

Ainda em relação à estrutura genérica de *O monge e o executivo*, podemos evidenciar as seguintes características. Em termos de *pré-gêneros*, o livro recorre aos

pré-gêneros *narração, exposição, descrição, diálogo e argumentação*, conforme pode ser observado em alguns exemplos (1) e (2) a seguir¹⁹:

(1) A ESCOLHA FOI MINHA. Ninguém mais é responsável por minha partida. Olhando para trás, acho quase impossível acreditar que eu — um superocupado gerente-geral de uma grande indústria — tenha deixado a fábrica para passar uma semana inteira num mosteiro ao norte de Michigan. (HUNTER, 2004: 7).

(2) Liderança: É a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasmadamente visando atingir aos objetivos identificados como sendo para o bem comum. (HUNTER, 2004:25).

O excerto (1) é um exemplo de trecho no qual o pré-gênero narrativa é materializado. No caso do livro, a narração constitui o principal *pré-gênero* da composição textual, característico da ação discursiva no *gênero desencaixado narrativa de ficção*.

Podemos perceber também que é o gênero desencaixado “narrativa de ficção” que articula os pré-gêneros narração (Exemplo 1) e exposição (Exemplo 2). O gênero desencaixado narrativa de ficção organiza, portanto, as sequências em que aparecem os pré-gêneros. Como efeito de criação de significado, temos uma narrativa que organiza as ações das personagens no enredo e temos a exposição e o diálogo que organizam os conselhos/ensinamentos apresentados na história e que sustentam a argumentação do autor. Essa ação genérica, no caso da obra analisada, materializa, nesse texto, o gênero situado livro de autoajuda.

Assim, na composição textual, podemos destacar o uso de um movimento retórico que denota uma ação discursiva muito significativa na construção de sentidos do texto. O autor articula o gênero desencaixado história de ficção com o gênero expositivo-argumentativo, característico de livros de autoajuda. O Exemplo (3) ilustra isso:

(3) Fiquei confuso e por isso perguntei: - Simeão, não está clara para mim a diferença entre poder e autoridade. Ajude-me a entender.

Com prazer, John — Simeão respondeu. - Um dos fundadores da sociologia, Max Weber, escreveu há muitos anos um livro chamado *The Theory of Social and Economic Organization* (A teoria da organização econômica e social). Neste livro, Weber enunciou as diferenças entre poder e autoridade, e essas definições ainda são amplamente usadas hoje. Vou parafrasear Weber o melhor que puder. Simeão voltou para o quadro e escreveu:

¹⁹ Todos os elementos sublinhados ou negrito nos excertos são grifos meus e indicam a passagem ou elemento linguístico-discursivo em análise. Os excertos sem partes destacadas indicam que todo ele está sob análise textual. Essas observações valem para todas análises desenvolvidas neste Capítulo.

Poder: E a faculdade de forçar ou coagir alguém a fazer sua vontade, por causa de sua posição ou força, mesmo que a pessoa preferisse não o fazer.

- Todos sabemos como é o poder, não é? O mundo está cheio disso. "Faça isso ou despedirei você", "Faça isso ou bombardearemos você", "Faça isso ou bateremos em você" ou "Faça isso ou castigaremos você durante duas semanas". Em palavras simples, "Faça isso senão...". Todos vocês concordam com essa definição?

Todos nós concordamos. Simeão voltou ao quadro e escreveu:

Autoridade: A habilidade de levar as pessoas a fazerem de boa vontade o que você quer por causa de sua influência pessoal.

- Isto é um tanto diferente, não é? Autoridade é levar as pessoas a fazerem de boa vontade o que você deseja porque você pediu que fizessem. "Vou fazer porque Bill me pediu — eu atravessaria paredes por Bill" ou "Vou fazer isso porque mamãe me pediu". E notem que poder é definido como uma faculdade, enquanto autoridade é definida como uma habilidade. Não é necessário ter cérebro ou coragem para exercer poder. Crianças de dois anos são mestras em dar ordens a seus pais. Houve muitos governantes maus e insensatos ao longo da história. Porém, estabelecer autoridade sobre pessoas requer um conjunto especial de habilidades. (HUNTER, 2004:26).

O excerto (3) também ilustra a dinâmica adotada em todo o texto: trechos narrativos intercalados a trechos expositivo/argumentativos – “ensinamentos”. O que podemos perceber do exemplo é que o gênero desencaixado história ficcional serve como suporte para o desenvolvimento da argumentação, característica do livro de autoajuda e de outros gêneros também. O autor “mescla” as falas das personagens, nas tomadas de turno características de um diálogo montado em um momento da história, para apresentar sua argumentação em torno do tema central do livro. Assim, é possível evidenciar que a narrativa como pré-gênero principal serve de suporte para o processo argumentativo do texto.

Em *O monge e o executivo*, podemos observar também que o texto articula as vozes das personagens por meio da materialização do pré-gênero *diálogo*, entretanto, por se tratar de um texto de autoajuda organizado pelo gênero desencaixado narrativa ficcional, podemos constatar que a forma como as vozes são articuladas no texto apresenta algumas particularidades. Aqui, há a presença de vozes representadas, ou seja, as personagens criadas por Hunter funcionam como suporte para a articulação dessas vozes. No excerto (4), abaixo, podemos perceber como se dá esse processo:

(4) Simeão pediu que cada um dos seis se apresentasse brevemente e dissesse as razões que o levaram a participar do retiro. Meu companheiro de quarto — Lee, o pregador - se apresentou primeiro, seguido por Greg, um jovem sargento do Exército bastante vaidoso, Teresa, de origem hispânica, diretora de uma escola pública, falou a seguir, e depois Chris, uma mulher negra, alta e atraente, treinadora do time de basquete da Universidade Estadual de Michigan. Uma mulher chamada Kim [Kim era enfermeira-chefe do Centro Neonatal do Hospital Providence no sul do estado] apresentou-se antes de mim, mas eu não ouvi **o que ela disse**. (...)

Simeão continuou: - Todos vocês têm cargos de liderança e pessoas confiadas aos seus cuidados. Eu gostaria de desafiá-los esta semana a começarem a refletir sobre a terrível responsabilidade que assumiram quando optaram por ser líderes. Isso mesmo, cada um de vocês se comprometeu voluntariamente a ser pai, mãe, esposo ou esposa, chefe, treinador ou treinadora, professor ou professora, ou o que quer que seja. Ninguém forçou vocês a desempenhar nenhum desses papéis, e vocês estão livres para deixá-los quando quiserem. No local de trabalho, por exemplo, os empregados passam a metade do dia trabalhando e vivendo no ambiente que vocês criam como líderes. Eu me admirava, quando estava no mercado de trabalho, ao constatar a forma displicente e até petulante com que os líderes desempenhavam essa responsabilidade. Há muita coisa em jogo e as pessoas contam com vocês. O papel do líder é extremamente exigente. (...). (HUNTER, 2004: 22-27).

No excerto acima, podemos observar a dinâmica do primeiro encontro entre as personagens da história. Nesse momento, o narrador descreve sucintamente, por meio de relato de fala, quais as personagens e papéis sociais desempenhados por cada uma delas:

- John Daily – executivo de empresa, o narrador-protagonista;
- Monge Simeão – é o responsável pela ministração do curso de liderança.

Também conhecido como o ex-executivo Leonard Hoffman;

- Pastor Lee – pregador de uma igreja batista;

- Greg – “um jovem sargento do Exército bastante vaidoso”. No livro, essa personagem é apresentada como alguém que nunca concorda com o que é dito ou discutido, mas no final até ele se rende aos ensinamentos do monge;

- Teresa – diretora de uma escola pública, conforme ressaltado pelo autor, era uma mulher de origem hispânica;

- Chris – “uma mulher negra, alta e atraente, treinadora do time de basquete da Universidade Estadual de Michigan”;

- Kim – enfermeira-chefe do Centro Neonatal do Hospital Providence no sul do estado.

Com base no excerto acima, infere-se que o autor apresenta as personagens e ressalta algumas de suas características mais marcantes, conforme destacado na lista apresentada acima. Em um segundo momento, por meio da voz da personagem Simeão, destaca-se que, embora essas personagens façam parte de diferentes contextos e/ou posições sociais, todas exercem cargos de liderança e, por isso, são convidadas “a começarem a refletir sobre a terrível responsabilidade que assumiram quando optaram por ser líderes” (HUNTER, 2004:24). Essa mobilidade retórica do texto de Hunter é muito significativa e algo essencial na construção da argumentação do texto.

4.3.1.2 Macrorrelações Semânticas

Nesta parte da pesquisa, destaco o papel das macrorrelações semânticas estabelecidas no texto *O monge e o executivo*. Essa investigação mostra-se relevante para o entendimento de como esse livro, além de materializar um potencial genérico, é um suporte de veiculação de representações particulares que podem servir para promover identidades mais conformadas à lógica capitalista. Fairclough (2003: 91) destaca que algumas questões de pesquisas podem ser elucidadas com base nos estudos das relações semânticas construídas nos textos. Uma dessas questões é a potencial operação da ideologia por meio de construções discursivas de legitimação (THOMPSON, 2002; van LEEUWEN, 2008). Thompson destaca que as transformações no novo capitalismo, principalmente aquelas relacionadas às alterações necessárias para a continuidade do poder de grupos particulares, precisam de ser reexplicadas e justificadas, de maneira que o consenso de ordem “natural” seja mantido, ou seja, a hegemonia. Para isso, são necessários esforços no intuito de buscar alternativas viáveis que possam dar sentido às alterações das sociedades na modernidade tardia – as reinvenções de alguns sistemas peritos é um exemplo disso. Podemos considerar, portanto, que uma dessas alternativas é autoajuda.

As relações semânticas do texto podem ser tanto locais, entre períodos e orações, quanto globais – em alto nível –, entre trechos de textos ou em textos completos. Elas também constituem um traço textual particular em princípio associado a gêneros. Inicialmente, para esta análise, destaco as relações semânticas constituídas em alto nível no texto, a saber: *problema-solução*, *meta-procedimentos* e sob a forma de um *gênero desencaixado*, conhecido como “*Jornada do herói*”, que não é uma categoria de análise proposta por Fairclough (2003a), mas, um “modelo” largamente utilizado na composição de textos da indústria de produtos de massa, sobretudo em roteiros de cinema. Essa “convenção” é claramente usada por Hunter (2004) na composição do livro, e contribui para entendermos como criou um livro de autoajuda utilizando a *maneira de (inter)agir* consagrada em filmes estadunidenses e livros de ficção Best Sellers, o que, aqui, pode ser entendido como um gênero desencaixado.

Conforme mencionei na Seção 4.3, o texto se organiza globalmente em torno da *macro-organização semântica problema-solução*:

Quadro 4.5 – Macro-organização semântica do livro *O monge e o executivo*

PROBLEMA	<i>“Se você tem dificuldade em fazer com que sua equipe dê o melhor de si no trabalho e gostaria de se relacionar melhor com sua família e seus amigos” (contracapa do livro de Hunter (2004));</i>
SOLUÇÃO	<i>“vai encontrar neste livro personagens, ideias e discussões que vão abrir um novo horizonte em sua forma de lidar com os outros.” (contracapa do livro de Hunter (2004));</i>
PROBLEMA	<i>(...) Decididamente eu estava passando por um período difícil. (HUNTER, 2004: 10).</i>
SOLUÇÃO	<i>O pastor sugeriu que eu me afastasse durante alguns dias para tentar refletir e colocar ordem nas coisas. Ele recomendou que eu participasse de um retiro num pequeno e relativamente desconhecido mosteiro cristão chamado João da Cruz, localizado perto do lago Michigan. (HUNTER, 2004: 11).</i>
PROBLEMA	<i>(...) podemos estar carregando bagagem velha e paradigmas organizacionais inadequados para um mundo em constante evolução. (HUNTER, 2004: 46).</i>
SOLUÇÃO	<i>Vamos imaginar uma organização cujo foco principal fosse servir ao cliente. Imagine, como mostra a pirâmide uma organização onde os empregados na linha de frente estivessem servindo aos clientes e garantindo que suas verdadeiras necessidades estivessem sendo satisfeitas. E suponha também que o supervisor da linha de frente começasse a ver os empregados como clientes se dedicasse a identificar e preencher suas necessidades. E assim por diante, pela pirâmide abaixo. Isso iria requerer que cada gerente adotasse uma nova atitude, um novo paradigma, reconhecendo que o papel do líder não é impor regras e dar ordens à camada seguinte. Em vez disso, o papel do líder é servir. (HUNTER, 2004: 50).</i>

Essa organização pode ser percebida em praticamente todo o texto, conforme também demonstram os exemplos expostos no Quadro 4.5, anteriormente apresentado. O livro é uma proposta de *solução* para *problemas* semelhantes aos enfrentados pelas personagens criadas por Hunter (2004). Inclusive, a narrativa apresenta, na defluência argumentativa, as maneiras pelas quais os problemas podem ser resolvidos. Essas maneiras são constituídas sob a relação semântica *meta-objetivo e procedimentos para alcançá-lo*. Essa relação semântica serve como suporte para a explicitação dos passos a serem seguidos pelo/a leitor/a para tornar-se – ou, ao menos, aprender como é – um/a líder servidor/a, conforme também podemos observar no quadro, a seguir:

Quadro 4.6 – Macrorrelação semântica meta- procedimentos em *O monge e o executivo*

META/OBJETIVO	“ <i>O monge e o executivo</i> é, sobretudo, uma lição sobre como se tornar uma pessoa melhor.”.(HUNTER, 2004: contracapa).
PROCEDIMENTOS PARA ALCANÇÁ-LA/O	“história criada por James C. Hunter para ensinar de forma clara e agradável os princípios fundamentais dos verdadeiros líderes. (...)vai encontrar neste livro personagens, ideias e discussões que vão abrir um novo horizonte em sua forma de lidar com os outros”. (HUNTER, 2004: contracapa).
META/OBJETIVO	(...) influenciar pessoas para trabalharem entusiasmamente na busca dos objetivos identificados como sendo para o bem comum. (...) a liderança que vai perdurar deve ser baseada na influência e na autoridade. A autoridade sempre se estabelece ao servir aos outros e sacrificar-se por eles. O serviço que prestamos tem origem na identificação e satisfação das necessidades legítimas. (HUNTER, 2004: 62-67).
PROCEDIMENTOS PARA ALCANÇÁ-LA/O	A liderança começa com a vontade, que é nossa única capacidade como seres humanos para sintonizar nossas intenções com nossas ações e escolher nosso comportamento. É preciso ter vontade para escolhermos amar, isto é, sentir as reais necessidades, e não os desejos, daqueles que lideramos. Para atender a essas necessidades, precisamos nos dispor a servir e até mesmo a nos sacrificar. Quando servimos e nos sacrificamos pelos outros, exercemos autoridade ou influência. E quando exercemos autoridade com as pessoas, ganhamos o direito de sermos chamados de líderes. (HUNTER, 2004: 70).

Em nível global, isso também significa que, no nível da *recepção*, a interação que se estabelece é em termos de problema-solução, ou seja: um problema associado ao/à leitor/a; ao/à escritor/a cabe oferecer a solução em forma de livro-mercadoria. Já no nível da *composição*, a interação se estabelece em termos de *meta-procedimentos*. Trata-se, portanto, de um livro com uma organização projetada para dar-lhe uma dinamicidade comum aos livros de autoajuda: primeiro, é uma solução para problemas, reais ou imaginados; segundo, é uma solução passada em forma de “receita”, de procedimentos a serem observados para atingir uma determinada finalidade.

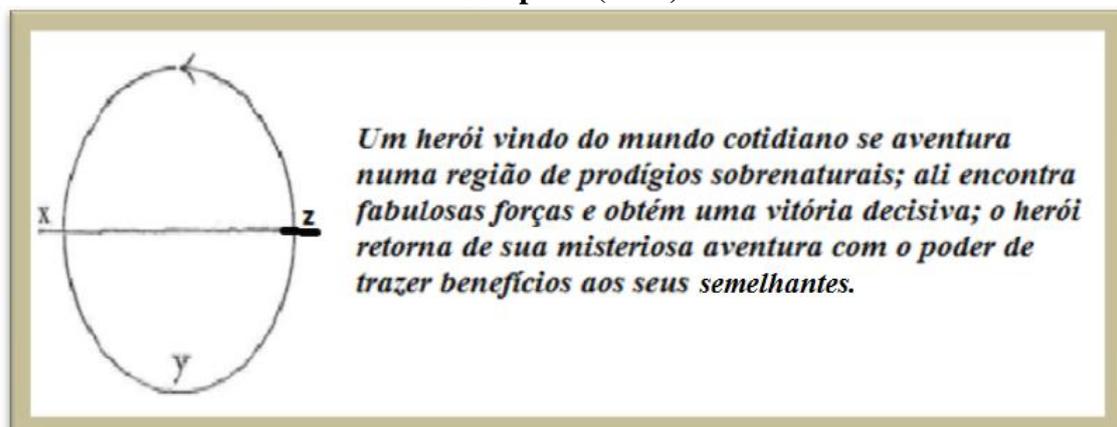
O *gênero desencaixado* história de ficção é muito utilizado no cinema, em romances, novelas etc.; um gênero consagrado principalmente por ser um formato que tenta reproduzir uma verossimilhança com “o mundo da vida”. Em muitos casos, esse formato materializa o discurso hegemônico “da vida comum”, ou melhor, a “vida como acontece nas novelas”, nos filmes, muitas vezes produzidos no padrão estadunidense de produção de produtos em massa. Esse modo de produção em massa valoriza/utiliza um discurso que confabula uma trajetória de vida diferenciada, baseada no modelo que preconiza um padrão de vida no qual as pessoas são heroínas, não são pessoas comuns.

Fairclough (2008) observa que, num mundo em que as pessoas são tratadas apenas como cifras, números ou parte de estimativas, há o desenvolvimento de práticas sociais nas quais são comuns as tentativas de criação de tecnologias discursivas que

tentam, supostamente, servir como um suporte para “devolver” às pessoas a possibilidade de um tratamento mais personalizado, que as observem em sua individualidade, dando a elas o *status* de únicas e especiais. Entre essas tecnologias, destacamos o discurso de aconselhamento, que fomenta o desenvolvimento das práticas terapêuticas, e o desenvolvimento de uma literatura de massa, que oferece possibilidades inovadoras de narrações do “mundo da vida”, nas quais as “pessoas comuns”, no decorrer das tramas, saem dessa condição de “mais um invisível na multidão” e transformam-se em “heroínas”, pessoas notadas que modificam/influenciam as pessoas ao seu redor.

Uma das maiores referências, em termos de livros ou roteiros de cinema, é o livro *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell (2010 [1949]), em que o autor busca desvendar o desenvolvimento do mito do herói nas narrativas. Em seu estudo sobre os mitos mundiais, ele chegou à conclusão de que, conscientemente ou não, os/as autores/as seguem os antigos padrões dos mitos contados e recontados em várias partes do mundo, em várias épocas, ou seja, um conjunto de histórias mitológicas de várias partes do mundo e nas quais são encontrados certos padrões que se repetem de maneira sistemática. O autor busca desvelar “algumas verdades que nos são apresentadas sob o disfarce das figuras religiosas ou mitológicas, mediante a reunião de uma multiplicidade de exemplos não muito difíceis, permitindo que o sentido antigo se torne patente por si mesmo.” Segundo Campbell, “o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação-iniciação-retorno* – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (CAMPBELL, 2010[1949]: 11). O autor representa essa ideia na seguinte figura:

Figura 4.3 – Percurso padrão da aventura mitológica do herói, segundo Campbell (2010)



Campbell desenvolveu seus estudos sob a influência dos trabalhos do psicanalista Carl G. Jung, autor que fundamentou parte de seus estudos em torno da ideia dos *arquétipos* – “personagens ou energias que se repetem constantemente e que ocorrem nos sonhos de todas as pessoas e nos mitos de todas as culturas” (VOGLER, 2006: 49) – estes formariam, para Jung, o *inconsciente coletivo* da humanidade. Com base nessa ideia, Vogler (2006) argumenta que o trabalho de Campbell sugere que

os personagens que aparecem no mundo dos mitos, como o jovem herói, o/a velho/a sábio/a, o que muda de forma e o antagonista na sombra, são as mesmas figuras que aparecem repetidamente em nossos sonhos e fantasias. Por isso é que a maioria dos mitos (e histórias construídas sobre o modelo mitológico) tem o sinal de verdade psicológica. Essas histórias são modelos exatos de como funciona a mente humana, verdadeiros mapas da psique. São psicologicamente válidas e emocionalmente realistas, mesmo quando retratam acontecimentos fantásticos, impossíveis ou irrealis. (VOGLER, 2006: 49).

A despeito das discussões a respeito da valoração de validade das ideias articuladas entre a psicanálise junguiana e os mitos universais descritos por Campbell ([1949]; 2010), é possível afirmar que o padrão *Jornada do herói* transformou-se em um “modelo” largamente utilizado na produção de histórias que compõem os produtos produzidos em larga escala. Conforme observa Vogler (2006: 47), as ideias defendidas por Campbell influenciaram significativamente as narrativas criadas depois do lançamento de seu livro, pois os/as escritores/as, cientes desses padrões, os utilizam estrategicamente para que seus trabalhos consigam êxito no mercado. Vogler (2006: 48) também observa:

Era inevitável que Hollywood se aproveitasse da utilidade da obra de Campbell. Cineastas como George Lucas e George Miller reconhecem seu débito para com Campbell, e sua influência pode ser percebida nos filmes de Steven Spielberg, John Booman, Francis Coppola e outros. Não é de se admirar que Hollywood esteja incorporando as ideias que Campbell apresenta em seus livros. Para o roteirista, produtor, diretor e cenógrafo, seus conceitos são como uma excelente caixa de ferramentas (...). Com essas ferramentas, é possível construir uma história para quase qualquer situação imaginável, uma história que, ao mesmo tempo, seja dramática, divertida e psicologicamente verdadeira. Com esse equipamento, é possível diagnosticar os problemas de praticamente qualquer enredo deficiente, e fazer as correções necessárias para levá-lo ao auge de sua *performance*.

Vogler (2006) descreve o modelo jornada do herói como uma ferramenta eficiente para a criação de histórias que possam “prender” verdadeiramente a plateia. Trata-se também de um modelo eficiente que pode ser usado para a disseminação de

histórias veiculadoras de sentidos ideológicos. A seguir, apresento o quadro-resumo dessas categorias:

Figura 4.4 – Diagrama da Jornada do Herói, segundo Campbell (2010)



Adaptado de Campbell (2010: 241).

A perspectiva da *jornada do herói* é usada, nesta pesquisa, apenas para demonstrar que esse padrão de macro-organização textual é utilizado no livro *O monge e o executivo* como estratégia de mercado, de maneira criativa, utilizando uma *tecnologia discursiva*.

Vogler (2006) sugere uma adaptação do modelo da jornada para uma espécie de roteiro que deve ser seguido, a fim de que escritores/as consigam desenvolver uma história que siga a trajetória dos grandes mitos mundiais contatos e recontados, em várias épocas, em vários lugares. Por isso, escritores/as tanto a utilizam como roteiro. Ele observa que:

[n]o fundo, apesar de sua infinita variedade, a história de um herói é sempre uma jornada. Um herói sai de seu ambiente seguro e comum para se aventurar em um mundo hostil e estranho. Pode ser uma jornada mesmo, uma viagem a um lugar real: um labirinto, floresta ou caverna, uma cidade estranha (...), um local novo que passa a ser a arena de seu conflito com o antagonista, com forças que o desafiam. (...).

Os estágios da Jornada do Herói podem ser traçados em todo tipo de história, e não apenas nas que mostram aventuras e uma ação física “heroica”. O protagonista de toda história é um herói de uma jornada, mesmo se os caminhos que segue só conduzirem para dentro de sua própria mente ou para o reino das relações entre as pessoas (VOGLER, 2006: 52).

Vogler (2006: 52) sugere ainda que escritores/as sigam as “estações no caminho da Jornada do Herói” em suas narrativas que, segundo ele, “emergem naturalmente, mesmo quando o escritor não está consciente delas”, além de poder identificar, nas narrativas, “problemas e contar histórias melhor”.

A seguir, apresento, com adaptações, um quadro-resumo da jornada do herói, conforme proposto por Vogler (2006), e como ele pode ser utilizado para o entendimento da organização do livro de Hunter (2004):

Quadro 4.7 – Quadro-resumo da jornada do herói (CAMPBELL, 2010; VOGLER, 2006) em *O monge e o executivo*

Os 12 passos de Campbell (2000)	Descrição de cada passo, segundo Vogler (2006)	Excertos do livro <i>O monge e o executivo</i> correspondentes a cada passo	Capítulo correspondente
1. Mundo comum – segurança e crise	<i>O herói é retratado em seu mundo comum, ordinário.</i> ²⁰	A vida parecia muito equilibrada em todos os sentidos, e nós nos sentíamos gratos por isso. (...) Como eu disse, aparentemente a vida era muito boa, cheia de muitas satisfações. MAS É CLARO que as coisas não são exatamente como parecem ser. Sem que eu me desse conta, minha família estava se desestruturando(...) Meu trabalho, a única área de minha vida onde eu estava seguro do meu sucesso, também passava por uma mudança. (...) Decididamente eu estava passando por um período difícil.	Prólogo
2. Chamado à aventura	<i>A rotina do herói é interrompida/alterada por algo inesperado ou incomum. Apresenta-se a ele um desafio a enfrentar.</i>	O pastor [da igreja de Rachel] sugeriu que eu me afastasse durante alguns dias para tentar refletir e colocar ordem nas coisas. Ele recomendou que eu participasse de um retiro num pequeno e relativamente desconhecido mosteiro cristão chamado João da Cruz, localizado perto do lago Michigan. Explicou que o mosteiro abrigava de trinta a quarenta frades da Ordem de São Bento, nome de um frade do século sexto que idealizou a vida monástica "equilibrada". Agora, como nos catorze séculos anteriores, os frades viviam centrados em três premissas - oração, trabalho e silêncio. (p.11).	Prólogo
3. Recusa ao chamado	<i>Nesta etapa, o herói, com medo do desconhecido, diz não à aventura, ou exprime relutância.</i>	Ouvi aquilo [o convite para participar do retiro] sem dar maior importância, e certo de que jamais seguiria a sugestão. (...).Ouvi aquilo [o convite para participar do retiro] sem dar maior importância, e certo de que jamais seguiria a sugestão. (...).	Prólogo
4. Encontro com o Mentor	<i>A figura do mentor pode ser representada por um sábio, um mago ou alguém mais experiente. A função do encontro do herói com o mentor é preparar o primeiro para enfrentar os desafios que o</i>	Meti a cabeça para dentro do banheiro e me deparei com um frade idoso, de quatro no chão, mexendo nos canos do vaso sanitário. Levantou-se vagarosamente e me vi frente a um homem no mínimo uns dez centímetros mais alto do que eu. Com um trapo, ele limpou a mão e a estendeu para mim. - Alô, sou o irmão Simeão. Prazer em conhecê-lo, John. Era Len Hoffman, (...) Ali estava uma lenda do mundo dos negócios, alguém que ganhava uma fortuna por ano no auge de sua carreira, consertando meu vaso sanitário! (p. 20)	Cap. 1 – As definições

²⁰ Apenas por questão de estilo e uniformidade manterei o nome “herói”, em vez de personagem principal ou ator social.

	<i>aguardam em sua aventura.</i>		
5. Travessia do primeiro limiar	<i>Nessa fase, o herói se compromete com sua aventura e decide ingressar num novo mundo. Sua decisão pode ser motivada por inúmeros fatores: uma necessidade, uma busca, ou algum fator que o obrigue etc.</i>	Estou passando por uma fase difícil e gostaria de ouvir alguns conselhos. (...) Eu mal podia acreditar que essas palavras tinham saído de minha boca! Eu, o Senhor Sabe-Tudo, dizendo a outro homem que passava por dificuldades e precisava de conselhos? Estava surpreso comigo mesmo ou com Simeão? Em menos de trinta segundos com esse homem, minha arrogância já tinha baixado.	Cap. 1 – As definições
6. Testes, aliados e inimigos.	<i>É nesta etapa que a maior parte da história se desenvolve. No ambiente especial – fora do mundo normal do herói –, ele passará por testes, mas receberá ajuda de aliados para enfrentar os inimigos.</i>	Bom dia. Sou o irmão Simeão. Nos próximos sete dias terei o privilégio de compartilhar alguns princípios de liderança que mudaram minha vida (...)Então aprenderemos uns com os outros nesta semana porque - por favor, acreditem - eu não tenho todas as respostas. Mas creio firmemente que juntos somos muito mais sábios do que cada um sozinho, e juntos faremos progressos nesta semana. Estão prontos?Polidamente, abanamos a cabeça, mas eu pensava: "Sim, claro! (...). Simeão pediu que cada um dos seis se apresentasse brevemente e dissesse as razões que o levaram a participar do retiro. Meu companheiro de quarto — Lee, o pregador - se apresentou primeiro, seguido por Greg, um jovem sargento do Exército bastante vaidoso. Teresa, de origem hispânica, diretora de uma escola pública, falou a seguir, e depois Chris, uma mulher negra, alta e atraente, treinadora do time de basquete da Universidade Estadual de Michigan. Uma mulher chamada Kim apresentou-se antes de mim, mas eu não ouvi o que ela disse. (p. 22). OS SEIS PARTICIPANTES DO RETIRO almoçaram juntos antes de se despedir. As lágrimas rolaram livremente. Até o pregador e o sargento se abraçaram e riram alto. O sargento sugeriu que nos encontrássemos para uma reunião dentro de seis meses - o que prometemos fazer. Greg também se ofereceu para ser o secretário do grupo e garantiu manter todos informados da data e local da reunião. O sujeito que mais parecia ter resistido ao retiro era o que não queria que ele terminasse. (p. 137).	Cap. 1 – As definições. Epílogo
7. Aproximação do objetivo	<i>O herói se aproxima do objetivo de sua missão, mas o nível de tensão aumenta e tudo fica indefinido.</i>	[Simeão] — Se você realmente está perguntando e buscando a verdade, John, acredito que encontrará o que procura. (p.74). (Obs.: depois dos primeiros encontros com o frade e com o grupo, John passa a repensar sua vida, e isso gera nele um conflito interno. (p. 74)).	Cap. 4 – O verbo
8. Provação máxima	<i>É o auge da crise.</i>	ERA UMA LINDA TARDE de outono, por isso resolvi fazer um pequeno passeio pelo penhasco arenoso que corre paralelo à praia. (...) Esta seria minha ideia de um dia perfeito, mas eu mal pude notar, porque minha mente estava em conflito. Eu me sentia excitado com as informações que vinha recebendo e com a perspectiva de aplicar os princípios ao voltar para casa. Ao mesmo tempo, porém, eu me sentia deprimido e até perturbado quando refletia sobre meu comportamento anterior e a forma como estivera liderando os que estavam confiados aos meus cuidados. Como seria ter-me como chefe? Ter-me como marido? Ter-me como pai?Ter-me como treinador? Minhas respostas a essas perguntas só serviram para fazer-me sentir pior. (p.104)	Cap. 5 – O ambiente
9. Recompensa	<i>Passada a provação máxima, o herói conquista a recompensa.</i>	ESTA É NOSSA ÚLTIMA HORA JUNTOS - Simeão começou. — Discutimos as várias recompensas que nos chegam quando nos disciplinamos para liderar com autoridade. Mas há ainda uma recompensa muito valiosa que deve ser mencionada. É a recompensa da alegria. A maioria dos grandes líderes que se apoiaram na autoridade tem falado dessa alegria - Buda, Jesus Cristo, Gandhi, Martin Luther King, até Madre Teresa. Alegria é satisfação interior e a convicção de saber que você está	Cap. 7 – A recompensa

		<p>verdadeiramente em sintonia com os princípios profundos e permanentes da vida. Servir aos outros nos livra das algemas do ego e da concentração em nós mesmos que destroem a alegria de viver. (p. 133).</p> <p>(...) OS SEIS PARTICIPANTES DO RETIRO almoçaram juntos antes de se despedir. Procurei Simeão pela propriedade (...). Nós nos abraçamos e dissemos adeus.</p> <p>- Não sei como agradecer a você por esta semana, Simeão - gaguejei sem jeito. — Aprendi coisas tão valiosas. Só espero que possa aplicar algo do que aprendi quando voltar para casa. Simeão olhou profundamente no fundo dos meus olhos e disse: - Há muito tempo, um homem chamado Syrus disse que de nada vale aprender bem se você deixar de fazer bem. Você fará bem, John, estou certo disso. (p. 137).</p>	
10.Caminho de volta	<i>É a parte mais curta da história – em algumas, nem sequer existe. Após ter conseguido seu objetivo, o herói retorna ao mundo anterior.</i>	Não sei quanto tempo passou até que o som distante de um carro aproximando-se me trouxe de volta. Pude ver um rastro de poeira seguindo nosso Mercury branco enquanto ele galgava o caminho de duas trilhas e entrava no estacionamento. (p.138).	Epílogo
11.Depuração	<i>Aqui o herói pode ter que enfrentar uma trama secundária não totalmente resolvida anteriormente.</i>	As lágrimas começaram a brotar de meus olhos e eu fiquei em pé, olhando além do lago Michigan pela última vez. Tomei uma decisão silenciosa.(p.138).	Epílogo
12.Retorno transformado	<i>É a finalização da história. O herói volta ao seu mundo, mas transformado – já não é mais o mesmo.</i>	<p>Ouvindo a porta do carro bater virei-me para ver uma Rachel sorridente correndo em minha direção. Ela nunca me pareceu tão bonita quanto naquele momento. Rachel correu para os meus braços e eu a abracei longamente, até que ela se soltou.</p> <p>- Que surpresa! - ela brincou. - Não consigo me lembrar da última vez em que eu soltei você primeiro. Que abraço bom!</p> <p>- Apenas um primeiro passo em uma nova jornada - respondi, orgulhoso. (p.139).</p>	Epílogo

Adaptado de (CAMPBELL, 2010; VOGLER, 2006).

A leitura do Quadro 4.7, além de reproduzir um panorama do enredo que compõe a narrativa construída por Hunter (2004), nos permite observar que a dinâmica do livro, apesar de sua filiação ao segmento autoajuda, em partes, pode ser associada à dinâmica da escrita dos livros ficcionais da literatura de massa. Mesmo sem um “argumento” com teor mais literário, a narrativa contempla todo enredo definido dentro da jornada do herói, enredo que se mostrou eficiente na conquista de leitores/as e espectadores/as de inúmeros livros e filmes, além, é claro, das investidas comerciais reiteradas, conforme discussão do Capítulo 1. O distanciamento da obra de Hunter em relação aos textos literários é marcado principalmente por causa da “funcionalidade”, ou da “ação estratégica”, nos termos de Fairclough (2003a), característica de um texto de autoajuda. Trata-se de uma história de ficção que assume outra configuração, diversa da obra literária. Como obra de autoajuda, o livro *O monge e o executivo* hibridiza gêneros, criando um movimento retórico que possibilita ao texto desenvolver uma

tecnologia discursiva que é capaz de inovar as (inter)ações potencialmente constituídas no texto sem, no entanto, deixar de lado o aspecto da interação discursiva potencialmente construída, típica de textos de autoajuda.

Outra questão importante a ser discutida é a potencial operação da ideologia por meio de construções discursivas de legitimação (THOMPSON, 2002; van LEUWEN, 2008). O Thompson (2002) destaca que as transformações no novo capitalismo, principalmente aquelas relacionadas às alterações necessárias para a continuidade do poder de grupos particulares, necessitam de ser reexplicadas e justificadas, de maneira que o consenso de ordem “natural” seja mantido, ou seja, a hegemonia. O autor (2002: 83) explica, por exemplo, que processos de legitimação que funcionam nesse sentido podem ser legitimados por “histórias [que] são contadas tanto pelas crônicas oficiais como pelas pessoas no curso de suas vidas cotidianas, servindo para justificar o exercício do poder por aqueles que o possuem ou servindo, também, para justificar, diante dos outros, o fato de que eles não têm poder”.

Nesse caminho, podemos perceber que o uso da narrativa em textos como o ora analisado pode servir a esse propósito: ela tem potencial para naturalizar e legitimar uma situação ou estilo de vida, ao contextualizar em uma história modos de ação e representação particulares como se fossem compartilhados por todos/as. Esse movimento pode indiciar uma tentativa de gerar um consenso em torno do que ser ou como se comportar. Por exemplo, no livro analisado, o protagonista entra em crise em várias áreas da vida. Ao ter contato com os novos “ensinamentos” a respeito de liderança, a personagem repensa sua vida, assim como seus companheiros também fizeram. Trata-se, portanto, de uma construção argumentativa singularizada por meio da narrativa que cria esse movimento retórico em um paradigma que legitima a argumentação do autor como referência a ser seguida.

4.3.1.3 – Interdiscursividade

Nesta subseção, inicio a análise do livro *O monge e o executivo*, com base em categoria analítica relacionada ao significado representacional. Esse significado associa-se às maneiras de representar os aspectos do mundo, isto é, os diferentes discursos que correspondem às diferentes perspectivas de mundo. Fairclough (2003a) destaca:

vejo discursos como maneiras de representar aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças e assim por diante, e o mundo social.(...) Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, e são associados a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, e que por sua vez dependem de suas posições no mundo, de suas identidades pessoais e sociais, e das relações sociais que estabelecem com outras pessoas. Discursos não apenas representam o mundo como ele é (ou melhor, como parece ser), eles também projetam, imaginam, representam mundos possíveis e diferentes do mundo real, e estão ligados a projetos de mudança do mundo em direções particulares.

Resende (2005:33) observa que os diferentes discursos não apenas representam o mundo concreto, como também projetam possibilidades diferentes de representação da realidade. Eles podem estar relacionados a projetos de mudança do mundo de acordo com perspectivas particulares. Segundo a autora:

[as] relações estabelecidas entre diferentes discursos podem ser de diversos tipos, a exemplo das relações estabelecidas entre pessoas – discursos podem complementar-se ou podem competir um com outro, em relações de dominação –, porque os discursos constituem parte do recurso utilizado por atores sociais para se relacionarem, cooperando, competindo, dominando. (RESENDE, 2005: 33).

Para a análise do texto de Hunter (2004), utilizarei a categoria *interdiscursividade*. Essa categoria representacional remete à heterogeneidade de um texto em termos de diferentes discursos, ou diferentes representações de aspectos do mundo. Nessa análise, identifico quais os principais discursos articulados e como são articulados e hibridizados com outros discursos. Resende (2005: 34) observa que o processo de análise interdiscursiva em um texto deve seguir duas etapas: a primeira etapa é a “identificação de que partes do mundo são representadas (os temas centrais)”; a segunda, a identificação da perspectiva particular pela qual são representadas. Como estratégia para essa análise, utilizo excertos do livro, nos quais o autor materializa discursos e discorre a respeito da temática principal do livro.

O texto analisado é dividido em sete capítulos, mais prólogo e epílogo. Também me baseio nessa divisão para investigar processos de interdiscursividade no texto. Discuto, a seguir, alguns desses capítulos, nos quais os principais discursos articulados são proeminentes.

O principal discurso que perpassa todo o texto é o que representa aspectos relacionados ao modelo de liderança proposto pelo livro. Passo a denominá-lo de “discurso do líder servidor” – em contraste com o “discurso do executivo”, adotado no início da narrativa pela personagem principal John Daily. A seguir, apresento quadros nos quais destaco os discursos articulados no livro.

Quadro 4.8 – Interdiscursividade em *O monge e o executivo*: Prólogo

Capítulo	Principais temas	Principais Discursos
Prólogo	Apresentação de contexto no qual se desenvolve a história.	<ul style="list-style-type: none"> • Discurso do executivo. • Discurso da vida, da frustração, e do conflito. • Discurso religioso.
Excertos		
<p>(5) NO FINAL DOS ANOS 1990, eu me sentia num momento de glória. Estava empregado em uma importante indústria de vidro plano e era gerente-geral de uma fábrica com mais de quinhentos funcionários e mais de cem milhões de dólares em vendas anuais. Quando fui promovido ao cargo, tornei-me o mais jovem gerente-geral da história da companhia, fato de que ainda muito me orgulho. Tinha bastante autonomia de trabalho e um bom salário, acrescido de bônus sempre que atingisse as metas da empresa.(p.9). (discurso do executivo).</p> <p>(6) E houve mais. Eu sempre fui o tipo de sujeito feliz e despreocupado, mas agora me via preocupado com praticamente tudo. Apesar do status e de todo o bem-estar que usufruía, por dentro era só tumulto e conflito. Fui me tornando melancólico e retraído. Até pequenas irritações e contrariedades me aborreciam além da conta. De fato, parecia que todo mundo me aborrecia. Eu me irritava até comigo mesmo.(p. 11).(discurso da vida).</p> <p>(7) "SIMEÃO" era um nome que me perseguia desde que nasci. Quando criança, fui balizado na igreja luterana local. A certidão de batismo mostrava que o versículo da Bíblia escolhido para a cerimônia pertencia ao segundo capítulo de Lucas, a respeito de um homem chamado Simeão. De acordo com Lucas, Simeão foi "um homem muito correto e devoto, possuído pelo Espírito Santo". Aparentemente ele teve uma inspiração sobre a vinda do Messias ou qualquer coisa do gênero que nunca entendi. Este foi meu primeiro encontro com Simeão.(p. 7).(discurso religioso).</p>		

No prólogo, Daily se apresenta como um executivo em crise, a exemplo do excerto (6), e relata que sua vida confortável está em ruínas por causa de sua postura conservadora, que não consegue perceber as alterações da vida pessoal, familiar, profissional e econômica à sua volta. Podemos constatar que esse relato é a apresentação do discurso do executivo – excerto (5)– que preconiza uma realidade na qual a personagem, apesar de usufruir de uma vida confortável em vários sentidos, dentro dos padrões hegemônicos de bem-estar, passa por uma crise, pois não consegue perceber que o mundo está em mudança. Podemos perceber que esse discurso – além de naturalizar uma condição de crise, de problema, que, portanto, necessita ser alterada – legitima o discurso do líder servidor – nesse primeiro momento sinalizado pela figura de Simeão, que lhe foi apresentada por meios de sinais, conforme se observa no excerto (7) – como solução para a suposta crise.

Depois de aceitar o convite para participar do curso de liderança no mosteiro, o protagonista entra em contato com o discurso do líder servidor, que lhe sugere “olhar” a realidade sob essa nova perspectiva:

Quadro 4.9 – Interdiscursividade em *O monge e o executivo*: Cap. 1 – As definições

Capítulo	Principais temas	Principais Discursos
Capítulo 1 – <u>As definições</u>	Redefinição do conceito de liderança, autoridade e poder. Redefinição dos relacionamentos.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do discurso do líder servidor. • Discurso religioso.
Excertos		
<p>(8) [Simeão] - <i>Os princípios de liderança que vou compartilhar com vocês não são novos nem foram criados por mim. São tão velhos quanto as escrituras e no entanto são novos e revigorantes como o nascer do sol desta manhã. Esses princípios se aplicam a cada um e a todos os papéis de liderança que vocês têm o privilégio de exercer. Por favor, saibam, se é que ainda não se deram conta, que não é por acaso que vocês se encontram aqui nesta sala hoje. Há um propósito para sua presença e espero que o descubram durante o tempo que passarmos juntos esta semana. (p. 24).</i></p>		

O excerto (8) ilustra a apresentação, por parte do monge Simeão, do principal discurso do texto: o do líder servidor. Esse discurso, como uma representação particular de aspectos do mundo, sustenta a argumentação desenvolvida no livro de Hunter. O uso da figura de um monge, um sábio senhor que vive enclausurado, que exercita a paciência e segue as regras de uma religião – além de ser um ex-executivo de grande experiência e de muito sucesso, conhecido por sua habilidade de comandar grandes empresas e salvar muitas outras da falência –, é o recurso retórico utilizado para a apresentação desse discurso, como também funciona como recurso legitimador e unificador dessa perspectiva particular que instiga um novo padrão para uma conformação das pessoas às exigências de continuidade do novo capitalismo.

É possível constatar também a hibridização do discurso do líder servidor com o discurso religioso, na qual o primeiro coloniza o segundo, além de utilizá-lo como argumento para legitimar a visão do primeiro. Esse movimento de construção de significado é explorado em todo o texto: é um curso de liderança, realizado num mosteiro beneditino e oferecido por um monge ex-executivo. As aulas, basicamente, apesar de usar o discurso religioso como um suporte para a construção de significados, são a apresentação da proposta desse “novo” conceito de liderança. Isso é indiciado pelas características da narrativa, conforme os excertos a seguir:

Quadro 4.10 – Interdiscursividade em *O monge e o executivo*: Capítulo 2 –

O velho paradigma

Capítulo	Principais temas	Principais Discursos
Capítulo 2 – <u>O velho paradigma</u>	Mudanças são inevitáveis: Desconstrução de velhos conceitos/padrões.	• Discurso do líder servidor <i>versus</i> o discurso do executivo.
Excertos		
<p>(9) Simeão assumiu a direção. — Paradigma é uma boa palavra. Paradigmas são simplesmente padrões psicológicos, modelos ou mapas que usamos para navegar na vida. Nossos paradigmas podem ser valiosos e até salvar vidas quando usados adequadamente. Mas podem se tornar perigosos se os tomarmos como verdades absolutas, sem aceitarmos qualquer possibilidade de mudança, e deixarmos que eles filtrem as novas informações e as mudanças que acontecem no correr da vida. Agarrar-se a paradigmas ultrapassados pode nos deixar paralisados enquanto o mundo passa por nós (...)</p> <p>(10) Por isso, é importante que desafie os paradigmas a respeito de nós mesmos, do mundo em torno de nós, de nossas organizações e das outras pessoas. (...) Quase todos compram a idéia do progresso contínuo, mas por definição é impossível melhorar, a não ser que mudemos. São sempre pessoas corajosas da linha de frente que desafiam e fazem as perguntas que abrirão caminho para as outras. (...) (p. 42-45).</p>		

Os excertos (9) e (10) ilustram como os discursos do líder executivo e do líder servidor são contrastados. Esse contraste é construído por meio da representação do discurso do executivo na fala do monge. Ele utiliza como recurso discursivo a conceituação da palavra *paradigma*, por meio de uma metáfora orientacional (LAKOFF & JOHNSON, 2002) que, no seu discurso, assume a significação de “padrões de orientação” ou velhos conceitos, presentes em todas as instâncias da vida. Segundo esse discurso, esses padrões também podem ser ruins se tomados como tácitos, sem abertura para atualizações. Em suma, esse discurso preconiza, como um discurso hegemônico que é, que as pessoas devem estar abertas às mudanças, a se modificarem, para, assim, conseguirem manter/conquistar espaços na sociedade. Essa desconstrução do discurso do executivo é criada com a finalidade de legitimar a ideia de que aqueles que se identificam com essa perspectiva ou com outra similar estão fadados a crise[s], como o protagonista John Daily. No excerto (10), por exemplo, o discurso principal é reforçado pela ideia de que o futuro de qualquer investimento é proporcional à medida da predisposição à mudança por parte das pessoas.

Em suma, o conflito entre o novo e o velho paradigma – representado, respectivamente, pelo conflito entre o discurso do executivo e o discurso do líder servidor – pode ser exemplificado no diagrama a seguir:

Figura 4.5 – O velho e o novo paradigma. O monge e o executivo.



Hunter (2004: 45).

O discurso do líder servidor, representado pelo “Novo Paradigma”, impõe-se como alternativa única para a sobrevivência no mundo contemporâneo no texto representado pelas personagens da narrativa. Ou seja, legitima o discurso hegemônico que apregoa que o mundo está em mudança, e as pessoas precisam mudar para sobreviverem. É um discurso que preconiza uma eterna crise daqueles que não acompanham a evolução do sistema. Isso pode ser notado pela escolha das palavras que caracterizam cada paradigma. Elas denotam a divisão entre dois grupos distintos: o primeiro, composto por pessoas que se inserem em uma realidade ultrapassada, um modelo obsoleto; o segundo é composto por pessoas que conseguem perceber as mudanças e as oportunidades e adaptam-se de forma a atender às demandas do mercado. Esse conflito também é representado pela personagem do sargento Greg, que é identificado todo tempo como alguém que não consegue perceber as mudanças ao seu redor e, por isso, não consegue melhorar seu ambiente de trabalho. Ademais, ao retratar uma personagem ligada à tradição e ao “velho modelo”, o autor constrói dois modos de identificação: uma pessoa com quem as pessoas não devem se identificar, mas, caso isso aconteça, o livro também é uma solução para esse caso.

Esse é o cerne do livro: uma determinação à mudança. É, portanto, um discurso empregado em legitimar e naturalizar a dinâmica social imposta pelo Novo Capitalismo, na qual as pessoas precisam se flexibilizar e se adequar ao padrão hegemônico de uma “máquina eficiente”, que responde bem à necessidade de atualização imposta pelo modelo capitalista.

Uma característica muito presente em livros e autoajuda é indicar qual comportamento deve ser adotado – a solução para um problema – e quais os procedimentos para alcançar essa meta, o comportamento-solução. O livro de Hunter (2004) apresenta essa configuração por meio da proposta de um modelo, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 4.11– Interdiscursividade em *O monge e o executivo*: Capítulo 3 – O modelo

Capítulo	Principais temas	Principais Discursos
Capítulo 3 – <u>O modelo</u>	Apresentação do exemplo de liderança de sucesso. Construção de um inimigo: a resistência à mudança.	<ul style="list-style-type: none"> • Discurso do líder servidor. • Discurso religioso.
<p>• Excertos</p> <p>(11) — Sim, Teresa - Simeão respondeu. - O que você está querendo perguntar nesta linda manhã? —Ontem no jantar nós tivemos uma discussão animada sobre quem foi o maior líder de nosso tempo. Muitos nomes foram sugeridos, mas parece que não chegamos a um consenso sobre quem seria. <u>Simeão, quem você acredita ter sido o maior líder de todos os tempos?</u> —<u>Jesus Cristo</u>— foi a resposta imediata. Olhei ao redor e vi que Greg levantava os olhos e um ou dois outros também pareciam desconfortáveis. Teresa continuou: - Provavelmente você acha isso porque é cristão. E natural que pense que Jesus foi um bom líder. — <u>Não apenas um bom líder, mas o maior líder de todos os tempos.</u> Simeão reenfatizou. — Cheguei a esta conclusão por razões que muitos de vocês podem não suspeitar, mas garanto-lhes que a maioria delas é muito pragmática. (...)</p> <p>(12) Simeão perguntou: — Você gostou da definição de liderança que demos juntos há dois dias, Greg? —Sim, de fato gostei. Eu mesmo contribuí para ela. —Isso mesmo, você ajudou, Greg. Concordamos que liderança era a capacidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente na busca dos objetivos identificados como sendo para o bem comum. Está certo? —Está certo. —Bem, não conheço ninguém, vivo ou morto, que possa chegar perto de Jesus Cristo na personificação dessa definição. Vamos olhar os fatos. Hoje, mais de dois bilhões de pessoas, um terço dos seres humanos deste planeta, se dizem cristãos. A segunda maior religião do mundo, o islamismo, é menos da metade menor do que o cristianismo. Dois dos maiores dias santos deste país, Natal e Páscoa, são baseados em eventos da vida de Jesus, e nosso calendário até conta os anos a partir do nascimento dele, há dois mil anos. Não me importa se você é budista, hinduísta, ateu ou da "igreja da moda", ninguém pode negar que Jesus Cristo influenciou bilhões, hoje e ao longo da História. Ninguém está próximo do segundo lugar.</p> <p>(13) — Entendo você. — E como você descreveria o estilo de liderança da administração de Jesus? — a enfermeira perguntou. O pregador de repente exclamou: — Acabo de ter uma pequena revelação e preciso falar. Se bem me lembro, Jesus simplesmente disse que para liderar você deve servir. Acho que você poderia chamar isso de liderança a serviço. Lembre-se, Jesus não usava o estilo de poder simplesmente porque não tinha poder. O rei Herodes, Pôncio Pilatos, os romanos, toda aquela gente tinha poder. Mas Jesus possuía muita influência, o que Simeão chama de autoridade, e é capaz de influenciar pessoas até os dias de hoje. Ele nunca usou o poder, nunca forçou ou coagiu ninguém a segui-lo. — Simeão, eu preferia ouvir você falar sobre seu próprio sucesso como líder — a treinadora sugeriu. — Como é que você descreveria seu estilo de liderança? — Devo confessar que é um estilo copiado de Jesus, mas estou feliz por compartilhá-lo com você. Eu o recebi de graça, por isso o darei de graça — ele disse com um sorriso divertido.(HUNTER, 2004: 60-62).</p>		

Os excertos (11), (12) e (13) ilustram a apresentação do modelo de liderança moldado na proposta do discurso do líder servidor. A característica mais marcante dessa apresentação é a hibridização do discurso principal com o discurso religioso, conforme já destaquei nas considerações do Excerto (8). O uso do exemplo de Jesus como modelo de liderança serve para a construção de significados basilares na argumentação do autor. O discurso religioso é usado como estratégia para legitimar o discurso principal e, como efeito, sofre uma descaracterização: os princípios religiosos descritos em I Coríntios 13, da Bíblia, base de fé de cristãos, são ressignificados como comportamentos ideais de um líder servidor, conforme observamos no exemplo abaixo:

Quadro 4.12 – Modelo de liderança proposto em *O monge e o Executivo*

AMOR E LIDERANÇA	
Paciência	Mostrar autocontrole
Bondade	Dar atenção, apreciação e incentivo
Humildade	Ser autêntico e sem pretensão ou arrogância
Respeito	Tratar os outros como pessoas importantes
Abnegação	Satisfazer as necessidades dos outros
Perdão	Desistir de ressentimento quando prejudicado
Honestidade	Ser livre de engano
Compromisso	Sustentar suas escolhas
Resultados: Serviço e Sacrifício	Pôr de lado suas vontades e necessidades; Buscar o maior bem para os outros

Hunter (2004: 96).

O exemplo de Jesus também assume outra função: ele é usado como valor testemunhal, mas, nesse caso, um discurso construído na perspectiva de outro discurso; um líder religioso, mas, acima de tudo, um gestor de pessoas, como deve ser o líder servidor proposto no discurso principal. Nesse caso, percebe-se mais uma estratégia ideológica de legitimação usada por esse discurso, numa tentativa de demonstrar seu caráter de validade.

Van Leeuwen (2008: 105) propõe a sistematização de quatro categorias principais de legitimação que podem ser usadas para identificar construção de processos de legitimação no discurso, a saber:

1. Autorização, ou seja, a legitimação por referência à autoridade da tradição, costume, lei, e / ou pessoas em quem é investido algum tipo de autoridade institucionalizada;
2. Avaliação moral, isto é, a legitimação por (muitas vezes oblíqua) referência a sistemas de valores;
3. Racionalização, isto é, a legitimação por referência para as metas e usos de ação social institucionalizada e/ou saberes que a sociedade tem construído para dotá-los de validade cognitiva;

4. *Mythopoesis*, isto é, a legitimação transmitida através de narrativas, cujos resultados premiam ações legítimas e punir ações não legítimas.

O autor destaca que essas formas podem acontecer separadamente ou combinadas entre si, como também elas podem ser usadas para legitimar e deslegitimar uma crítica. No caso do livro analisado, percebemos o processo de legitimação *mythopoesis*, que é caracterizado pela tentativa de legitimação por meio da narração, foi empregado no livro, quando Hunter (2004) escolhe, como “modelo de liderança”, Jesus Cristo. Em uma clara referência ao “líder carismático”, proposto por Weber (2000: 141), que se baseia “na veneração extracotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática)”. A argumentação presente no livro tenta conectar, por meio da hibridização dos discursos do líder servidor e do discurso religioso, a história descrita na Bíblia como se fosse uma narrativa possível que exemplifica e legitima o discurso principal do livro.

Na história de Hunter, há uma tentativa de legitimar o modelo de liderança proposto pelo discurso do líder servidor por meio do exemplo de Jesus. Podemos perceber que as circunstâncias sócio-históricas que, em parte, explicam a trajetória de Cristo, são eclipsadas na recontextualização feita pelo autor, a fim de que o discurso aí defendido seja legitimado também por essa referência.

Outro ponto importante relaciona-se às representações particulares apresentadas por meio das vozes das personagens. No excerto a seguir, temos as vozes do monge, do executivo, da enfermeira e do sargento. Cada uma delas simula a posição de pessoas que desempenham essas atividades sociais. O monge, por exemplo, conceitua o que vem a ser liderar do ponto de vista de um executivo influente, que alcançou sucesso. Já as falas do executivo John e da enfermeira Kim tentam reproduzir, no universo possível de cada um/a, o que o conceito apresentado pelo monge poderia representar. Essa dinâmica é repetida em todo o texto: o monge apresenta um conceito relacionado à liderança, e seus ouvintes tentam explicá-lo com base na posição exemplar que cada um ocupa no mundo social.

(14) APÓS O INTERVALO DO MEIO DA TARDE, passamos o resto do dia discutindo a importância dos relacionamentos.

Simeão começou: - Em palavras simples, liderar é conseguir que as coisas sejam feitas através das pessoas. Ao trabalhar com pessoas e conseguir que as coisas se façam através delas, **sempre haverá duas dinâmicas em jogo – a tarefa e o relacionamento.** É comum o líder perder o equilíbrio, se

concentrando apenas em uma das dinâmicas em detrimento da outra. Por exemplo, se nos concentrarmos somente em ter a tarefa realizada e não no relacionamento, quais são os sintomas que podem surgir?

- Ah, isso é fácil - a enfermeira respondeu. - Em nosso hospital basta observar quais são os chefes que têm maior rotatividade em seu departamento. Isto mostra que ninguém quer trabalhar com aquela pessoa.

- Exatamente, Kim. Se nos concentrarmos em tarefas e não em relacionamentos, podemos ter transferências, rebeliões, má qualidade de trabalho, baixo compromisso, baixa confiança e outros sintomas indesejáveis.

- Sim — fiquei surpreso em me abrir. - Recentemente houve um movimento sindicalista na minha empresa porque provavelmente estávamos muito concentrados na tarefa. Eu me concentrei nos resultados e descuidei-me do relacionamento, o que gerou muita insatisfação entre os empregados.

- Mas a tarefa é importante - o sargento aparteu. – Nenhum trabalho se sustenta se a tarefa não for executada!

- Você está completamente certo, Greg - Simeão concordou. – O líder que não estiver cumprindo as tarefas e só se preocupar com o relacionamento não terá sua liderança assegurada. Então, a chave para a liderança é executar as tarefas enquanto se constroem os relacionamentos. (HUNTER, 2004: 33-34).

Possivelmente, o efeito produzido dessa dinâmica é a simulação de um diálogo entre várias vozes e instâncias sociais, para as quais o conceito de liderança criado por Hunter poderia “satisfatoriamente” ser aplicado. Destarte, a função dessas vozes no texto vai além de servir como tecnologia discursiva: elas acionam um incrementado processo de hibridização discursiva que serve para legitimar e universalizar os discursos propostos no texto, além de supostamente criar um panorama de diálogo entre vários pontos de vista materializados nas falas das personagens.

De maneira geral, as vozes das personagens – representações de vozes de atores sociais em potencial – são apresentadas em discurso direto. Por exemplo, as vozes de John e de Greg inicialmente são contrárias à voz do monge; mesmo assim, eles são ouvidos por todos/as, numa simulação de aceitação da diferença que, ao final, também se rendem ao consenso em torno da ideia de liderança do monge-executivo. Inicialmente, essa apresentação confere uma abertura e um reconhecimento da diferença para vozes que contrastam com o discurso do líder executivo – em contraste com o modelo de liderança apresentado pelo monge –, que resulta em um conflito inicial. Ao fim do livro, essa abertura à diferença converte-se em uma simulação de criação de consenso, no qual todas as personagens envolvidas aderem ao discurso do líder servidor, apresentado pelo monge Simeão, conforme ilustra o exemplo (15):

(15) Simeão prosseguiu: — O ponto, Greg, é que há grande alegria em liderar com autoridade, servindo aos outros e satisfazendo suas necessidades legítimas. É esta alegria que nos sustentará na jornada através deste acampamento espiritual que chamamos Terra. Estou convencido de que nosso objetivo aqui não é necessariamente ser felizes ou nos satisfazer pessoalmente. Nosso objetivo aqui como seres humanos é evoluir para a maturidade espiritual e psicológica. Isto é o que agrada a Deus. Amar, servir e doar-nos pelos outros nos forçam a sair do egocentrismo. Amar aos outros nos faz sair de nós mesmos. Amar aos outros nos força a crescer.

- E isso começa com uma escolha - o sargento lembrou. - Intenções menos ações igual a nada. Temos que agir de acordo com o que aprendemos, porque, se nada muda, nada muda.

- Pode ser que eu tenha uma melhor do que essa, Greg – a diretora brincou.

— A definição de insanidade é continuar a fazer o que você sempre fez, desejando obter resultados diferentes!

O grupo todo riu.

-Nosso tempo juntos terminou - disse Simeão, ficando sério de repente. — Aprendi muito esta semana e agradeço pelos dons e descobertas que cada um de vocês trouxe para o nosso grupinho.

- Eu inclusive? - o sargento perguntou em tom de dúvida.

- Principalmente você, Greg - Simeão respondeu com sinceridade. – Ao terminar, minha oração para cada um de vocês é pedindo que tenham avançado alguns pequenos passos em sua jornada como resultado desse tempo que passamos juntos. Pequenos passos podem não fazer muita diferença numa jornada curta, mas para a longa jornada da vida são capazes de colocar vocês num lugar completamente diferente. Boa sorte e que Deus abençoe cada um no caminho que têm pela frente. (HUNTER, 2004: 135-136).

Outro ponto de destaque é a presença da representação da voz de Greg. Essa personagem, um militar totalmente ligado às tradições, também participa do grupo. Geralmente sua voz é representada como o ponto da discordância, numa tentativa de mostrá-lo como a identificação da resistência à nova forma de liderança. No Exemplo (14), temos um exemplo de sua participação “discordante”. Já no exemplo (15), podemos observar uma personagem que, embora resistente e apegada à tradição e às velhas formas de comandar, acaba se rendendo também ao modelo proposto no livro.

Convém observar que o texto *O monge e o executivo* também articula vozes “reais”. Nesse caso, essa articulação também é adaptada ao gênero história de ficção e, por isso, essas vozes são apresentadas por meio do discurso indireto e relato de ato de fala, de ideias, isto é, estão mescladas com as vozes das personagens. No texto, essas vozes são usadas como legitimadoras dos discursos assimilados pelas personagens e, quando usadas com essa função, são orientadas para o fechamento da diferença (FAIRCLOUGH, 2003a), isto é, corroboram o discurso de quem fala. No excerto abaixo, temos alguns exemplos disso:

(16) (...) Fiquei confuso e por isso perguntei: - Simeão, não está clara para mim a diferença entre poder e autoridade. Ajude-me a entender.

Com prazer, John — Simeão respondeu. - Um dos fundadores da sociologia, Max Weber, escreveu há muitos anos um livro chamado *The Theory of Social and Economic Organization* (A teoria da organização econômica e social). Neste livro, Weber enunciou as diferenças entre poder e autoridade, e essas definições ainda são amplamente usadas hoje. Vou parafrasear Weber o melhor que puder.

Simeão voltou para o quadro e escreveu:

Poder: E a faculdade de forçar ou coagir alguém a fazer sua vontade, por causa de sua posição ou força, mesmo que a pessoa preferisse não o fazer.

Todos sabemos como é o poder, não é? O mundo está cheio disso. "Faça isso ou despedirei você", "Faça isso ou bombardearemos você", "Faça isso ou bateremos em você" ou "Faça isso ou castigaremos você durante duas semanas". Em palavras simples, "Faça isso senão...". Todos vocês concordam com essa definição?

Todos nós concordamos. Simeão voltou ao quadro e escreveu:

Autoridade: A habilidade de levar as pessoas a fazerem de boa vontade o que você quer por causa de sua influência pessoal. (p.26).

(...)A diretora respondeu: - O filósofo dinamarquês Kierkegaard uma vez disse que não tomar uma decisão já é uma decisão. Não fazer uma escolha é uma escolha. (p.121).

A especificidade do texto ora analisado implica algumas dificuldades de mapeamento das vozes que ele articula, pois lidamos com vozes simuladas que se mesclam com vozes reais. Contudo, essa especificidade nos permite perceber que a interdiscursividade no texto, além de poder servir para propósitos ideológicos, também pode ser considerada mais um modo e suporte de interação discursiva. Vale ressaltar que, além desse funcionamento específico, a articulação de vozes no texto permite a veiculação de discursos particulares, que podem ser inculcados em identidades.

4.3.1.4 – Algumas considerações

Como já foi observado no Capítulo 2, gêneros podem legitimar discursos hegemônicos e contribuir para inculcá-los em identidades. Em processos de identificação, as pessoas interiorizam discursos. Livros como *O monge e o executivo* podem ser lidos por pessoas que, por meio das estratégias retóricas usadas pelos/as autores/as, podem “desenvolver uma empatia” em relação aos discursos apresentados, isto é, identificar-se com eles, e, potencialmente, internalizá-los. Nesse processo de internalização, é possível que esses discursos hegemônicos inculquem/conformem identidades. Um exemplo em nossa sociedade é a colonização do discurso econômico sobre práticas sociais religiosas. O campo social da economia, nesse caso, tem remodelado as maneiras de (inter)agir nesses meios, além de remodelar os processos de constituição de relações sociais.

Em suma, por meio de discursos veiculados em textos de pessoas que ocupam determinadas posições em determinadas relações sociais, alguns valores e processos de identificação são sugeridos como modelos possíveis e, assim, propagados. Como efeito disso, identidades podem ser conformadas, relações sociais podem ser estabelecidas e/ou mantidas, e discursos particulares podem ser impostos/apresentados como se fossem universais, legítimos e incontestáveis. Por meio de processos de interiorização, discursos podem mudar a forma como as pessoas se veem e são. Também, a forma como veem as coisas e representam aspectos do mundo.

4.3.2 – Nunca desista de seus sonhos

Nunca desista de seus sonhos, de Augusto Cury (2004), é um livro de autoajuda muito conhecido pelo público-leitor desse segmento no Brasil. Diferentemente do primeiro livro analisado, que tem uma temática mais definida – liderança –, o livro de Cury aborda uma temática mais ampla, e se propõe destinar a leitores/as que buscam “crescimento pessoal”, em várias instâncias da vida. Segundo o sítio da editora Sextante:

Quadro 4.13 – Apresentação do livro *Nunca desista dos seus sonhos* no site da Sextante

Este livro foi escrito para todos os que precisam sonhar (crianças, jovens, pais, profissionais) e não apenas para psicólogos e educadores. Ele fala sobre a ciência dos sonhos, a mente dos sonhadores, a personalidade dos que nunca desistiram dos seus sonhos. Acima de tudo este livro ensina a pensar. Provavelmente, ao lê-lo, você vai repensar a sua vida. Uma mente saudável deveria ser uma usina de sonhos. Pois os sonhos oxigenam a inteligência e irrigam a vida de prazer e sentido. *Augusto Cury*

Fonte: <http://www.esextante.com.br/>

Lançado no Brasil em 2004, este livro já vendeu mais de um milhão de exemplares no País. Trata-se de um livro voltado para o campo social da “vida pessoal”: um livro, segundo a editora, para “todos os que precisam sonhar (crianças, jovens, pais, profissionais) e não apenas para psicólogos ou educadores”. Abaixo, quadro com resumo de dados a respeito do livro:

Quadro 4.14 – Ficha técnica de “Nunca desista de seus sonhos”

Título	<i>Nunca desista de seus sonhos</i>
Autor	Augusto Cury
Editora	Sextante
Segmento editorial	Autoajuda;
Publicação no Brasil	2004 – Rio de Janeiro

A capa do livro é fortemente influenciada pelos padrões da publicidade. Traz uma fotografia de um garoto sem camisa, com os braços abertos estendidos para o céu; sua cabeça também está inclinada e seu olhar aparente dirigir-se ao céu. Na fotografia ele está de costas para o/a leitor/a. Acima dessa imagem, temos o título do livro *Nunca desista de seus sonhos*.

Figura 4.6 – Capa do Livro 2 “Nunca desista de seus sonhos



Em relação à influência do discurso publicitário na capa, é possível perceber a utilização de uma estratégia muito comum na publicidade. Carrascoza (2002: 31) relata que, geralmente, o texto publicitário utiliza, como estratégia argumentativa para persuadir seu público, a *unidade temática*. Ele acrescenta que o assunto escolhido é introduzido no tema e desenvolvido ao longo do texto como uma “única proposição de venda”. Ele destaca que essa estratégia – denominada *unique selling proposition* – é muito utilizada na publicidade estadunidense, que se parece muito com a estratégia argumentativa usada em sermões, os quais visam aconselhar fiéis a uma ação futura – o que, com base na ADC, identifica-se com o discurso religioso e com o gênero desencaixado sermão.

4.3.2.1 – Estrutura genérica

Com esta subseção, inicio a análise do livro *Nunca Desista de seus sonhos*, também utilizando as categorias analíticas relacionadas ao significado acional do discurso – estrutura genérica e macrorrelações semânticas. Os dois textos apresentam uma diferença estrutural significativa. Enquanto o livro *O monge e o executivo* é uma história ficcional, na qual a voz que fala com o/a leitor/a o faz de maneira indireta, por meio das vozes das personagens, via vozes criadas, que veiculam representações

particulares e estimulam maneiras de (inter)agir, condensando em si representações de possíveis identidades do mundo social; por sua vez, o livro *Nunca desista de seus sonhos* traz a voz do próprio autor, que se dirige diretamente ao/à leitor/a, num diálogo também simulado, pois propõe-se pessoal, direto, mas, ao mesmo tempo, dirige-se a muitos, num padrão que demonstra o uso de tecnologias discursivas um pouco diferentes das usadas no primeiro livro.

A temática abordada no livro ora analisado é mais abrangente, pois a proposta sugerida pelo autor de que as pessoas devam acreditar em seus “sonhos” – uma metáfora conceitual, aqui com um sentido mais amplo, significando “objetivos”, metas, como o próprio autor esclarece na contracapa, nas orelhas e na introdução do livro – “serve”, segundo ele, para qualquer instância da vida social, seja, emprego, matrimônio, riqueza etc. Destarte, Cury oferece um “produto” “multifuncional”, “multifocal” – em palavras também dele.

Todavia, se considerarmos mais precisamente a possível interação do público brasileiro com o livro de Cury, devemos ponderar as seguintes questões:

- como já mencionado anteriormente a respeito dos processos de intergeneracidade, em termos da ADC, o autor utiliza outras combinações de pré-gêneros e gêneros desencaixados para organizar seu texto; todavia, este livro também configura o gênero situado livro de autoajuda;

- considerando o autor como fator marca comercial (PAPALINI & RIZO, 2012), o livro recria um espaço mais significativo de interação entre autor e leitores/as, pois as pessoas, além de buscarem livros de autoajuda com temáticas “motivacionais”, também buscam “ouvir” o que esse autor especialmente tem a lhes dizer;

- por último, a formação do autor, tantas vezes “reforçada” em textos, em entrevistas, em livros, influencia bastante a escolha por títulos que trazem temáticas relacionadas à psicologia e áreas afins. É como se o livro fosse um atendimento personalizado de um médico, de alguém que, mesmo à distância, supostamente está tentando cuidar dos problemas de cada pessoa que o lê.

Textos de autoajuda destacam-se principalmente por adotarem uma estrutura genérica mais heterogênea, instável, apesar de recorrer a certas características consagradas pelo gênero, como é o caso da linguagem mais informal ou o uso das comumente conhecidas “frases de efeito” ou “clichês” (GARCIA, 2006:113). No caso do livro *Nunca desista de seus sonhos*, podemos identificar uma macro-organização retórica do gênero situado (RAMALHO & RESENDE, 2011: 127; RAMALHO, 2008)

que consiste na articulação dos pré-gêneros *exposição, narração, argumentação e injunção*, conforme é possível observar nos exemplos abaixo:

(17) Há dois tipos de sonhos. Primeiro, os sonhos produzidos quando mergulhamos no sono. Segundo, os sonhos que produzimos quando estamos acordados, vivendo as batalhas da existência, sentindo a vida que pulsa em nosso dia-a-dia. (CURY, 2004: 9).

(18) Um dia uma criança chegou diante de um pensador e perguntou-lhe: "Que tamanho tem o universo?" Acariciando a cabeça da criança, ele olhou para o infinito e respondeu: "O universo tem o tamanho do seu mundo."

Perturbada, ela novamente indagou: "Que tamanho tem o meu mundo?" "O pensador respondeu: "Tem o tamanho dos seus sonhos." (CURY, 2004: 11).

(19) Se os seus sonhos são pequenos, sua visão será pequena, suas metas serão limitadas, seus alvos serão diminutos, sua estrada será estreita, sua capacidade de suportar as tormentas será frágil. (CURY, 2004: 11).

(20) Acima de tudo este livro ensina a pensar. Provavelmente, ao lê-lo, você vai repensar a sua vida. Uma mente saudável deveria ser uma usina de sonhos. Pois os sonhos oxigenam a inteligência e irrigam a vida de prazer e sentido. (CURY, 2004: 12).

A articulação entre esses quatro pré-gêneros constituem o principal movimento retórico de construção de significados no texto, isto é, servem aos propósitos globais do gênero, a saber:

- o autor apresenta um conceito com significado socialmente partilhado para marcar um ponto de contato entre autor/leitor/a, ou reconstrói um conceito socialmente partilhado. No Exemplo (17), por exemplo, Cury destaca os dois significados de "sonho": o primeiro significando o conceito mais comumente conhecido como um fenômeno mental, decorrente das atividades cerebrais que acontecem durante o sono; o segundo, metaforicamente apresentado, significando "meta", "desejo", "objetivo", conforme é explicitado no decorrer do livro;

- depois de apresentado um "conceito-base", o autor relata uma pequena narrativa que representaria no "mundo real" uma situação na qual o "conceito-base" se materializaria na vida das personagens. Essas narrativas, nos textos, assumem um "valor testemunhal". Esse movimento retórico, muito comum em livros de autoajuda, desencadeia/desempenha algumas funções importantes: i) contextualiza/dá sentido a um conceito ou a uma avaliação no mundo da vida, além de, muitas vezes, explicitá-lo; ii) considerando a possibilidade de atuação da ideologia, legitima uma visão particular de algum aspecto da vida social por meio da universalização, pois uma ideia pode ser apresentada como se fosse partilhada e creditada por todos/as; iii) por último, as narrativas podem criar uma sensação de empatia ou antipatia do leitor/a em relação a personagens, pois simula uma relação de afinidade ou repulsa. É, portanto, uma espécie

de compartilhamento de exemplo, que pode indiciar um referencial de comportamento bom ou ruim e que pode ser seguido ou evitado pelo/a leitor/a.

- com base no conceito-base apresentado como referencial supostamente compartilhado, amparado pelo uso da narrativa, o autor apresenta sua argumentação, conforme verificamos no Excerto (19). Em algumas situações, essa ordem é alterada, mas a relação entre elas é mantida.

- podemos também observar a presença de pré-gênero *injunção*. No texto, ele é um desdobramento da *argumentação*, ou seja, o autor demonstra seu ponto de vista em relação a algum aspecto do mundo e, por meio da *injunção*, ele sugere postura/comportamento “ideal” em relação à argumentação como se fosse um desencadeamento lógico, ou, simplesmente, apresenta uma “fórmula” do que se espera que as pessoas façam em relação ao que ele defende.

Fiorin (2004: 13) destaca que “textos injuntivos, embora se apresentem como uma sequência de injunções, na verdade, transmitem um saber sobre como realizar alguma coisa, expõem um plano de ação para atingir determinado objetivo”. O autor também destaca que, em textos, a *injunção* é apresentada “no imperativo ou em forma verbal com valor de imperativo” (FIORIN, 2004: 14). Considerando a proposta de Cury, a *injunção* já é perceptível na composição do título do livro, quando utiliza a expressão “Nunca desista”. É a construção de uma cadeia de raciocínio que indicia, como um manual de autoajuda que é, que o autor disporá de argumentação motivacional que apresentará uma série de ações desejáveis para a garantia de realização de desejos. No Excerto (20), por exemplo, os traços injuntivos revelam-se nas palavras “ensina”, “vai repensar”, “deveria ser”; ações que devem ser incorporadas pelo/a leitor para a adesão aos discursos propostos pelo autor.

O Quadro 4.15, a seguir, ilustra a maneira como os pré-gêneros se configuram no texto:

Quadro 4.15 - Macro-organização retórica/estrutura genérica do gênero situado *Nunca desista dos seus sonhos*

Conceito-base/referencial	Pré-gênero
<i>(...) os sonhos que produzimos quando estamos acordados, vivendo as batalhas da existência, sentindo a vida que pulsa em nosso dia-a-dia. (...). (CURY, 2004: 9).</i>	<i>Exposição</i>
Exemplo prático	Pré-gênero
<i>Um dia uma criança chegou diante de um pensador e perguntou-lhe: "Que tamanho tem o universo?" "O universo tem o tamanho do seu mundo." Perturbada, ela novamente indagou: "Que tamanho tem o meu mundo?" "O pensador respondeu: "Tem o tamanho dos seus sonhos." (CURY, 2004: 11)</i>	<i>Narração</i>
Conclusão	Pré-gênero
<i>Se os seus sonhos são pequenos, sua visão será pequena, suas metas serão limitadas, seus alvos serão diminutos, sua estrada será estreita, sua capacidade de suportar as tormentas será frágil.(...). Acima de tudo este livro ensina a pensar. Provavelmente, ao lê-lo, você vai repensar a sua vida. Uma mente saudável deveria ser uma usina de sonhos. (CURY, 2004: 11- 14).</i>	<i>Argumentação/ injunção</i>
Conceito-base/referencial	Pré-gênero
<i>A. C. [Augusto Cury] começou a investigar esses fenômenos universais e produzir, assim, ciência básica para a psicologia, psiquiatria, sociologia, ciências da educação. <u>Ciência básica são os alicerces da própria ciência. Sem ela, o conhecimento não se expande com maturidade.</u> <u>A ciência básica na química são os átomos e as partículas atômicas; na biologia são as células e as estruturas intracelulares. Na psicologia e nas demais ciências humanas, ciência básica são os fenômenos que leem a memória, constroem os pensamentos, transformam a emoção e estruturam o "eu".</u> (CURY, 2004: 104-105).</i>	<i>Exposição</i>
Exemplo prático	Pré-gênero
<i>A. C. pesquisava essa área. Uma área que representa a última fronteira da ciência, pois desvenda quem somos e o que somos. Em seu sonho ele não desejava que sua teoria competisse com outras teorias, mas que pudesse produzir tijolos para unir, criticar e abrir avenidas de pesquisas para elas. Este era seu intrépido projeto. Para ele, as ciências humanas estavam fechadas em tribos, teorias e disputas irracionais. (CURY, 2004: 104-105).</i>	<i>Narração</i>
Conclusão	Pré-gênero
<i>Ele questionava o papel da ciência que trouxe tantos avanços tecnológicos, mas não avanços no território da emoção. Queria expandir a ciência e humanizá-la. <u>A ciência deveria servir à humanidade e não a humanidade servir à ciência.</u> (CURY, 2004: 104-105).</i>	<i>Argumentação /injunção</i>

O objetivo dessa análise até agora empreendida é demonstrar como pré-gêneros podem ser articulados criativamente para sustentar a construção argumentativa do autor. Cada um dos pré-gêneros permite a construção de espaços para a agregação de visões

particulares de mundo que se apresentam como solução para problemas enfrentados pelos/as leitores/as.

4.3.2.2 – Macrorrelações Semânticas

Gêneros voltados para informar podem ter propósitos mais estratégicos orientados para “vender uma mercadoria, uma ideia, uma concepção particular de mundo” (RAMALHO & RESENDE, 2011). Esses propósitos podem materializar-se em textos. O livro de Cury, por exemplo, oferece aos/às leitores/as a possibilidade de reflexão a respeito de vários aspectos da vida, com base em sua argumentação e nos exemplos utilizados pelo autor, ou seja, poderíamos considerar que nesse livro o autor comercializa seus conselhos, no formato livro.

O texto de Cury constitui uma *ação estratégica* de comunicação. Considerando a macroestrutura textual, podemos dizer que o livro organiza-se sob a relação semântica problema-solução e sob a relação semântica *meta/procedimentos*, conforme ilustramos com os quadros 4.16 e 4.17:

Quadro 4.16 – Macro-organização semântica do livro *Nunca desista dos seus sonhos*

PROBLEMA	<i>“Se os sonhos são pequenos, nossas possibilidades de sucesso também serão limitadas. Desistir dos sonhos é abrir mão da felicidade porque quem não persegue seus objetivos está condenado a fracassar 100% das vezes.”</i>
SOLUÇÃO	<i>“Nunca desista dos seus sonhos”.</i>

(CURY, 2004: contracapa).

Quadro 4.17 – Macrorrelação semântica meta-objetivo/procedimentos para alcançá-lo em *Nunca desista dos seus sonhos*

META	<i>Cultivar a capacidade de sonhar, pois ela é fundamental para a realização de projetos.</i>
PROCEDIMENTOS PARA ALCANÇÁ-LA	<i>Analisar/seguir a trajetória de quatro personagens – Jesus, Abraham Lincoln, Martin Luther King e Augusto Cury –, grandes sonhadores.</i>

(CURY, 2004: contracapa).

Os excertos anteriormente mostrados são trechos que exemplificam localmente a as duas macrorrelações. No trecho a seguir, também é possível perceber que Cury recorre a essas relações para a construção de sua argumentação, na qual é defendida a ideia de que acreditar em sonhos e lutar por eles é o caminho para alcançar o que se deseja. É, portanto, uma apresentação de ideias simplórias que legitimam um discurso

que atribui unicamente às pessoas a responsabilidade por suas trajetórias de vida. No Excerto (21), as partes em negrito exemplificam a *solução*. Já as partes sublinhadas exemplificam o *problema*.

(21) Você não precisará de sonhos para atravessar um pequeno atrito com alguém, **mas precisará deles** para superar suas tempestades emocionais, para vencer uma crítica injusta, uma calúnia, uma discriminação, uma deslealdade.

Precisará sonhar com a leveza da vida para superar as decepções causadas pelos estranhos e para vencer as mágoas causadas pelas pessoas que você ama.

Precisará sonhar com a solidariedade para compreender os erros dos outros, perdoar seus atos insensatos, ter esperança de que um dia mudarão.

Precisará de sonhos para entender que ninguém pode dar o que não tem. (CURY, 2004: 147).

O livro está organizado em prefácio e mais cinco capítulos. Em cada capítulo, apresenta um exemplo de vida de alguma das personagens, conforme podemos observar no Quadro 4.18 a seguir:

Quadro 4.18 – Macro-organização semântica do livro *Nunca desista de seus sonhos*: exemplos

Capítulo	Título	Proposta
Prefácio	Os sonhos alimentam a vida	Conceituação de “sonho” e delimitação de tema.
Excertos		
<p>(22) <i>Os sonhos são como vento, você os sente, mas não sabe de onde eles vieram e nem para onde vão.</i></p> <p>(23) <i>Há dois tipos de sonhos. Primeiro, os sonhos produzidos quando mergulhamos no sono. Segundo, os sonhos que produzimos quando estamos acordados, vivendo as batalhas da existência, sentindo a vida que pulsa em nosso dia-a-dia.</i> (CURY, 2004: 9).</p> <p>(24) <i>Vou falar sobre os sonhos diurnos. (...) Vou comentar sobre os sonhos que transformam o mundo. Os sonhos que nos inspiram a criar, nos animam a superar, nos encorajam a conquistar. Assim como os noturnos, os sonhos diurnos não são produzidos apenas pela motivação lógica e consciente do "eu", mas também por fenômenos inconscientes que geram uma usina de emoções e uma fonte de pensamentos. Moisés, Maomé, Buda, Confúcio, Sócrates, Platão, Sêneca, Abraham Lincoln, Gandhi, Einstein, Freud, Max Weber, Marx, Kant, Thomas Edison, Machado de Assis, Sun Tzu, Khalil Gibran, John Kennedy, Hegel, Maquiavel, Agostinho e muitos outros foram grandes sonhadores. Estes homens mudaram a história porque tiveram grandes projetos. Tiveram grandes projetos porque viveram grandes sonhos. Seus sonhos aliviaram suas dores, trouxeram esperanças nas perdas, renovaram suas forças nas derrotas. Seus sonhos transformaram sua inteligência num solo fértil.</i></p>		
Capítulo 1	O maior vendedor de sonhos da história	A trajetória de Jesus. A escolha dos discípulos.
Excertos		
<p>(25) <i>o vento roçava a superfície do mar, que levantava o espelho d' água, que produzia o nascedouro das ondas num espetáculo sem fim. As ondas espumavam diariamente e se debruçavam orgulhosamente na orla das praias. Alguns meninos cresceram correndo pela areia. Pegavam as bolhas que se formavam no estalido das ondas. Elas brilhavam nas palmas das mãos, mas logo se despediam, dissolviam e vazavam entre seus dedos, como se dissessem: "Eu pertencço ao mar." Erguendo o semblante para o mar, os meninos diziam secretamente: "Nós também lhe pertencemos".</i></p> <p><i>Assim era a vida desses jovens. Seus avós tinham sido pescadores, seus pais foram pescadores e eles eram pescadores e morreriam pescadores. A história deles estava cristalizada. Os seus sonhos? Ondas e peixes. (...)</i></p> <p><i>Todos os dias enfrentavam a mesma rotina e os mesmos obstáculos. Queriam mudar de vida. Mas</i></p>		

faltava-lhes coragem. O medo do desconhecido os bloqueava. Era melhor ter muito pouco do que correr o risco de não ter nada, pensavam. Na mente desses jovens não deviam passar inquietações sobre os mistérios da vida. A falta de cultura e a labuta pela sobrevivência não os estimulavam a grandes vôos intelectuais. Viver para eles era fenômeno comum e não uma aventura indecifrável. Nada parecia mudar-lhes o destino até que surgiu no caminho deles o maior vendedor de sonhos de todos os tempos. (...)

Não havia nada diferente no ar. De repente, dois irmãos ergueram os olhos e viram uma pessoa diferente caminhando pela praia. Não se importaram. Os passos do desconhecido eram lentos e firmes. O viandante se aproximou. Os passos silenciaram. Seus olhos focalizaram os jovens. Incomodados, eles se entreolhavam. Então, o estranho estilhaçou o silêncio. Ergueu a voz e lhes fez a proposta mais absurda do mundo: "Vinde após mim que eu vos farei pescadores de homens."

Nunca tinham ouvido tais palavras. Elas perturbaram seus paradigmas. Mexeram com os segredos de suas almas. Ecoaram num lugar em que os psiquiatras não conseguem perscrutar. Penetraram no espírito humano e geraram um questionamento sobre o significado da vida, sobre o valor da luta. Todos deveríamos em algum momento da existência questionar nossas vidas e analisar pelo que estamos lutando. Quem não consegue fazer este questionamento será servo do sistema, viverá para trabalhar, cumprir obrigações profissionais e apenas sobreviver. Por fim, sucumbirá no vazio.

O nome dos irmãos que ouviram esse convite era Pedro e André. A rotina do mar havia afogado os seus sonhos. O mundo deles tinha poucas léguas. Mas apareceu-lhes um vendedor de sonhos que lhes incendiou o espírito. Com uma sentença ele os estimulou a trabalharem para a humanidade, a enfrentarem o oceano imprevisível da sociedade.

Jesus Cristo não havia feito nenhum ato sobrenatural, no entanto sua voz tinha o maior de todos os Magnetismos, porque vendia sonhos. Vender sonhos é uma expressão poética que fala de algo invendável. Ele distribuía um bem que o dinheiro jamais pôde comprar. O Mestre dos Mestres assombra os fundamentos da psicologia.

Capítulo 2	Um sonhador que colecionava derrotas	A trajetória de Abraham Lincoln.
------------	--------------------------------------	----------------------------------

Excertos

(26) Prepare-se para conhecer a trajetória fantástica de um sonhador que extraiu coragem dos seus fracassos, sabedoria das suas frustrações e sensibilidade das suas perdas. No final, ao saber o nome do personagem, você vai ficar absolutamente surpreso.

A.L. era um jovem simples, filho de lavradores. Não teve privilégios sociais, não viveu em palácio, raramente ganhava presentes. Mas tinha uma característica dos vencedores: reclamava pouco. Nada melhor para fracassar na vida do que reclamar muito. Não sobra energia para criar oportunidades.

Desde a juventude A. L. conheceu as dificuldades da existência. Perdeu a mãe aos nove anos. O sabor amargo e cruel da solidão penetrou nos becos da sua emoção. O mundo desabou sobre ele. Perder a mãe na infância é perder o solo onde caminhar. É o último estágio da dor de uma criança. Um ser humano pode ser rico mesmo sem ter dinheiro se tem ao seu lado pessoas que o amam; mas pode ser miserável ainda que milionário se a solidão é sua companheira.

Nosso jovem poderia ser controlado pela perda, mas sobreviveu. Havia algo nele digno de elogiar: sua capacidade enorme de viajar. Viajava muito. Transportava-se para lugares longínquos e de difíceis acessos. Mas como viajava, se não tinha dinheiro? Viajava pelo mundo dos livros.

O mundo dos livros dá asas à inteligência. Quem os descobre voa mais longe. Certa vez, por não ter recursos financeiros, A.L. ousou pedir aos vizinhos e aos amigos livros emprestados. Ficava um pouco inibido, mas não tinha medo de ouvir um não. Tinha medo de não aprender. Amou cedo a sabedoria. você ama a sabedoria?

Construiu secretamente um tesouro enterrado no seu intelecto. Era comum por fora, mas um sonhador por dentro. Os maiores tesouros estão ocultos aos olhos. Pensava na vida enquanto muitos só pensavam nos prazeres momentâneos. Era possível vê-lo parado com um olhar vago. Parecia estar em outro mundo. Estava no mundo das ideias. As necessidades e sofrimentos desde a sua mais tenra infância, em vez de ceifar-lhe a criatividade, produziram sonhos. (CURY, 2004: 47-48).

(...) Estamos perdendo a singeleza, a ingenuidade e a leveza do ser. A educação, embora esteja numa crise sem precedente, é a nossa grande esperança. Precisamos sonhar o sonho de liberdade de Abraham Lincoln. Ele enfrentou o mundo por causa dos seus sonhos. Desenvolveu amplas áreas da inteligência multifocal - pensar antes de reagir, expor e não impor suas ideias, colocar-se no lugar dos outros, ter espírito empreendedor, ser um construtor de oportunidades, ter ousadia para reeditar seus conflitos. Por Tudo isso, ele se tornou autor da sua própria história. (...).

Abraão Lincoln queria libertar os escravos porque encontrou a liberdade em seu interior. Ele desenvolveu saúde psíquica e expandiu a sabedoria nos acidentes da vida e nos campos das derrotas.

Quem valoriza as dificuldades e os fracassos numa sociedade que apregoa a paranoia do sucesso? (CURY, 2004: 71).

Capítulo 3	O sonho de um pacifista que enfrentou o mundo	A trajetória de Martin Luther King
------------	---	------------------------------------

Excertos

(27) M.L.K era uma criança observadora. Amava a liberdade. Corria pelas ruas como se nada pudesse contê-la ou feri-la. Seus sonhos construíam asas em seu imaginário que alçava voo em busca da fonte do prazer. (...)A inocência de M.L.K. cedo seria abalada. Ele não imaginava que atravessaria o vale das frustrações e que seus problemas se tornariam tão volumosos que tentariam esmagar as asas da sua liberdade, encerrando-o num dramático cárcere.

Desde a mais tenra infância, sua sensibilidade fazia com que qualquer rejeição tivesse um impacto muito grande nos bastidores da sua mente. Podia suportar broncas, mas as reações de desprezo causavam-lhe grande impacto emocional. Infelizmente, elas permearam os principais capítulos da sua vida.

M.L.K. ia além da fina camada da cor da sua pele negra e não entendia por que os brancos se diferenciavam dos negros. Podem as cores zombar uma da outra e uma delas dizer "eu sou superior"? Pode a embalagem reivindicar o direito de ser mais importante do que o conteúdo? Para ele, brancos e negros tinham os mesmos sentimentos, a mesma capacidade de pensar, a mesma necessidade de ter amigos, de ser amados e de superar a solidão.

(...) Entendeu que os ditadores escravizam porque são escravos dos seus conflitos, e os autoritários dominam porque são dominados pelas áreas doentias da sua personalidade. Quem controla a liberdade dos outros nunca foi livre dentro de si mesmo.

Era um jovem promissor, podia seguir seu próprio caminho, seus próprios interesses. Porém, preferiu dar seu tempo e sua inteligência para transformar a história dos outros. Quando nossos sonhos incluem os outros, quando procuram de alguma forma contribuir para o bem da humanidade, eles suportam mais facilmente os temores da vida. Quando temos sonhos individualistas, eles são tímidos, não resistem aos acidentes do caminho. (...)

M.L.K. sabia que a discriminação causava feridas na personalidade do seu povo, mas, como não era um pesquisador da psicologia, não entendia até onde iam essas cicatrizes inconscientes. Se o povo soubesse, teria mais garra para lutar. As experiências discriminatórias arquivam-se de maneira privilegiadíssima nos solos da memória, contaminando o inconsciente coletivo (Jung, 1998). (CURY, 2004:).

Capítulo 4	Um sonhador que desejou mudar os fundamentos da ciência e contribuir com a humanidade	A trajetória de Augusto Cury.
------------	---	-------------------------------

Excertos

(28) A.c. teve uma infância difícil, mas divertida. Seus pais trabalhavam na lavoura quando adolescentes. Tiveram enormes dificuldades financeiras. De seu casamento nasceram seis filhos. Nos primeiros anos todos dormiam no mesmo quarto, numa pequeníssima casa.

Espaço apertado, coração grande, a casa de A. C. era uma bela confusão. Mas havia alegria na miséria, criatividade na escassez. As crianças faziam uma festa com quase nada. O prazer de viver sempre penetrou nas alamedas dos que exigem pouco para serem felizes. Os que exigem muito possuem um apetite psíquico insaciável.

(...)A.C., embora imaturo, não se auto-abandonou. Começou a ter longos diálogos consigo mesmo. Embora inexperiente, sua intuição criativa e o desejo ardente de superar seu secreto caos o levaram a descobrir uma técnica psicoterapêutica que revolucionaria sua vida e de seus futuros pacientes: "a mesa-redonda do eu". "A mesa-redonda do eu" é o resultado do desejo consciente do ser humano de debater com todos os atores que financiam as doenças psíquicas, como a síndrome do pânico, a depressão, a ansiedade, sejam os atores do passado (contidos no inconsciente), sejam os do presente (pensamentos, sentimentos e causas externas). É uma técnica que fortalece a capacidade de liderança do "eu" e estimula a arte de pensar.

(...)Queridos leitores, não sei se vocês perceberam, mas a história de A.C. é a história de AUGUSTO CURY; a minha própria história. Decidi compartilhá-la com vocês para dar um exemplo mais próximo de alguém que chorou, atravessou crises, abandonou seus sonhos, resgatou-os e investiu neles.

Os sonhos precisam de persistência e coragem para serem realizados. Nós os regamos com nossos erros, fragilidades e dificuldades. Quando lutamos por eles, nem sempre as pessoas que nos rodeiam nos apoiam e nos compreendem. Às vezes somos obrigados a tomar atitudes solitárias, tendo como companheiros apenas nossos próprios sonhos.

Mas os sonhos, por serem verdadeiros projetos de vida, resgatam nosso prazer de viver e nosso sentido

<i>de vida, que representam a felicidade essencial que todos procuramos. (CURY, 2004: 92-105).</i>
CAPÍTULO 5: Nunca desista dos seus sonhos
Suas considerações finais.
Excertos
<i>(29) Sem sonhos, as pedras do caminho se tornam montanhas, os pequenos problemas ficam insuperáveis, as perdas são insuportáveis, as decepções se transformam em golpes fatais e os desafios se transformam em fonte de medo. (...) Quem não vive um romance com sua vida será um miserável no território da emoção, ainda que habite em mansões, tenha carros luxuosos, viaje de primeira classe nos aviões e seja aplaudido pelo mundo. Precisamos perseguir nossos mais belos sonhos. Desistir é uma palavra que tem que ser eliminada do dicionário de quem sonha e deseja conquistar, ainda que nem todas as metas sejam atingidas. Não se esqueça de que você vai falhar 100% das vezes em que não tentar, vai perder 100% das vezes em que não procurar, vai estacionar 100% das vezes em que não ousar caminhar. (...) e você tiver de desistir de alguns sonhos, troque-os por outros. Pois a vida sem sonhos é um rio sem nascente, uma praia sem ondas, uma manhã sem orvalho, uma flor sem perfume. Sem sonhos, os ricos se deprimem, os famosos se entediam, os intelectuais se tornam estereis, os livres se tornam escravos, os fortes se tornam tímidos. Sem sonhos, a coragem se dissipa, a inventividade se esgota, o sorriso vira um disfarce, a emoção envelhece. (CURY, 2004: 152-154).</i>

Nesse livro, o autor organiza o texto em torno da *exposição*, da *narração*, da *argumentação* e da *injunção* – conforme discussão realizada no item 4.3.2.1 – Estrutura Genérica. Esse movimento retórico tenta corroborar sua crença/representação na ideia dos sonhos como “mediadores de conquistas”, além de argumentar em favor da importância de as pessoas acreditarem neles. É possível notar que o autor recorre ao gênero desencaixado narrativa biográfica – excertos (25) ao (28) exemplificam esse uso – muito utilizada em textos literários e sermões – comuns em práticas sociais relacionadas ao campo social da religião. Esse gênero desencaixado é usado como recurso argumentativo na maneira como o autor remonta em sua narrativa as histórias de quatro pessoas, a saber: Jesus Cristo, Abraham Lincoln, Martin Luther King e sua própria história – capítulos 1 ao 4 do livro em análise. Com base nos “testemunhos” dessas “personagens reais”, ele busca legitimar/sustentar sua proposta: argumenta que pessoas influentes na história da humanidade tornaram-se figuras emblemáticas porque viveram grandes sonhos que geraram grandes projetos.

O livro segue uma macro-organização retórica que pode ser dividida em três níveis. Em cada um, podemos perceber que o texto se organiza em torno de três relações semânticas distintas, respectivamente:

Quadro 4.19 Macrorrelações semânticas no livro *Nunca desista de seus sonhos*

Relação semântica textual	Locus	Exemplo
<p>Macrorrelação semântica 1: <i>Problema-solução</i></p>	<p>Capa + orelhas + contracapa + texto</p>	
<p>Macrorrelação semântica 2: Meta/procedimentos para alcançá-la</p>	<p>Texto: Prefácio + capítulos (Os sonhos abrem as janelas da inteligência – exemplos de sonhadores vencedores – nunca desista dos seus sonhos).</p>	<p>. INTRODUÇÃO: Os sonhos abrem as janelas da inteligência Apresentação da proposta do livro. (Expositivo/argumentativo/injuntivo)</p> <p>. CAPÍTULO I: O maior vendedor de sonhos da história A trajetória de Jesus. A escolha dos discípulos. (Narrativa biográfica).</p> <p>. CAPÍTULO 2: 'Um sonhador que colecionava derrotas A trajetória de Abraham Lincoln. (Narrativa biográfica).</p> <p>. CAPÍTULO 3: O sonho de um pacifista que enfrentou o mundo A trajetória de Martin Luther King. (Narrativa biográfica).</p> <p>. CAPÍTULO 4: 'Um sonhador que desejou mudar os fundamentos da ciência e contribuir com a humanidade A trajetória de Augusto Cury. (Narrativa biográfica).</p> <p>. CAPÍTULO 5: Nunca desista dos seus sonhos Suas considerações finais. (Expositivo/argumentativo/injuntivo)</p>
<p>Estrutura genérica: Organização retórica do texto.</p>	<p>Articulação de pré-gêneros nos Capítulos: Conceito-base/referencial (exposição) + Exemplo prático (narrativa) + Conclusão (argumentação/injunção)</p>	<p>(Exposição) Prepare-se para conhecer a trajetória fantástica de um sonhador que extraiu coragem dos seus fracassos, sabedoria das suas frustrações e sensibilidade das suas perdas. No final, ao saber o nome do personagem, você vai ficar absolutamente surpreso.</p> <p>(narração) A.L. [Abraham Lincoln] era um jovem simples, filho de lavradores. Não teve privilégios sociais, não viveu em palácio, raramente ganhava presentes. Mas tinha uma característica dos vencedores: reclamava pouco. Nada melhor para fracassar na vida do que reclamar muito. Não sobra energia para criar oportunidades. Desde a juventude A. L. conheceu as dificuldades da existência. Perdeu a mãe aos nove anos. O sabor amargo e cruel da solidão penetrou nos becos da sua emoção. O mundo desabou sobre ele. Perder a mãe na infância é perder o solo onde caminhar. É o último estágio da dor de uma criança.</p> <p>(argumentação/injunção) Um ser humano pode ser rico mesmo sem ter dinheiro se tem ao seu lado pessoas que o amam; mas pode ser miserável ainda que milionário se a solidão é sua companheira.</p> <p>(...) Precisamos sonhar o sonho de liberdade de Abraham Lincoln. Ele enfrentou o mundo por causa dos seus sonhos. Desenvolveu amplas áreas da inteligência multifocal - pensar antes de reagir, expor e não impor suas ideias, colocar-se no lugar dos outros, ter espírito empreendedor, ser um construtor de oportunidades, ter ousadia para reeditar seus conflitos. (CURY, 2004: 62-72).</p>

Por fim, vale ressaltar que a macro-organização narrativa dos capítulos 2 ao 4 recorre ao gênero desencaixado narrativa biográfica para apresentar as histórias dos atores sociais que são personalidades muito populares, principalmente na sociedade ocidental. Contudo, a apresentação de cada história é feita de maneira “romantizada”,

com recorrência a encadeamentos narrativos muito comuns em textos literários. Como efeito, as narrações dessas histórias trazem representações superficiais das personagens, do contexto histórico-social, das relações sociais desiguais etc., ou seja, vários aspectos sociais que poderiam promover a situação de crise na vida dessas personagens são mitigados/camuflados/eclipsados por esse modo de representação. Com isso, temos um texto que atribui os fracassos, mas, principalmente, os sucessos à força dos sonhos dessas pessoas de vencer na vida.

Outro ponto importante de discussão é a utilização de linguagem metafórica, que, na tentativa de se assemelhar à linguagem poética/literária, é recurso para a “argumentação motivacional”, o que termina por impulsionar as pessoas a adotarem uma postura em relação aos seus desejos e projetos de vida. Todavia, em alguns momentos, essa linguagem apresenta problemas que comprometem a inteligibilidade do texto. Em algumas ocasiões, as relações construídas entre as palavras parecem não produzir um significado tangível, conforme ilustramos nos exemplos (30), (31) e (32), apresentados a seguir:

(30) Quantos monstros imaginários foram arquivados nos subsolos da sua mente furtando seu prazer de viver e dilacerando seus sonhos? Todos temos monstros escondidos por detrás da nossa gentileza e serenidade. (...). A complexidade da mente humana nos faz transformar uma borboleta num dinossauro, uma decepção num desastre emocional, um ambiente fechado num cubículo sem ar, um sintoma físico num prenúncio da morte, um fracasso num objeto de vergonha. Precisamos resolver nossos monstros secretos, nossas feridas clandestinas, nossa insanidade oculta (FOUCAULT, 1998). (CURY, 2004:14-15).

(31) A maior genialidade não é aquela que vem da carga genética nem a que é produzida pela cultura acadêmica, mas a que é construída nos vales dos medos, no deserto das dificuldades, nos invernos da existência, no mercado dos desafios(CURY, 2004:18).

(32) Liberte sua criatividade. Sonhe com as estrelas, para poder pisar na Lua. Sonhe com a Lua, para poder pisar nas montanhas. Sonhe com as montanhas, para pisar sem medo nos vales das suas perdas e frustrações. (CURY, 2004:154).

Podemos observar a construção de sentenças que produzem uma argumentação esvaziada de sentido, pois são argumentos que “apelam” para o intangível, ou seja, coisas que não podem ser provadas ou refutadas logicamente.

4.3.2.3 – Representação e identificação – interdiscursividade e metáforas

Nesta subseção, analiso conjuntamente aspectos relacionados aos significados representacional e identificacional. O primeiro, ligado a escolhas dos modos de representações particulares sobre o mundo, as coisas, as pessoas e os acontecimentos; o

segundo, ligado ao aspecto discursivo de identidades. As duas categorias escolhidas são interdiscursividade e metáfora.

É perceptível que o livro em análise engendra um processo que busca persuadir seus/suas leitores/as a aderirem à proposta principal. Além dos esforços retóricos empreendidos no uso dos pré-gêneros como recurso textual de organização de seu empreendimento, o autor privilegia alguns discursos e modos de identificação na composição do texto, a fim de construir sua argumentação. Em outras palavras, é possível afirmar que os processos de representação e identificação também exercem no texto uma função estratégica, acionada pelo modo de ação discursiva.

A metáfora, como um traço identificacional de textos, é moldada por estilos particulares, conforme destaca Ramalho (2012: 177). Ela assinala que as metáforas “moldam significados identificacionais em textos, pois, ao selecioná-las em um universo de outras possibilidades, o locutor compreende sua realidade e as identifica de maneira particular, ainda que orientadas por aspectos culturais.” (RAMALHO, 2012: 177). Lakoff e Johnson (2002) destacam que a essência da metáfora é compreender uma coisa em termos de outra. Os autores também destacam:

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. (...) nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF & JOHNSON, 2002: 45).

As duas acepções de metáfora são importantes para a análise desse texto. No livro em análise há o uso da linguagem metafórica para dar à argumentação um estilo poético/literário, conforme já destacado na subseção 4.3.2.2. Ressalto, porém, que a segunda acepção de metáfora indicada pelos autores, expande a primeira acepção, mas não a exclui. Contudo, é a presença da *metáfora ordinária* no texto, além de aspectos relacionados à interdiscursividade, que discuto agora. Nos seguintes excertos

(33) (...)Jesus Cristo não havia feito nenhum ato sobrenatural, no entanto sua voz tinha o maior de todos os magnetismos, porque **vendia** sonhos. **Vender sonhos** é uma expressão poética que fala de algo invendável. **Ele distribuía um bem que o dinheiro jamais pôde comprar.**

(34) O Mestre dos Mestres assombra os fundamentos da **psicologia**. Pense um pouco. Por que **seguir** esse homem? Quais são as **credenciais** daquele que fez a **proposta**? Que implicações sociais e emocionais ela teria?

(35) O vendedor de sonhos era um estranho para os dois irmãos. Não tinha nada de **palpável para oferecer** a esses jovens. Você aceitaria **tal oferta**? Largaria vida em prol da humanidade?

(36) Jesus não prometeu estradas sem acidentes, noites sem tempestades, sucessos sem perdas. Mas prometeu força na terra do medo, alegria nas lágrimas, afeto no desespero. Parecia loucura segui-lo. Teriam de explicar para os amigos e parentes sua atitude. Mas como explicar o inexplicável? Pedro e André foram **atraídos pelo vendedor de sonhos**, mas não entendiam as consequências de seus atos. Só sabiam que qualquer **barco, ainda que fosse o maior dos navios, era pequeno demais para conter seus sonhos**.

(37) Porém quem foi mais audacioso: os discípulos ao seguir Jesus ou Jesus ao escolhê-los? **O material Humano é vital para o sucesso de um empreendimento. Uma empresa pode ter máquinas, tecnologia, computadores, mas, se não tiver homens criativos, inteligentes, motivados, que saibam prevenir erros, trabalhar em equipe e pensar a longo prazo, ela poderá sucumbir. Vejamos o material humano que o vendedor de sonhos escolheu e quais os riscos que ele correu.**

(38) **Jesus Cristo investiu sua inteligência** em pessoas complicadíssimas para mostrar que todo ser humano tem esperança. As pessoas mais difíceis com quem você convive têm esperança. A história de Jesus é um exemplo magnífico. Demonstra que as pessoas que mais nos dão dor de cabeça hoje poderão ser as que mais nos darão alegrias no futuro. O que fazer? **Invista** nelas! Não seja **um manual de regras e críticas!** Surpreenda-as! Cative-as! Ensine-as a pensar! Compreenda-as! **Plante sementes!** (Cury, 2004: 26 - 44).

Os excertos acima ilustram dois aspectos importantes do texto: o primeiro relaciona-se à presença de metáforas; o segundo relaciona-se aos processos de articulação e hibridização de discursos no texto.

Em relação ao primeiro aspecto, destaco que a narrativa da história de Jesus desdobra-se por meio da metáfora econômica e empresarial, conforme é possível observar nos trechos destacados nos excertos. No excerto (33), por exemplo, temos a metáfora conceitual – relacionada à compreensão de aspectos de um conceito em termos de outro (LAKOFF & JOHNSON, 2002: 50) – materializada na expressão que destaca que Jesus “vendia sonhos” para representar o fato de Jesus oferecer aos seus seguidores uma nova concepção de vida, e, afinal, uma contradição com Cury mesmo, já que o sonho não tem “preço”. Os Excertos (35) e (38) também ilustram esse uso. É perceptível, nesse caso, que o livro explica aspectos da história de Cristo por meio de um processo de identificação que se alinha a representações particulares em termos econômicos. Isso reforça a ideia de utilização de um processo que, por meio da racionalização, o livro legitima; um estilo de vida baseado em relações de compra/venda, de investimentos/ganhos. É observável, nesse caso, que o texto tem potencial para promover um alinhamento de identidades consumidoras: mesmo um exemplo que faz parte do campo social da religião é percebido/apresentado em termos mercadológicos.

O excerto (36) exemplifica a utilização de *metáforas ontológicas* – explicam as experiências em termos de entidades, objetos e/ou substâncias (LAKOFF & JOHNSON, 2002: 50) – para demonstrar que o que Jesus oferecia relacionava-se ao mundo espiritual. Entretanto, a linguagem romantizada usada na escolha dessas metáforas não favorece com eficiência a construção dessa significação. Já o excerto (34) exemplifica a utilização de uma metáfora orientacional – relacionada a maneiras como organizamos conceitos em relação a orientações espaciais (LAKOFF & JOHNSON, 2002: 50) – na sentença “Por que **seguir** esse homem?”, temos o verbo seguir, aqui significando aderir à proposta oferecida por Jesus, todavia, ainda relacionada ao investimento, conforme discutido acima.

Os excertos ainda nos possibilitam algumas considerações em relação ao aspecto representacional materializado no texto, no qual é possível identificar processos de articulação e hibridização de discursos. Os principais discursos do texto são o discurso da psiquiatria/psicoterapia/psicologia (34) – reforçado pela postura do autor que o utiliza como uma construção discursiva de legitimidade, o discurso poético-literário (33 e 36), o discurso do mundo da vida (36 e 38), o discurso religioso (33 a 38) e o discurso econômico (33, 34, 35, 37, 38).

Nos processos de hibridização discursiva no texto, perceber-se uma colonização do discurso religioso e do discurso da vida pelo discurso da psiquiatria/psicoterapia/psicologia e pelo discurso econômico. Essas observações indiciam que a priorização dessas representações colonizadoras são também formas de promoção de ação discursiva que funcionam como legitimadores da proposta do livro como solução para problemas de leitores/as, o que pode impulsionar as pessoas a adotarem uma postura em relação a seus desejos e projetos de vida idealizada nas maneiras de agir e interagir por meio de textos que, segundo o autor configura-se como uma tentativa de “democratizar o conhecimento científico” (CURY, 2004: 27).

Mesmo com a utilização de uma linguagem menos formal que tenta simular uma aproximação com leitores/as, o texto do autor é marcado, muitas vezes, pelo uso de metáforas conceituais e ontológicas vagas, sem referentes claros no texto. Outrossim, o autor recorre com frequência a jargões de sua profissão e a termos técnicos de sua “teoria” – além de termos que, muitas vezes, não produzem significados lógicos.

Ramalho e Resende (2011: 133) informam que, em textos específicos, “a ausência, a presença, assim como a natureza da articulação desses outros textos, que constituem vozes particulares, permitem explorar práticas discursivas existentes na

sociedade e a relação entre elas”. No caso do livro de Cury, veremos que o diálogo entre a voz do autor – por meio das representações de aspectos particulares do mundo – e outras vozes – a ciência formalizada por instituições, os/as pacientes, a imprensa etc. – produz um embate significativo.

É nessa perspectiva que acrescento, à análise dos aspectos representacional e identificacional, considerações a respeito de alguns processos de articulação das vozes – ou representações delas – no texto de Cury. Para exemplificar esses processos, utilizo o Capítulo 4: “*Um sonhador que desejou mudar os fundamentos da ciência e contribuir com a humanidade*”. Nesse capítulo, o autor apresenta sua trajetória de vida: de um menino nascido em uma família com poucos recursos econômicos a “um dos maiores vendedores de livros de autoajuda na década passada”, conforme ele mesmo se descreve:

(39) Felizmente, passados mais de 17 anos, terminei os pressupostos básicos da minha teoria e não morri. Escrevi mais de três mil páginas. Falo com humildade, mas, creio, **fiz importantes descobertas que provavelmente reciclarão alguns pilares da ciência durante o século XXI**. É provável que essas descobertas venham a mudar a maneira como vemos a nós mesmos, como entendemos a nossa espécie. Somos mais complexos do que a ciência vinha imaginando. O problema é que, apesar de amar meu país, sei que ele não valoriza seus cientistas, principalmente aqueles que desenvolvem teorias, que são fontes de pesquisas, fontes de teses. (CURY, 2004: 115, grifos meus).

A narrativa prévia se ocupa de expor os fatos da infância do autor até a vida adulta, de um cientista que teria sido desvalorizado pelo sistema acadêmico até tornar-se escritor de sucesso. Nesse percurso narrativo, podemos observar a articulação de vozes no texto de Cury que demonstram um uso estratégico para a argumentação. Mais que isso, Cury articula vozes na tentativa de legitimar sua própria voz como autoridade, de reafirmação de posição no mundo como uma voz autêntica, que produziu contribuições significativas para a humanidade, mas que não teve o reconhecimento devido, conforme ele enfatiza em sua fala anteriormente apresentada.

Por meio de traços textuais, Cury simula uma interação com os/as leitores/as. A própria narrativa demarca isso; o autor representa sua história, referindo-se a si mesmo em terceira pessoa. Ele assume a posição de narrador que não participa da história, de quem conta a história *de um sonhador* para o/a leitor/a, conforme observamos no excerto abaixo:

(40) A.C. teve uma infância difícil, mas divertida. Seus pais trabalhavam na lavoura quando adolescentes. (...) Por diversos motivos, A. C. cresceu hipersensível. Pequenos problemas causavam um impacto grande no território da sua emoção. Mas as dificuldades da vida, os atritos com os irmãos, as brincadeiras nas ruas, estimularam sua personalidade. Tornou-se dinâmico, arrojado, impulsivo, criativo. (CURY, 2004: 92-93).

Em outro momento da narrativa, o autor/narrador revela-se a seu público:

(41) Queridos leitores, não sei se vocês perceberam, mas a história de A.C. é a história de AUGUSTO CURY; a minha própria história. Decidi compartilhá-la com vocês para dar um exemplo mais próximo de alguém que chorou, atravessou crises, abandonou seus sonhos, resgatou-os e investiu neles.(CURY, 2004: 111).

O livro estabelece com os/as leitores/as um diálogo que enfatiza uma relação social entre um especialista – Augusto Cury – e leigos/as – leitores/as. É notável o esforço argumentativo de legitimação por referência a autoridade de uma posição legitimada pelas instituições sociais da modernidade tardia, como veículo de um discurso perito, que estabelece um distanciamento entre aqueles/as que sabem, e por isso ocupam posições privilegiadas na sociedade, e entre aqueles/as que não sabem e devem consumir produtos que lhes possibilitem, de alguma maneira, a aproximação a essas posições de prestígios.

(42) Meu objetivo principal como psiquiatra e psicoterapeuta era estimular meus pacientes a serem autores de suas histórias. Certa vez um engenheiro e professor universitário procurou-me com um grave quadro obsessivo. Havia vinte anos que se atormentava com inúmeras imagens diárias de uma faca entrando no peito do filho ou com imagens do seu próprio corpo mutilado num acidente de carro. Passara por 11 psiquiatras, tinha tomado todo tipo de remédio sem obter melhoras. Fora diagnosticado de psicótico erroneamente, pois, apesar de ser escravo das imagens que pensava, tinha consciência de que eram irreais. Nos últimos quatro anos, isolara-se dentro do seu quarto onde vegetava e chorava. Raramente alguém viveu num calabouço tão intenso.

Ao tratá-lo, **expliquei-lhe** o que era a construção multifocal de pensamentos. **Comentei que ou ele governava seus pensamentos ou seria dominado por eles. Incentivei-o a criticar cada pensamento de conteúdo negativo e reescrever a sua história.**

O engenheiro de profissão passou a ser um engenheiro de ideias. Aprendeu a gerenciar os pensamentos e proteger sua emoção. (Cury, 2004: 112-114).

No Exemplo (42), podemos observar que a voz do autor na situação é relatada em discurso indireto com a voz “silenciada” do paciente – engenheiro e professor universitário que procura Cury, depois de passar por 11 psiquiatras, e não obtivera até então a solução para seu problema – em um relato narrativo de ato de fala (FAIRCLOUGH, 2003: 49), denotando uma supressão da diferença da voz do paciente em relação à do autor, que se mostra hegemônica no texto. Isso resulta um favorecimento/realce da voz do autor, num movimento de legitimação da posição de psiquiatra/psicoterapeuta, detentor do método que trouxe a cura para o engenheiro. Cura que, conforme podemos observar no trecho, não foi possibilitada pelos psiquiatras anteriores, cujas vozes não estão representadas no texto, mas a maneira como o locutor refere-se a elas denota uma acentuação da diferença entre o autor e outros/as profissionais da área, com a implicação potencial de desqualificação do trabalho desses profissionais.

Outras formas de articulação de vozes podem ser encontradas no seguinte trecho do texto de Cury:

(43) Em outra vez, atendi um paciente de cor negra com baixíssima autoestima, inseguro e bloqueado, tanto por seus problemas como pelo fato de não poder pagar a consulta. Percebendo seu bloqueio, fitei-o nos olhos e perguntei com firmeza: “Quem é mais importante, eu ou você?” O paciente ficou chocado com a pergunta. Respondeu sem hesitar: “Você!”. Reagi: "Nunca diga isso. Não importam seus conflitos e sua condição financeira, você é tão importante quanto eu, tão capaz quanto eu, tão digno quanto eu.". Durante o tratamento, ele deixou de ser marionete das suas mazelas psíquicas e começou a ser diretor do palco da sua mente. Encontrou orvalhos em suas manhãs. (CURY, 2004: 113).

Notamos aqui uma abertura para dialogicidade, mas de forma parcial. O livro intercala relatos de ato de fala com discurso indireto e discurso direto. Contudo, a presença de outras vozes não resulta em abertura e reconhecimento da diferença: ela funciona como suporte para veicular uma representação com tons de preconceito, pois o autor ressalta a condição de precariedade econômica do paciente associada com sua cor de pele. Também a fala relatada do paciente em discurso direto demarca que essa voz reconhece a condição de “superioridade” do autor em relação a seus pacientes. O autor atribui a seu tratamento, representado desse trecho por uma argumentação motivacional, a cura do paciente, que passa a ser “diretor do palco da sua mente”. Podemos perceber que o autor não menciona no texto como a condição de vida do paciente foi alterada, quais condições provocaram os problemas, quais consequências do tratamento, e quais problemas foram superados. Apesar de demonstrar, por meio de sua narrativa, que possui habilidades profissionais para proporcionar a cura a seus/suas pacientes, o autor apaga totalmente as condições em que isso aconteceu, bem como os percalços sociais que poderiam desencadear problemas nesses/as pacientes, assim como também não promove a abertura para que essas vozes possam compartilhar suas impressões a respeito da interação entre médico e pacientes. Trata-se de uma representação particular construída a respeito de si mesmo que funciona como argumento de autoridade e legitima a posição de perito na interação, em detrimento de um público que é induzido a reconhecê-lo como tal.

Em outro momento, o autor descreve que, após terminar a faculdade, tentou integrar-se ao sistema acadêmico formal para continuar suas pesquisas:

(44) [AC] procurou um cientista, um doutor em psicologia, para expor suas ideias. Estava animado com a possibilidade de ser incentivado. Falou rapidamente sobre sua intenção de pesquisar a construção das ideias, a formação da consciência e a natureza da energia psíquica. O resultado? Foi humilhado. O ilustre professor lhe disse: “Você está querendo ganhar o prêmio Nobel?” Fechou-lhe a porta. A. C. ficou abatido por um tempo. Sentiu que a dor da rejeição é uma das piores experiências humanas. Mas ainda acreditava nos seus sonhos. (CURY, 2004: 109).

Cury afirma que estava interessado em receber incentivo para o desenvolvimento de sua pesquisa. Por isso, ele procura um cientista para expor suas ideias. Desse encontro, em condições não especificadas, o autor alega que foi rejeitado e humilhado. Para representar essa situação, que envolve a participação de outra pessoa, o autor faz uso do discurso indireto para relatar a voz do outro, neste caso, o pesquisador, e descrever as primeiras ações. Posteriormente, o autor destaca, em discurso direto, a voz do pesquisador: nesse caso com um tom de agressividade em relação a ele. Percebemos que mesmo o uso do discurso direto não propicia uma abertura para a diferença da outra voz, que é representada de forma caricaturizada e rude.

A segunda tentativa de Cury é apresentada no excerto abaixo:

(45) Posteriormente [AC] procurou uma outra universidade ainda maior. Desta vez foi mais preparado, pois, em vez de usar sua fala como argumento, levou uma apostila que continha centenas de páginas sobre suas ideias. Enfrentou uma banca examinadora composta de ilustres professores de psiquiatria e psicologia. Acreditava que, mesmo que rejeitassem suas ideias, poderiam pelo menos ler seus escritos e respeitar sua capacidade de pensar.

Uma examinadora pegou seu material e perguntou-lhe rapidamente do que se tratava. Ele abriu a apostila e fez um breve comentário. Ela o interrompeu perguntando quem o tinha orientado. Ele disse que o assunto era inédito, não havia orientador. O resultado? Foi mais humilhado ainda. A examinadora fechou a apostila sem folheá-la. Exalando autoritarismo e com o respaldo de toda a banca, devolveu-a dizendo que não havia espaço para ele naquela universidade. (CURY, 2004: 109).

Nesse trecho, podemos destacar algumas vozes articuladas no texto: a voz do autor (nesse caso, a voz do narrador), os/as professores/as que compunham a banca. Mais uma vez, sem esclarecer sob quais condições as ações transcorreram, o autor articula as vozes desses outros atores sociais, utilizando como recurso o discurso indireto e o relato de ato de fala. Nesse caso, podemos perceber um total fechamento para a diferença: as vozes são representadas de maneira diluída no texto, sem, contudo, terem espaço para o diálogo ou demonstração das razões que lhes justificassem as ações em relação ao trabalho do autor.

Considerando que o livro em análise tem ampla circulação em várias instâncias sociais, podemos inferir que o material tem potencial para produzir representações ideológicas sobre o campo social da ciência. Posteriormente, o autor relata que fez inúmeras tentativas de ter seu trabalho publicado, entretanto, não obteve sucesso, pois, segundo ele, as editoras consideravam seu trabalho “não comercial” (CURY, 2004: 126). Todavia, após muitas tentativas, uma grande editora aceitou publicar seu livro, no qual ele apresentava sua teoria: *Inteligência Multifocal*. O autor destaca que

(46) Quase ninguém entendeu meus textos de tão complexos que eram. Os assuntos relativos à construção dos pensamentos, à formação da consciência e à estruturação do "eu" eram novos e muito complicados [a teoria da *Inteligência Multifocal*]. Até psiquiatras, psicólogos, educadores tinham dificuldade em

compreendê-los. Apesar disso, recebi algumas mensagens de leitores dizendo que estavam impressionados com o conteúdo. Alguns cientistas começaram a usar a teoria para fundamentar suas teses acadêmicas. Mas poucas pessoas tinham acesso ao conteúdo. Poucos exemplares foram vendidos. Teria de tentar explicar minha teoria numa linguagem mais acessível ou esperar que um dia, após minha morte, as pessoas a entendessem. Naquele momento vivi um dilema. Há um conceito na ciência, perpetuado até os dias de hoje, de que um pensador deve escrever apenas textos complexos, pouco compreensíveis para a maioria das pessoas. Resolvi estilhaçar esse conceito. Decidi democratizar a ciência, tornar as descobertas acessíveis à sociedade. Resolvi escrever livros de divulgação científica. Sabia que a imprensa poderia classificar erradamente meus textos como autoajuda. Mas não me importei. O sonho de contribuir para a humanidade me envolvia. Assim, empenhei-me em nova e extenuante jornada. Senti que precisava escrever algo inédito. Como meu primeiro livro tratava do processo de construção de pensamentos e da formação de pensadores, tive a idéia de usar a teoria para analisar a personalidade de um grande pensador da história. Precisava escolher um grande personagem complexo e fascinante. Pensei em Platão, Alexandre o Grande, Freud, Einstein, John Kennedy, e muitos outros. Depois de muito pensar, fiz a escolha que aparentemente era loucura. Resolvi analisar a personalidade daquele que dividiu a história da humanidade: Jesus Cristo. Desejei conhecer, dentro dos limites da ciência, como ele protegia sua emoção, como resgatava a liderança do "eu" nos focos de tensão, como gerenciava seus pensamentos, como estimulava a arte de pensar. (CURY, 2004: 127).

Nesse caso, destaco a representação construída pelo autor a respeito do seu trabalho. Ele não reconhece seus livros como exemplares de autoajuda, mas livros de divulgação científica. Para respaldar essas afirmações, o autor destaca que a ciência apregoa que os textos elaborados por ela devam ser incompreensíveis; ele usa, portanto, como recurso argumentativo, uma acentuação da diferença ao relatar atos de fala sem identificar autores, mas reforçando sua oposição ao meio acadêmico. Além disso, o autor evoca para si uma posição de “democratizador” do discurso científico, ao propor livros de divulgação científica para a sociedade. Nesse percurso, ele traz a voz da imprensa, em relato de ato de fala, antecipando possíveis críticas e classificações dos seus livros que, segundo ele, poderiam ser errôneas.

De maneira geral, é possível perceber que, no livro, há uma suposta abertura para dialogicidade. Contudo, conforme podemos observar nos exemplos trazidos, o livro articula essas vozes como estratégia de legitimação de discursos particulares e como valor testemunhal para ratificar e colocar em evidência sua posição de autoridade. Vale ressaltar que, em alto nível, a utilização do próprio exemplo é um recurso argumentativo que busca comprovar a eficácia das ideias defendidas no livro. Como efeito, esse movimento retórico transforma-se em um discurso de autoridade, que legitima sua teoria da *Inteligência Multifocal* e a proposta do livro de promover a crença nos sonhos como pressuposto para o alcance dos objetivos/metas: o fato de acreditar nos sonhos dele que o fez ser quem é, cientista, um psiquiatra e escritor de sucesso.

4.3.2.4 – Algumas considerações

A análise empreendida até aqui permite observar que a articulação entre gêneros, os processos de hibridização de gêneros e discursos, e a macro-organização semântica textual apontam que o texto foi escrito nos moldes da literatura de massa especializada no segmento autoajuda, a qual resume certos aspectos que denotam preocupação em criar produtos que recorrem a estratégias mercadológicas que fomentam o consumo, ou seja, mais do que oferecer ajuda aos/às leitores/as, o livro demonstra potencial de autopromoção do autor e incentivo à fidelização às ideias comportadas em sua “teoria”.

O hibridismo e a articulação de pré-gêneros sugerem que a composição textual esforça-se por tentar convencer o/a leitor/a a respeito de ideias que não estão claramente desenvolvidas no texto. Todavia, nota-se um esforço empreendido, por parte do autor, por meio de sua adesão a um discurso “psico-científico”, em legitimar-se como referência intelectual para o desenvolvimento da ciência – a qual ele refuta – e como escritor que deva ser lido.

Podemos verificar que o texto tem potencial para dissimular alguns aspectos de situações que naturalizam a condição de precariedade social e reificar, bem como dissimular, situações claramente desiguais, ao sugerir que tudo depende da escolha das pessoas, dos objetivos mais comuns, conforme as narrativas desenvolvidas nos capítulos 2 a 4 do livro. Caso a pessoa não consiga aquilo que almeja, a culpa teria sido dela, pois não teria acreditado como deveria em seus sonhos que são janelas para inteligência, segundo o livro analisado.

A estrutura genérica, por sua vez, e a macro-organização retórica contribuem para legitimar relações de dominação por meio da narrativização (THOMPSON, 2002). A argumentação resume-se na relação de causalidade de que a pessoa, por meio de seus sonhos, determina seu futuro ditoso ou, caso não acredite neles, fada-se ao fracasso. Isso é perceptível no trecho abaixo:

(47) Você não precisará de sonhos para ser um trabalhador comum, massacrado pela rotina, que faz tudo igual todos os dias e que vive apenas em função do salário no final do mês. Mas precisará de muitos sonhos para ser um profissional que procura a excelência, amplia os horizontes de sua inteligência, fica atento às pequenas mudanças, tem coragem para corrigir rotas, tem capacidade para prevenir erros, tem ousadia para fazer das suas falhas e dos seus desafios um canteiro de oportunidades. Precizará de sonhos para enxergar soluções que ninguém vê, para apostar naquilo que crê, para encantar seus colegas, para surpreender sua equipe de trabalho (CURY, 2004: 148).

As soluções para todos os problemas, apresentadas no livro, são simplórias e legitimadoras do discurso hegemônico que representa a vida em termos de sucesso e fracasso, além de responsabilizar o indivíduo totalmente por sua condição social. A

narrativização corrobora para legitimar a ideia de que o futuro de cada pessoa só depende dos sonhos que ela tem. A narração no livro assume o valor testemunhal que legitima a mensagem motivacional, além de conferir *status* de legitimação para a ideia de escolha de cunho individual, obscurecendo falhas do Estado e da sociedade em situações de desigualdade social.



(Fonte: <http://blogs.odiario.com/wilteixeira/2010/06/06/tirinha-lancei-meu-livro-de-auto-ajuda/>)

onsiderações finais

Esta pesquisa é resultado de uma investigação sociodiscursiva a respeito da literatura de autoajuda, um fenômeno cultural de massa (PAPALINI & RIZO, 2012), que me levou a traçar um interessante itinerário de estudos. O trabalho de investigar uma prática social com características tão peculiares foi um percurso de surpresas, descobertas, dúvidas e, principalmente, de muito aprendizado.

A literatura de autoajuda não configura um fenômeno recente, mas uma “tradição”, a seu modo, em livros que atravessam a modernidade. No decorrer dos períodos históricos, conforme estudamos no Capítulo 1, ela foi adaptada às tendências mercadológicas e às alterações da organização da vida em sociedade, fundadas nas instituições do novo capitalismo. O discurso de autoajuda na modernidade avançada é, portanto, um discurso-chave “tecnologizado”, isto é, consiste em um tipo de tecnologia discursiva pautada na racionalidade técnica da administração, no discurso de aconselhamento terapêutico e de outras áreas afins. Esses discursos têm potencial para colonizar o mundo da vida – o trabalho, as relações sociais, as subjetividades, a vida privada – (BOSCO, 2001; FAIRCLOUGH, 2008 [1992]), para moldá-lo à lógica mercadológica. Foi nessa perspectiva que esta pesquisa se inseriu: busquei investigar essa articulação significativa entre linguagem e práticas terapêuticas em livros de autoajuda, e o papel da linguagem na construção de significados por meio dessas práticas, na sustentação de relações desiguais de poder.

Livros de autoajuda podem ser caracterizados por seu apelo comercial/mercadológico e pelas tecnologias de linguagem empregadas nas composições textuais. Em relação ao primeiro aspecto, busquei apresentar a conjuntura social de produção-circulação-consumo desses livros, analisando práticas sociais interligadas, tais como a das práticas terapêuticas e do mercado editorial. Em relação à análise textual, partindo da perspectiva que textos materializam formas de (inter)agir, representar e identificar(-se), dei prosseguimento a uma investigação que deu enfoque ao caráter discursivo do problema social em questão.

A análise da conjuntura permitiu-me conhecer a respeito do desenvolvimento das práticas terapêuticas (livros de autoajuda, grupos de apoio, programas de televisão etc.), que foi um desdobramento da popularização da psicanálise e da psicologia. De forma geral, é possível constatar que livros de autoajuda existem por demanda/opportunidade de mercado: há uma indústria cultural produtora de bens de

consumo de massa, organizada para produzir, fazer circular e vender livros para públicos potencialmente consumidores desse tipo de literatura – um/a leitor/a potencial, que é imaginado/a com bases em informações que surgem de estatísticas, caracterizando nichos de públicos. Segundo Papalini e Rizo (2012: 129), esses públicos em potencial são resultados de informações estatísticas ou quantitativas que tratam leitores/as singulares como componentes de uma totalidade, na qual estão delimitadas algumas características, isto é, subgrupos ou segmentos que reúnem certas características que, ao final, vão gerar certos tipos de livros. Isso corrobora as várias segmentações temáticas percebidas nas principais pesquisas realizadas acerca do segmento autoajuda.

Considerando que existem vários segmentos de público, cada livro é projetado para atender a possíveis demandas desses segmentos de forma individualizada. É a partir desse ponto o interesse maior de nossa investigação: entender como um livro, imaginado para vários leitores/as, constrói – ou simula construir – uma interação entre autores/as – que oferecem soluções para problemas enfrentados por pessoas – e leitores/as – que, atraídos/as pela proposta do livro, podem demonstrar receptividade em relação à proposta. Ou seja, há ofertas de pontos de vistas para possíveis buscas.

O estudo indica que os livros de autoajuda investigados buscam criar uma interação individualizada em maneiras específicas de (inter)agir, representar e identificar, por intermédio de movimentos retóricos específicos que recorrem a algumas tecnologias de linguagem, isto é, por meio de comunicação estratégica estabelecida em uma via, que simula uma interação com leitores/as como uma relação de proximidade.

Também verificamos que, como elementos de eventos sociais, textos podem produzir alguma mudança, que pode ser significativa, dadas as nossas condicionantes em comunidade e os preceitos ideológicos que nos desafiam. Eles podem contribuir para mudanças, que podem ser condicionantes, em pessoas – suas crenças, atitudes etc. – em ações, em relações sociais e no mundo material. Nessa concepção, textos materializam formas de (inter)agir, representar e identificar. Para essa análise, como perspectiva dialética, estudei, com base no *corpus* da pesquisa, como pré-gêneros, articulados ou hibridizados, articulam determinadas maneiras de agir que podem veicular e legitimar representações particulares (discursos) que podem ser inculcados em identidades sociais.

É importante frisar que neste trabalho apresento análises que contemplaram apenas alguns aspectos discursivos da prática social em questão e que, por isso, muitos outros não foram mencionados ou não ganharam uma dimensão analítica. Desse modo,

escolhi a perspectiva dos modos de (inter)ação discursiva: as categorias relacionadas aos significados representacional e interacional foram importantes para estudar maneiras como determinadas formas de ação legitimam e naturalizam representações particulares que são articuladas e hibridizadas nos textos, produzindo significados específicos que podem ser inculcados em identidades, com potencial para conformar identidades.

Com base nas análises dos livros *O monge e o executivo* e *Nunca desista dos seus sonhos*, realizadas no Capítulo 4, faço, a seguir, algumas considerações em relação a alguns pontos que se destacaram na análise:

a) Em relação à estrutura genérica dos livros, é possível perceber que os autores recorrem a determinadas maneiras de articulação e hibridização de pré-gêneros e gêneros desencaixados que permitem a construção de significados que sustentam a proposta de cada livro. No livro *Nunca desista dos seus sonhos*, por exemplo, o autor recorre ao gênero desencaixado narrativa biográfica, que funciona no texto como suporte para a articulação e hibridização do discurso do líder servidor, com outros discursos – o religioso, o do mundo da vida etc. – funcionando como exemplificação a ser seguida por leitores/as.

Nos dois livros analisados, a narrativa é uma tecnologia discursiva usada para fundamentar e legitimar os discursos particulares propostos como solução para problemas ou dica a ser seguida. Além disso, ela funciona como recurso identificacional, ao propor estilos de vida a serem seguidos e/ou copiados por leitores/as, como é o caso do livro de Cury, no qual o autor relata a história de sua vida, identificando-se como um modelo a ser seguido, que alcançou sucesso apenas por acreditar em seus sonhos. Essa narrativa eclipsa por completo condições sociais excludentes que impossibilitam a muitos/as o acesso a algumas instâncias sociais. Por meio das narrativas, os autores buscam criar uma atmosfera de aproximação entre autor/personagens/leitores/as. Ao assumir o papel de depoimento, testemunho, as narrativas assumem um caráter persuasivo, pois, além de conferir *status* de verdade e de legitimidade aos autores, funcionam como demonstração na realidade do que aconteceria com as pessoas caso elas seguissem ou não os procedimentos propostos.

b) Os dois livros seguem macro-organizações textuais diferentes, todavia apoiam-se nas relações semânticas problema-solução e meta-procedimentos, indicadas como convenções genéricas de livros de autoajuda. Também podemos perceber que os autores articulam com as suas outras vozes que, à primeira vista, parecem gerar uma

abertura para a diferença. Contudo, é possível perceber que a abertura para outras vozes é estratégica, pois sua presença nos textos serve apenas para corroborar com as ideias defendidas pelos autores, num movimento de legitimação ideológica da posição desses autores como autoridades que ocupam um espaço na sociedade que lhes permite ser referências.

c) É notável nos textos a presença de processos de articulação e hibridização de discursos, demonstrando assim grande potencial para a veiculação de representações particulares de aspectos do mundo como únicas e legítimas. Essas representações, por sua vez, podem ser convertidas em processos de identificação. Os autores, ao proporem mudanças de vida para leitores/as, com base em suas experiências de mundo ou conhecimento perito, estão, de certa forma, fornecendo regras sociais de conduta e representações particulares, que podem interferir na dinâmica social e serem usadas como estratégias para conformação de indivíduos à lógica mercadológica.

A escolha de determinadas personagens – criadas ou históricas – propicia a promoção desses processos identificacionais, criando uma “atmosfera de empatia” – um movimento retórico significativo para a pesquisa – entre leitores/as e personagens. Como efeitos possíveis, é viável concluir que esse processo de identificação, a priori, visto como movimento retórico de interação entre leitor/a e autor e/ou personagem, também tem potencial para desencadear um processo de internalização de discursos particulares de grupos hegemônicos que buscam a manutenção/conquista de sua posição de poder. Esse é o caso do discurso do líder servidor, discutido na análise do livro *O monge e o executivo*, o qual preconiza que as pessoas devem estar dispostas a mudar para sobreviver no mundo competitivo. Isso inclui, por exemplo, a submissão do líder à dinâmica do mercado.

Além disso, essas visões particulares de aspectos do mundo, materializadas nos livros analisados, se internalizadas, também desencadeiam processos de conformação de identidades à lógica capitalista, a quem interessa a manutenção de um “exército” de consumidores/as, pessoas passivas, preocupadas apenas consigo mesmas, conforme tão bem destaca Illouz (2010). Todavia, a busca para alcançar esses modelos de “identidade de sucesso”, como por exemplo, o executivo de sucesso, ou, no padrão do livro, um “líder servidor”, revela uma busca por enquadramento de identidades forjadas e desejadas pelo novo capitalismo, que precisa de pessoas submissas às suas regras que favorecem a poucos/as em detrimento de muitos/as.

Como ferramenta eficiente de grupos, muitas práticas terapêuticas, dissimuladas como a “face bondosa de um sistema cruel”, servem eficientemente como um “exército produtor e conformador” de identidades “moldadas” ao sistema, além de legitimar de várias maneiras as relações sociais que servem como base para a manutenção de grupos hegemônicos opressores.

Como apontamos no Capítulo 1 e no Capítulo 4, Fairclough (2008: 129-130) descreve o aconselhamento como um “modo de conversar com as pessoas sobre elas mesmas e seus problemas, aparentemente, não diretivo, não avaliativo”. Ele também destaca que o aconselhamento “circula como técnica em muitos domínios institucionais, como efeito da reestruturação das ordens de discurso”. Todavia, ele ressalta que esse tipo de discurso é altamente ambivalente em termos ideológicos e políticos, pois ele tem como proposta “oferecer espaço às pessoas como indivíduos num mundo que os trata cada vez mais como cifras”. Segundo o autor, esse fato demonstra que o aconselhamento mostra-se uma prática contraditória. Entretanto, o autor destaca que o aconselhamento é usado como estratégia em práticas de natureza disciplinar em várias instituições, “o que o faz parecer mais uma técnica hegemônica por trazer sutilmente aspectos das vidas particulares das pessoas para o domínio do poder.” (FAIRCLOUGH, 2008:129-130).

A relação entre o discurso de autoajuda e a sociedade produz efeitos reais: de um lado estão as pessoas que buscam em livros a possibilidade de serem ajudadas a superarem/ enfrentarem os desafios/imposições da configuração da vida na sociedade capitalista contemporânea; do outro, os livros de autoajuda, produtos de uma contingência de mercado, com suas “receitas” para a superação desses obstáculos que, de acordo com o que observamos na análise do *corpus*, são suportes de representações particulares de aspetos do mundo. Em livros de autoajuda persiste um caráter funcional que pode promover alterações nas maneiras como as pessoas podem perceber determinados problemas ou aspectos do mundo, ou seja, esses livros têm potencial para acionar significados que podem ter efeito no mundo real, para mudar as pessoas, suas formas de ser, de representar aspectos do mundo e suas relações com as outras. A esse respeito, Illouz (2011: 20) também observa que a importância da literatura de aconselhamento na modernidade tardia destaca-se principalmente pela produção de um vocabulário para o eu e para a negociação das relações sociais. A autora também destaca que grande parte do material cultural contemporâneo nos chega

sob a forma de conselhos, advertências e receitas do que fazer, além de em muitos *loci* sociais o “eu” buscar se fazer sozinho, “recorrendo a diversos repertórios culturais para decidir seu curso de ação”.

Por fim, enfatizo que a abordagem teórico-metodológica da ADC foi adequada para a consecução desta pesquisa, pois permitiu o desenvolvimento de um estudo que congregou análise de texto com análise social, o que possibilitou uma análise crítica da realidade social situada, na qual se configura a prática social da autoajuda, além de contribuir para a problematização de ações promovidas por meio de discursos particulares de grupos – mercado editorial, escritores/as, mundo empresarial etc – que, por meio da propagação de discursos disciplinadores, como é o caso da autoajuda, buscam manter suas posições hegemônicas na lógica do novo capitalismo.



(Fonte: <http://markellyortlieb.wordpress.com/2009/04/>.)

Referências

- ACOSTA, Maria Del Pilar Tobar. *Protagonismo face à inevitabilidade da violência: vozes da rua em “Ocas” e em “O Trecheiro”*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2012.
- ALONSO, Denise Michelin. *A argumentação em textos de auto-ajuda*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade de Campinas, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUER, Martin W, GASKELL, George & ALLUM, Nicholas C. *Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento*. In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BOSCO, Angelo Marcos . *Sucessos que não ocorrem por acaso: literaturas de auto-ajuda*. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, [1949], 2010.
- CHAGAS, Arnaldo. *O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda*. Rio Grande do Sul: Unijuí. 2002.
- CHENG, Martha . *The selves of self-help books: Framing, argument, and audience construction for social and autonomous selves*. Rollins College, LORE 6.2 May, 2008.
- CHOULIARAKI, Lilie & FAIRCLOUGH, Norman *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinbourg University, 1999.
- CURY, Augusto Jorge. *Nunca desista de seus sonhos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- DIAS, Juliana de Freitas. Analistas de Discurso e sua prática teórica e metodológica. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 12(2), p. 213-246, 2011.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, Emília (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003a.

FAIRCLOUGH, Norman. El análisis crítico del discurso como método para la investigación em ciências sociais. In: R. WODAK & M. MEYER (orgs.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Trad. Fernández y B. Eguibar. Barcelona: Gedisa, 2003b.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Org. Isabel Magalhães. Brasília: UnB, 2008.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES, Maria Carmen Aires. *Corpo, política e tecnologização: Um estudo da representação da Dilma Roussef no contexto da Mídia*. In: SILVA, Denise Elena Garcia. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Vol 12 (1). Brasília: Thesaurus, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Império*. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Lábor, 1976.

HUNTER, James C. *O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

ILLOUZ, Eva. *La Salvación del alma moderna – Terapia, emociones y la cultura de la autoayuda*. Trad. Santiago LLach. Buenos Aires: Kats Editores, 2010.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas: EDUC; Mercado das Letras, 2002.

LEEUWEN, Theo van. *New Tools for Critical Discourse Analysis*. Oxford University Press, 2008.

LINCOLN, Yvonna & DENZIN, Norman. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006.

MAGALHÃES, Izabel. *Teoria Crítica do Discurso e Texto*. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão/SC, v. 4: Esp., 2004.

MAGALHÃES, Izabel. *Análise do discurso publicitário*. Revista da ABRALIN, v. 4, nº 1 e 2, 2005.

MARTELLI, Carla Giani. *Auto-ajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso*. Rio de Janeiro. Azougue Editorial, 2006.

MARCURSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MERENCIANO, Levi Henrique. *Abordagem semiótica dos textos de auto-ajuda*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara, 2009.

MEYER, Bernard. *A arte de argumentar*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly. *Como fazer pesquisa qualitativa?*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAPALINI, Vanina & RIZO, Ana Valeria. Literatura de circulação massiva: de la producción a la recepción. El caso de los lectores de autoayuda. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v13 (2). Brasília: Thesaurus, 2012.

PARDO ABRIL, Neyla Graciela. *¿Que nos dicen? ¿Que vemos? ¿Que és... pobreza?* Bogotá: Universidad Nacional de Colômbia, 2008.

PARDO, Maria Laura. *Teoria y Metodología de la investigación Lingüística: método sincrónico-diacrónico de análisis lingüístico de textos*. Buenos Aires: Tersites, 2011.

PEASE, Allan & Barbara. *Por que as mulheres fazem amor e os homens fazem sexo? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 20ª edição, 2000.

PEDRO, Emília. *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

PIMENTA, Sônia & BRITO, Regina. *A Gramática do Design Visual*. In: LIMA, Cássia; PIMENTA, Sônia; AZEVEDO, Adriana. *Incursões Semióticas: Teoria e Prática de Gramática Sistemico-Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

RAMALHO, Viviane. *Discurso e ideologia na propaganda de medicamentos: um estudo crítico sobre mudanças sociais e discursivas*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2008.

RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica e Realismo Crítico – Implicações Interdisciplinares*. São Paulo: Pontes, 2009.

RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica da publicidade: um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil*. Covilhã: Livros LabCom, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/ramalho-analise-2010.html>. Acesso em 02 fev. 2013.

RAMALHO, Viviane. Contato de gêneros discursivos: hibridismos na Comunicação em saúde. *Papia*, v.21, p.101 - 116, 2011.

RAMALHO, Viviane. Gêneros discursivos e ideologia: elementos para estudos críticos. In: *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática*. São Paulo: Pontes, 2012.

RAMALHO, Viviane. Gêneros discursivos e ideologia: elementos para estudos críticos In: MELO, Iran (org.). *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2012, p. 139-187.

RESENDE, Viviane. *Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2005.

RESENDE, Viviane. *Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico*. Campinas: Pontes, 2009.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Col. Linguagem e Sociedade. v. 1. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane. "Ivan: o andarilho-jardineiro": representação discursiva da situação de rua em um texto de mídia escrita In: CORACINI, M. J. (org.). *Identidades silenciadas e (in)visíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Campinas: Pontes, 2011, p. 83-99.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane. Inequality and representation: critical discourse analysis of news coverage about homelessness In: PASCALE, M. (org.) *Social inequality & the politics of representation: a global landscape*. California: SAGE, 2012, v.1, p. 21-34.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de Auto-ajuda e Individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, 1996.

SILVA, Denize Elena Garcia; RAMALHO, Viviane. “Reflexões para uma abordagem crítica dos gêneros discursivos”. *ALED/Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 8 (1), 2008.

SILVA, Denize Elena Garcia da & RAMALHO, Viviane. Discurso, imagem e texto verbal: uma perspectiva crítica da multimodalidade. *ALED - Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v.12, p.7 - 29, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.

SOBRAL, Adail Ubirajara. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente de auto-ajuda*. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

SMILES, Samuel. *Ajuda-te (Self Help)*. Rio de Janeiro: Guarnier, s/d (publicação original: 1859).

SWALES, John M. *Genre Analysis: english in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University, 1990.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. Pedrinho A. Guareshi. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEJA *O poder da autoajuda*. São Paulo: Abril, 2141, Ano 42, número 48, (2009) p.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*. Trad. Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. vol. 1. Brasília: UnB, 2009.

WODAK, Ruth. “De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos”. In: R. WODAK & M. MEYER (Orgs.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Trad. T. Fernández y B. Eguibar. Barcelona: Gedisa, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.